



União dos Escoteiros do Brasil  
Diretoria de Métodos Educativos  
Equipe Nacional de Gestão de Adultos

## MÓDULO TÉCNICO DE MÍSTICA E TRADIÇÕES



Reelaborado a partir do antigo manual da UEB, por:

Ch IM Fernando Antônio Lucas Camargo – RMG

Ch IM Blair de Miranda Mendes – RMG

Ch IM Carlos Magno Torres – RMG

Ch IM Alisson João da Silva – RMG

Ch IM José Henrique Cunha Santos (Fafi) – RMG

Revisão: Janeiro/2017

## MÓDULO TÉCNICO DE MÍSTICA E TRADIÇÕES

### 1. OBJETIVO:

Proporcionar aos membros adultos do Movimento Escoteiro conhecimentos que lhes permitam conduzir atividades escoteiras enfatizando o elemento espiritual, abordando com maior profundidade e abrangência os marcos simbólicos que afirmam e reforçam a identidade grupal, enfatizando sua aplicação pedagógica.

### 2. PROBLEMA:

Há tempos na vida das pessoas e dos grupos sociais nos quais a “fé” é posta em dúvida, símbolos têm seu valor negado ou, por outro lado, exacerba-se a criação de pseudoidentidades votada à cisão social em grupelhos *nós X eles*. Ou, ainda, há a repetição irrefletida de “rituais tradicionais” *porque sempre foi assim*, sem que se busque compreender o significado e a legitimidade (ou não) da prática.

### 3. DADOS DISPONÍVEIS:

A espiritualidade é uma dimensão humana que muitas vezes é pensada apenas sob o prisma da religiosidade. Mas o pertencimento grupal, o *espírito de Patrulha ou de nação* também entra nesta dimensão, pois transcende a matéria corporal e mesmo o tempo e o espaço, pois estabelece vínculos com pessoas que viveram décadas ou séculos antes, reforçando e ampliando os laços de caráter afetivo. Os ritos de iniciação, de celebração e de passagem ajudam a definir com clareza o estágio de desenvolvimento do ser humano, suas prerrogativas e seus deveres, identificando-o perante si mesmo e perante o grupo social. Assim, por meio dos marcos simbólicos, consolida-se a construção da personalidade.

### 4. CONTEÚDO DO MÓDULO:

Para além da visão geral dos cursos sequenciais do Esquema da Insígnia de Madeira, o Módulo Técnico de Mística e Tradições (MT-MIT) tem as seguintes Unidades Didáticas:

**UD 1: Mística e tradições:** conceitos de mística, tradições, misticismo, símbolos, rituais; o contexto de criação de tradições e sua continuidade histórica; símbolo como elemento de identidade (45 min).

**UD 2: Mito fundador e elementos de história:** biografia de B-P e história do Escotismo; Escotismo no Brasil; Modalidades; Caio Viana Martins (30 min).

**UD 3: Símbolos do Escotismo:** flor de lis; lema; Promessa e Lei; saudação; aperto de mão; uniforme; lenço; Bandeira de Seção/Ramo/Grupo; sistema de Patrulhas; Corte de Honra (60 min).

**UD 4: Cerimônias: ritos de iniciação, de celebração e de passagem:** realidade própria; significado; ritos de iniciação, celebração e passagem e sua importância no desenvolvimento psíquico (75 min).

**UD 5: A mística nos Ramos:** as cores de Matilha, os animais-totem e as tribos/acidentes geográficos de referência (60 min).

**UD 6: A mística dos adultos:** a Insígnia de Madeira e o 1º Grupo de Gilwell; o lenço; o machado no tronco; Gilwell Park (30 min).

**UD 7: A inspeção de Gilwell:** papel pedagógico da inspeção de campo (30 min).

**UD 8: Preservando a memória:** registros escritos, iconográficos (fotos e filmes) e acervo material; importância da história na identidade individual e grupal (30 min).

**UD 9: Os padroeiros dos Ramos:** Francisco de Assis, Jorge da Capadócia e Paulo de Tarso como pessoas de referência; bondade, coragem e ação (30 min).

**UD 10: Espírito Escoteiro:** como e porquê dos marcos simbólicos; combinação de autonomia e convivência; estabelecimento e consolidação da identidade (30 min).

CARGA HORÁRIA TOTAL: 420 min ou 7 h/a

**QUADRO-HORÁRIO DO MÓDULO TÉCNICO DE MÍSTICA E TRADIÇÕES (MT-MIT)**  
**CONTÍNUO**

<b>HORA</b>	<b>DURAÇÃO (minutos)</b>	<b>ASSUNTO</b>	<b>OBS</b>
0800	30	Abertura; integração	
0830	45	UD 1: Mística e tradições	
0915	30	UD 2: Mito fundador e elementos de história	
0945	15	Intervalo	
1000	60	UD 3: Símbolos do Escotismo	
1100	75	UD 4: Cerimônias: Ritos de iniciação, de celebração e de passagem	
1215	75	Almoço	
1330	60	UD 5: A mística nos Ramos	
1430	30	UD 6: A mística dos adultos	
1500	15	Intervalo	
1515	30	UD 7: A inspeção de Gilwell	
1545	30	UD 8: Preservando a memória	
1615	15	Intervalo	
1630	30	UD 9: Os padroeiros dos Ramos	
1700	30	UD 10: Espírito Escoteiro	
1730	15	Avaliação do Módulo	
1745	15	Encerramento	

**QUADRO-HORÁRIO DO MÓDULO TÉCNICO DE MÍSTICA E TRADIÇÕES (MT-MIT)  
DESCONTÍNUO**

<b>DIA</b>	<b>DURAÇÃO (minutos)</b>	<b>ASSUNTO</b>	<b>OBS</b>
01	30	Abertura; integração	
	45	UD 1: Mística e tradições	
	15	Intervalo	
	75	UD 4: Cerimônias: Ritos de iniciação, de celebração e de passagem	
	10	Encerramento da etapa	
02	10	Abertura da 2ª etapa	
	30	UD 2: Mito fundador e elementos de história	
	30	UD 9: Os padroeiros dos Ramos	
	15	Intervalo	
	60	UD 3: Símbolos do Escotismo	
	10	Encerramento da etapa	
03	10	Abertura da 3ª etapa	
	60	UD 5: A mística nos Ramos	
	15	Intervalo	
	30	UD 6: A mística dos adultos	
	30	UD 7: A inspeção de Gilwell	
	10	Encerramento da etapa	
04	10	Abertura da 4ª etapa	
	30	UD 8: Preservando a memória	
	30	UD 10: Espírito Escoteiro	
	15	Intervalo	
	15	Avaliação do Módulo	
	15	Encerramento	

## UNIDADE DIDÁTICA 1: MÍSTICA E TRADIÇÕES

Do dicionário Michaelis:

**Mís.ti.ca** (gr *mystiké*): sf 1 Tratado a respeito das coisas divinas ou espirituais. 2 V misticismo.

**Mis.ti.cis.mo** (místico+ismo): sm 1 Filos Crença religiosa ou filosófica dos místicos, que admitem comunicações ocultas entre os homens e a divindade. 2 Aptidão ou tendência para crer no sobrenatural. 3 Devoção religiosa; vida contemplativa.

**Mís.ti.co** (gr *mystikós*): adj 1 Que diz respeito à vida espiritual. 2 Que se refere à vida religiosa. 3 Misterioso, alegórico, figurado (falando das coisas religiosas). • sm 1 O que professa o misticismo. 2 O que se dá à vida contemplativa, espiritual. 3 O que se escreve sobre o misticismo.

**Tra.di.ção** (lat *traditione*): sf 1 Comunicação ou transmissão de notícias, composições literárias, doutrinas, ritos, costumes, feita de pais para filhos no decorrer dos tempos ao sucederem-se as gerações. 2 Memória, recordação. Tradição oral: a que só consta pelo que se diz. Tradições nacionais: os grandes fatos da história de um país.

Todo grupo humano estabelece elementos de ligação espiritual, que constituem o que se denomina MÍSTICA. Essa ligação pode ser com uma entidade superior (deus protetor do grupo, ancestral comum, animal-totem) ou entre os membros do grupo, constituindo o seu *ethos* ou maneira de ser, sua identidade comum.

Podemos citar como manifestações da mística: os símbolos, os nomes, os rituais, as tradições.

Símbolos são elementos, mais usualmente visuais e acústicos, que evocam ideias; alguns, mais marcantes ou de associação mais direta, constituem aquilo que Jung chamou *imagens primordiais*, ou *arquétipos*, cujo significado é considerado universal. Exemplos: a grande Mãe, o Redentor, a Trindade (Pai-Mãe-Filho; Pai-Filho-

Espírito Santo; Brahma-Shiva-Vishnu; Fé-Esperança-Amor...), o cálice/caldeirão/Graal que alimenta ou que cura de todos os males, a cruz suástica, a flor de lis, o “V da vitória” com os dedos, o “om” budista, os hinos e bandeiras nacionais, o lenço de Gilwell, as divisas dos militares, os gritos de guerra, o *tartan* de famílias escocesas, a Cruz de Lorena, os brasões heráldicos...

O símbolo é uma necessidade psíquica humana, de algo que sintetize uma ideia, desperte certos sentimentos, oriente certas ações; para isso, por estranho que possa parecer, ele não é, necessariamente, um retrato daquilo que pretende representar (senão, o símbolo por excelência teria de ser a fotografia). Até o advento das logomarcas comerciais, os símbolos não religiosos mais conhecidos eram os escudos e brasões de família. O estudo dos brasões é chamado *heráldica* (de *herald*, arauto, que, entre outras funções, identificava os combatentes pelos seus escudos). Nos escudos, vinham símbolos que representavam ações realizadas pelos grandes patriarcas da família/do país, ou traços de caráter, ou localidades representativas. O brasão podia, ainda, ter uma divisa (também chamada dístico, moto ou lema), como “*Ma force d’en Haut* (“Minha força vem do Alto”)", da família Mallet.

Os nomes são uma variedade de símbolos que evocam uma determinada personalidade (o próprio indivíduo, ou seu totem). Ao escrever ou enunciar “Epaminondas Silva Pereira”, representamos esse Epaminondas e nenhum outro. Se ele adota um “nome místico”, digamos, “Rondon”, o “Marechal da Paz” é o seu patrono, aquele que o nosso amigo Epaminondas toma como referência pelas suas ações e atributos de personalidade. O nome “brasileiro” identifica aqueles naturais de certa porção do planeta. A antiga prática da mulher passar a usar o sobrenome do esposo vem da crença romana em que, pelo casamento, ela assumia o culto dos *lares* do marido, como relata Fustel de Coulanges.



Cartaz de propaganda da 2ª Guerra Mundial (“Tesoura vence Papel” – analogia do “V da vitória” de Churchill versus a saudação nazista, com o jogo “pedra-papel-tesoura”); amostras de *tartans* escoceses; um diagrama da Santíssima Trindade cristã; o Graal, a lança de Longino e Excalibur; e as cores do 13º/18º Regimento de Hussardos (*Queen’s Own Cavalry*), ao qual B-P pertenceu.

Rituais são sequências de ações, de movimentos e/ou de sons, que podem ou não ser associadas a símbolos visuais, que podem ter o objetivo de atrair a boa vontade dos deuses ou evocar algum elemento de identidade do grupo. Exemplos: o cerimonial militar, o rito forense, a missa católica, a colação de grau acadêmico, o cerimonial da Bandeira... O próprio teatro começou como rito de culto ao deus Dioniso, na Grécia antiga, em que se encenava a morte e ressurreição do deus.

O ritual tem uma forma estabelecida, que fica como padrão, e que reflete uma sequência lógica ou a considerada correta para movimentar as energias da maneira pretendida. Refere-se à ordem harmônica do universo; se ela não for observada, instaura-se o caos, trazendo todo tipo de coisas ruins. Nos rituais de sementeira, havia os encantamentos que tinham de ser recitados, num sentido certo de percorrer o campo; em algumas culturas, a mulher menstruada não podia manusear alimentos por estar “impura”; na missa, o ato penitencial vem antes do ofertório, que por sua vez deve anteceder a comunhão, que coroa o ritual (pois o fiel deve limpar-se dos pecados antes de oferecer-se a Deus e de fazer-se um com Ele na comunhão); o fiel muçulmano deve lavar-se antes da prece, e sempre deve iniciá-la enunciando a grandeza de Deus e fazendo a profissão de fé.



As tradições são aplicações de caráter repetitivo, perene, dos símbolos e rituais. Temos, entre tantas, os trajes ditos típicos (por exemplo, o *kilt* escocês ou o *kefieh* árabe) e os já citados cerimoniais militares, religiosos e acadêmicos. A chamada “tradição profissional familiar”, por exemplo, de médicos, advogados ou militares, começou com uma percepção de necessidade bastante prática: os filhos precisariam ajudar no sustento da casa e, depois, quando constituíssem família, estar aptos a prover o sustento; era muito mais simples ensinar-lhes o ofício do pai, já que o professor e o material estavam à mão. Isso se expandiu para o universo das corporações de ofício e sublimou-se para ser uma afirmação da identidade do grupo familiar, ligado espiritualmente pela identificação profissional com os antepassados (que os romanos denominavam *manes* ou *lares*, os deuses tutelares da casa). Pela sua importância, convém ressaltar:

**Tradição é um ritual repetido em sua forma e ocasião, que afirma a ligação espiritual entre pessoas que têm símbolos comuns.**

Assim, vemos que as tradições, elementos visuais/sonoros e rituais são *marcos simbólicos*: seu uso estimula uma comunhão espiritual que estabelece ou reforça a identidade do grupo social.

Como toda construção cultural, uma tradição é “inventada” em algum momento, sendo convincentemente estabelecida sua origem “imemorial, divina” e firmando-se pela repetição – por vezes, a um ponto em que se pratica o ritual sem sequer saber o seu significado, simplesmente porque “sempre foi assim”; sobre isso, diz Eric Hobsbawm:

Consideramos que a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição. Os historiadores

ainda não estudaram adequadamente o processo exato pelo qual tais complexos simbólicos e rituais são criados. Ele é ainda em grande parte relativamente desconhecido. Presume-se que se manifeste de maneira mais nítida quando uma “tradição” é deliberadamente inventada e estruturada por um único iniciador, como é o caso do Escotismo, criado por Baden-Powell. Talvez seja mais fácil determinar a origem do processo no caso de cerimoniais oficialmente instituídos e planejados, uma vez que provavelmente eles estarão bem documentados, como, por exemplo, a construção do simbolismo nazista e os comícios do partido em Nuremberg. É mais difícil descobrir essa origem quando as tradições tenham sido em parte inventadas, em parte desenvolvidas em grupos fechados (onde é menos provável que o processo tenha sido registrado em documentos) ou de maneira informal durante um certo período, como acontece com as tradições parlamentares e jurídicas. A dificuldade encontra-se não só nas fontes, como também nas técnicas, embora estejam à disposição dos estudiosos tanto disciplinas esotéricas especializadas em rituais e simbolismos, tais como a heráldica e o estudo das liturgias, quanto disciplinas históricas warburguanas para o estudo das disciplinas citadas acima. Infelizmente, nenhuma dessas técnicas é comumente conhecida dos historiadores da era industrial (HOBBSAWM; RANGER, 1984, p.12).

Assim, a mística é inseparável do ser humano, por corresponder à sua forma de expressar sua dimensão espiritual. Devemos ter em vista, entretanto, que a *mística* é diferente do *misticismo*. A mística, tendo o ritual e os símbolos como manifestação, faz parte de um contexto, ajudando o indivíduo a *entrar no clima*, a colocar-se em *comunhão de espírito* com seus companheiros; esse *espírito comum* lhes dá referências comuns, faz que sejam *do mesmo sangue*. Ela é meio de fortalecimento da identidade, na construção do *self*. O misticismo, por sua vez, toma o ritual como fim em si mesmo; a *persona mística* prevalece sobre a pessoa real (mantendo-a num *mundo à parte*), e o ritual apenas alimenta o próximo ritual. O *misticismo* pode ser percebido, ainda, como conduta excludente: uma identidade grupal exacerbada, baseada na *persona mística* leva ao menosprezo do outro (“se você não é um ‘pé vermelho’, você não é ninguém”), chegando por vezes ao

extremo de se desconsiderar a autoridade de que o outro esteja investido. Há o risco de manifestação deste tipo de atitude em duas condições extremas: uma, quando a insegurança pessoal é muito forte e a *persona mística* serve de âncora; e outra, quando um excesso de inflação na autoestima a transforma em cupidez, forma viciosa do orgulho.

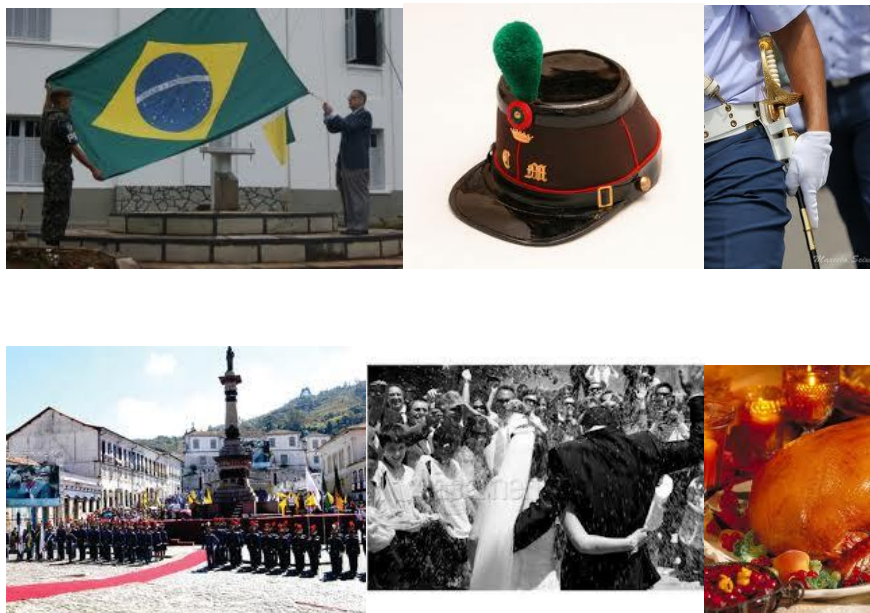
Os humanos são seres históricos, capazes de produzir e transmitir cultura, educando-se não apenas para sobreviver individualmente, mas para conviver no grupo social. Assim, a modelagem do indivíduo se faz, além das regras (pode/não pode), por imitação do comportamento de pessoas tomadas como referência, tanto por observação direta quanto pelas narrativas (mitos fundadores, narrativas edificantes) e pela vivência dos rituais.

Os mitos fundadores relatam a origem do grupo social, seu relacionamento com o animal-totem (um benfeitor, que lhes empresta seus atributos de caráter: agressividade, paciência, coragem, astúcia, etc.) ou com outros entes significativos – no caso do Escotismo, o mito fundador é a biografia de Baden-Powell, que, por mais que trate de uma pessoa de carne e osso, recebeu alguns toques míticos, seja para atender ao *self-marketing* de B-P, seja por parte de seus sucessores na liderança do Movimento, para fortalecer a figura “mítica, heroica” do Fundador.

As narrativas edificantes falam de pessoas que se destacaram como exemplo em ações consideradas positivas – coragem, abnegação, bondade, devoção (caso, por exemplo, dos patronos militares ou dos santos padroeiros).

Atos solenes marcam feitos enobrecedores – ou degradantes – presentes ou recordam feitos passados, destacando seus agentes positiva ou negativamente – uma cerimônia evocativa ou a entrega de medalhas são típicos casos positivos; uma solenidade de expulsão ou a leitura de uma sentença condenatória em juízo são típicos exemplos negativos. Um gesto como a continência representa o respeito entre militares: do subordinado que a faz ao mais graduado (reconhecendo sua

precedência), e o deste último ao respondê-la (reconhecendo a importância do trabalho do outro e manifestando o dever de responder a um cumprimento).



Militares e Escoteiros são exemplos notórios de emprego de marcos simbólicos – no caso dos militares, as insígnias dos postos hierárquicos, a continência, as flâmulas e distintivos regimentais; no caso dos Escoteiros, os distintivos, os gritos de Patrulha, a saudação, as cerimônias. Sendo o Fundador do Escotismo originariamente um militar, não é de se estranhar que aproveitasse no Movimento a sistemática dos militares no uso dos marcos simbólicos, já que sentiu na carne a importância dos laços corporativos não só para que o trabalho fosse bem feito – “não enfear o nome da Companhia/do Regimento”, “não deixar os companheiros na mão (a obra de S. L. A. Marshall expõe isso com muita clareza)” –, como também no fortalecimento psicológico – a recuperação pós-traumática/ressocialização é melhor na companhia do grupo com o qual o indivíduo tem laços (conforme explica o estudo de Dave Grossman). Um exemplo prático deste processo de recuperação é a origem do Ramo Pioneiro: os ex-combatentes da Primeira Guerra Mundial que haviam sido Escoteiros reuniam-se e faziam coisas juntos, inclusive prestando serviços na reconstrução do país; isso lhes devolvia a percepção de pertencerem a um grupo social em situação “normal” e dava-lhes a noção de que eram úteis, portanto, fazendo parte da comunidade. Velhos demais

para serem Escoteiros, mas atuando escoteiramente, não tardou que lhes fosse destinado um Ramo como etapa final do processo educacional Escoteiro.



A validade do marco simbólico sofre questionamentos, tanto devido ao misticismo, que, auto-alimentando-se, persegue a própria cauda sem chegar a lugar algum, quanto devido à ênfase materialista do mundo globalizado, pondo em xeque o aspecto espiritual da construção do indivíduo. Mas é justamente esse lado espiritual que reforça o processo formativo afetivo e social, promovendo a integralidade psíquica do indivíduo. Portanto, tem importante papel educativo e, mesmo, de preservação psíquica do sujeito.

Como vimos, todo marco simbólico, sendo uma construção cultural, tem uma origem e um porquê. É importante conhecê-los, para que não pratiquemos rituais mecânicos e sem significado – situação em que, verdadeiramente, nos fazemos ridículos. Conhecer origens e motivos dos nossos vários marcos simbólicos é o objetivo das próximas seções.

## **UNIDADE DIDÁTICA 2: MITO FUNDADOR E ELEMENTOS DE HISTÓRIA**

Se o ser humano é histórico, a história sob as mais diversas formas está em seu processo formativo. Sua identidade é dada pelos valores historicamente adquiridos e pelas coisas que fez em sua vida (ninguém tem história pelo que fará). Esses valores e a identidade grupal têm em sua construção a forte influência dos mitos fundadores e das narrativas reais ou míticas, que se refletem na constituição moral do indivíduo. O mito fundador é a narrativa primordial do grupo, de como o ancestral comum ou o grande educador criou ou ofereceu dons ao grupo (como se criou o mundo, como se capturou o fogo, como surgiu a mandioca...). As narrativas edificantes mostram os feitos nobres ou vis dos indivíduos e como a *boa conduta* contribui para o bem comum, fazendo a pessoa valorizada no grupo.

Segundo o psicólogo norte-americano Howard Gardner, que apresentou a teoria das inteligências múltiplas, o líder conta uma história que os outros adotam para si. Os mitos fundadores e as narrativas edificantes fazem parte da construção da mística e da identidade espiritual das pessoas. O Escotismo foi uma “história bem contada” por Baden-Powell, que cativou e continua a cativar jovens e adultos pelo mundo afora; é uma história que conta de aventuras, de camaradagem e fraternidade, de superação de dificuldades, de imaginação, de altruísmo e até mesmo de heroísmo. Seus símbolos e rituais são, todos eles, revestidos de alguma história que, bem contada, reforça a identidade espiritual dos seus membros.

### **O MITO FUNDADOR: A BIOGRAFIA DE BADEN-POWELL E OS INÍCIOS DO ESCOTISMO**

Muita coisa se diz a respeito do que o Fundador do Escotismo teria dito e feito, por vezes chegando, em exagero, a aproximar-se de um caráter hagiológico (relativo aos santos), ou atribuindo-lhe citações não confirmadas pelos seus textos publicados, para atender a conveniências. B-P não era nem santo nem super-homem. Era um ser humano que poderia ser considerado dentro dos parâmetros

psicológicos de normalidade, oriundo de um contexto de classe média da Inglaterra vitoriana e com o *ethos* do rapaz educado em internato, incorporando a cultura da profissão militar. Era, sim, dotado de uma viva inteligência, capaz de usar bem ambos os lados do cérebro (atributo identificável por sua habilidade em escrever e desenhar com qualquer das mãos), dado à palhaçada e com grande gosto pela encenação teatral, o que o ajudou a desenvolver grande presença de espírito e criatividade, além de aguda percepção do caráter das pessoas. Os colegas de Charterhouse gostavam de ficar perto do gol que ele guarnecia, nas partidas de futebol, para ouvir os ditos espirituosos que soltava ao longo do jogo e assistir de perto às suas arremetidas com gritos de pele-vermelha contra atacantes adversários que chegassem com a bola, procurando quebrar-lhes a concentração do chute a gol.

Uma das melhores fontes para se conhecer “Lord Bathing-Towel (Lorde Toalha de Banho)” – seu apelido em Charterhouse School, pela semelhança com a pronúncia do nome “Baden-Powell” – é a sua autobiografia, *Lições da escola da vida*, na qual, apesar de algum polimento em trechos que poderiam ser menos inspiradores (como os apelidos *Impeesa* e *M’hlalapanzi*, segundo Tim Jeal), ele se apresenta com bastante sinceridade, não deixando de expor os pequenos atos não muito heroicos que, como humano e dentro da *visão de mundo* de sua época, por vezes praticou; destes, pode-se citar o dinheirinho extra que conseguia quando serviu na Índia, treinando cavalos rejeitados e revendendo-os; ou o caso da missão de reconhecimento nas Matopo Hills, na qual, descoberto pelos Matabeles, deu no pé com quantas pernas tinha para não passar pela desagradável experiência de ser torturado até a morte. Pode-se lembrar, ainda, algumas ações não tão preservadoras da vida, como o perigoso esporte da caça ao javali com lança, contrário ao artigo da futura Lei Escoteira sobre bondade para com os animais; ou sua ordem de executar por fuzilamento o chefe Uwini, um líder Matabele, no contexto do esforço para sufocar a rebelião. Quanto à prática de “espetar o porco”, cabe lembrar que na década de 1870, B-P nem imaginava que chegaria a fundar um Movimento Juvenil, e que à época, além de não serem muito populares movimentos de preservação da natureza, a caça era um esporte nobre (que servia para treinar para a guerra), e o javali um inimigo respeitável. Quanto ao fuzilamento de Uwini, B-

P chegou a ser submetido a corte marcial e absolvido, justamente por ter tomado a decisão como comandante em campo, em plena operação, não podendo dar-se o luxo de aguardar trâmites judiciais sem colocar em risco sua tropa e os cidadãos do Império na área.



B-P em representação teatral; fugindo dos Matabeles nas Matopo Hills; com seu Estado-Maior em Mafeking.

Aos olhos modernos, B-P poderia, por exemplo, ser execrado por ter “condenado à fome os nativos em Mafeking” durante o cerco, ao priorizar a distribuição de alimentos para os brancos; mas é muito fácil fazer isso do conforto de uma poltrona, mais de um século depois dos fatos. Apesar de não se poder de maneira alguma caracterizar tal conduta como humanitária, deve-se colocar os fatos no contexto para entender (o que não significa justificar) que ele agiu em conformidade com a mentalidade da época, considerando que os brancos, por terem uma missão civilizadora, seriam mais importantes para sobreviver que os não brancos, e também sob as contingências de um cerco durante uma guerra; nessa situação, o dever de B-P, como militar (mais ainda, comandante), era colocar em primeiro lugar o interesse do Império Britânico. Outra possibilidade, aos olhos modernos, seria considerar que B-P explorou o trabalho de menores (o “Corpo de Cadetes”, ao qual os jovens a partir de 9 anos podiam aderir) e os expôs a riscos durante o cerco de Mafeking, ao empenhá-los como mensageiros, municidores, socorristas e enfermeiros sob os tiros dos *boers*, esquecendo que se estava no fim do século XIX, numa guerra e em local de confronto, com necessidade de colocar o máximo do pessoal militar em funções de combate e precisando que *alguém* executasse as missões auxiliares.



Ainda em Mafeking, a ideia do Corpo de Cadetes não foi de B-P, diferentemente do que algumas narrativas lendárias apregoam. A iniciativa foi do seu Chefe do Estado-Maior, Major Edward Cecil; B-P, como comandante, deu sua aprovação, e os resultados, como se viu, causaram boa impressão. Quem recebeu o comando do Corpo de Cadetes foi o Capitão Charles Goodyear, que por sinal foi o primeiro prefeito de Mafeking, pouco antes de começar a guerra (eleito em 1896); o filho do Capitão Goodyear, Warren, à época com 12 anos, era o RSM (*Regimental Sergeant-Major*, responsável pela execução das tarefas e pela disciplina). Os jovens foram empenhados **somente** em funções auxiliares, **jamaís** em ações de combate – primeiro, pelos sólidos princípios morais de B-P; segundo, porque já naquele tempo era uma violação das leis da guerra. Quando os selos de correio comuns escassearam em Mafeking, B-P fez emitir selos retratando os garotos que, segundo eles mesmos diziam, pedalavam tão rápido em suas bicicletas que as balas dos *boers* não os alcançavam.

O próprio acampamento experimental da ilha de Brownsea certamente teve seus altos e baixos (alguém seria capaz de crer que tudo foi perfeito como num conto de fadas, sem sequer uma farpa enfiada num dedo?), e o processo de construção do Movimento Escoteiro certamente não foi desprovido de problemas, seja por interpretações distorcidas de algo que ainda estava engatinhando, seja pela necessidade de eventuais ações de bloqueio contra pessoas com intenções não muito altruístas que buscariam aproveitar-se de um movimento de jovens pelas mais diversas formas (desde estelionatários até pedófilos); para tais problemas B-P estava atento e procurou prover antídotos quando não pudesse fornecer vacinas.



As três fotos acima são do acampamento experimental de Brownsea, sendo a primeira na barca para a ilha.



O símbolo da *Boys' Brigade* e uma reunião de alguns de seus membros, na 1ª metade do século XX. A última figura é um dos selos de Mafeking, retratando um dos cadetes.

Ainda sobre a criação do Escotismo, B-P não o criou do nada: boa parte dos jovens que foram a Brownsea vinha da *Boys' Brigade*, e a construção do método educativo deveu muito à pesquisa histórica e antropológica e, mais ainda, às consultas a educadores do porte de John Dewey e Edouard Claparède. Como seu compatriota Isaac Newton, B-P teve boa e longa visão porque soube olhar de cima dos ombros de gigantes. E a *Boys' Brigade* continuou a ser, por décadas, parceira (e não rival) do Movimento Escoteiro.

Convém ao adulto ler várias biografias de B-P e relatos de história do Escotismo, para conhecer a percepção de outros, como Winston Churchill, Eileen Wade, William Hillcourt e Tim Jeal, sobre sua personalidade e seus feitos. Poderá, então, apresentá-lo aos jovens, não como um semideus mítico, super-herói infalível ou o modelo de todas as virtudes, mas como um homem notável pelo seu caráter, pelas suas habilidades e pela sua visão de líder e de educador. Afinal, sua trajetória de vida não é pouco meritória: sem fortuna e sem títulos de nobreza, chegou a um nível elevado em sua profissão (o generalato é para poucos) e foi capaz de estruturar um Movimento juvenil que revolucionaria conceitos educacionais e sobreviveria por mais de um século.

A escolha do termo *Scout* veio da experiência de B-P no Exército. Na Cavalaria (B-P era cavalariano), o *Scout* é o esclarecedor, aquele que executa as missões de reconhecimento, precisando ser habilidoso em aproximar-se e observar sem ser notado, em construir informações a partir de indícios, em passar períodos variáveis usando suas próprias habilidades para manter-se vivo e em condições de cumprir sua missão. Assim, pensando no jovem que teria de ser capaz de conduzir-

se na vida com seus próprios conhecimentos e habilidades em terrenos desconhecidos, B-P escolheu esse termo de fortes evocações aventureiras.

Outros dados sobre a fundação do Escotismo, bem como de seu “batismo de fogo” na Primeira Guerra Mundial (seis dos jovens do acampamento de Brownsea morreram na guerra ou por causas ligadas a ela, além de muitos outros ex-Escoteiros e Chefes), sua “concorrência” com organizações juvenis vinculadas aos regimes totalitários dos anos 1920-30-40, sua “prova de têmpera” na Segunda Guerra Mundial e seu papel no pós-guerra, podem ser encontrados em obras como *250 milhões de Escoteiros* e *O Chapelão*.

A participação do Movimento na Segunda Guerra Mundial tem muitos episódios relatados em *The left handshake*, publicado em 1949. Escoteiros que se destacaram na Primeira Guerra Mundial são retratados em *The Scouts' book of heroes*, publicado em 1919.



Mussolini passa em revista uma brigada *Balilla*; cartaz da Juventude Hitlerista; cartaz do Komsomol soviético.

### INTRODUÇÃO DO ESCOTISMO NO BRASIL

O programa de construção naval idealizado pelo Ministro da Marinha Almirante Júlio de Noronha e alterado pelo Ministro Almirante Alexandrino de Alencar prosseguia nos primeiros anos do século XX, com a construção de Contratorpedeiros, Cruzadores (*Bahia* e *Rio Grande do Sul*) e dos Encouraçados *Minas Gerais* e *São Paulo*, na Inglaterra. O Encouraçado *Rio de Janeiro* não chegou a

ser entregue, pois foi incorporado à Marinha Britânica ao iniciar-se a Primeira Guerra Mundial. Um núcleo de oficiais e praças estava havia algum tempo na Inglaterra para acompanhar a construção dos navios e familiarizar-se com os modernos equipamentos instalados a bordo.

Aquela época coincidiu com o aparecimento do Movimento criado por B-P. Vários oficiais e praças tomaram conhecimento do Escotismo como um método prático e salutar de educação extraescolar. Entre os militares que estavam em Newcastle, envolvidos com os navios ali em construção, o Suboficial Amélio Azevedo Marques, do *Minas Gerais*, entusiasmado com o Escotismo, fez com que seu filho ingressasse num Grupo Escoteiro, naquela localidade. E foi, portanto, o jovem Aurélio Azevedo Marques, em terra estrangeira, o primeiro *boy scout* brasileiro.

Aurélio Azevedo  
Marques  
Primeiro Escoteiro  
Brasileiro



O então Tenente Eduardo Henrique Weaver, do Contratorpedeiro *Alagoas*, que se apresentara, em 13 de junho de 1907, na Comissão Naval do Brasil na Inglaterra, sediada em Newcastle, também se entusiasmou pelo movimento de B-P, julgando útil sua introdução no Brasil. Chamado a escrever sobre a matéria pelo Dr. Manoel Bonfim, que se encontrava em missão de estudos pedagógicos na Europa, passou a estudar o assunto. Na tentativa de traduzir o termo inglês *Scouting*, adotado por B-P, o oficial de Marinha usou o verbo *escutar* que deriva do latim *scrutare*, e o escreveu na forma *scrutar*. Bons dicionários registram seu significado: “sondar, examinar a fundo os corações e consciência, pressentir, fazer o possível para entrar no perfeito conhecimento das coisas; procurar descobrir o que é oculto, encoberto; investigar, indagar”. A primeira tentativa de traduzir o *Scouting for Boys* para nossa língua teve, portanto, a preocupação de que o vocábulo, em português, tivesse as duas primeiras letras idênticas às da palavra inglesa.

O Tenente Weaver escreveu um artigo que foi publicado no n.º 13 da revista *Ilustração Brasileira*, em dezembro de 1909, apreciando o trabalho de B-P sobre educação dos jovens.

Citando alguns trechos desse artigo: “Que este sistema, que esta educação representa o ideal sob todos os pontos de vista, parece-nos indiscutível, que o educar brincando seja o meio mais fácil e mais seguro de conseguir resultados de boa vontade, sem repugnância, parece-nos fora de dúvida”; e logo adiante: “Para analisarmos do interesse, entusiasmo e carinho com que o sistema tem sido acolhido, basta-nos citar que, em um ano de existência, se esgotou a primeira edição do livro *Instrução para Scouts*, consistindo em 50.000 exemplares; já havia, tão somente na Inglaterra, mais de 300.000 moços scouts. E tão aparentes são as vantagens do sistema que a Alemanha, os Estados Unidos da América do Norte, a Rússia, a Argentina e o Chile, já têm organizações semelhantes”.

Após comentários sobre problemas universais relacionados com a formação dos jovens, o autor passou para o campo prático: “Na esperança de que a idéia germine na nossa Pátria e que do seu aproveitamento venhamos colher bons resultados, que tanto temos necessidade, teremos dar idéia da organização”, etc., etc. E em seguida: “Começaremos por bem frisar que os scouts não são militares nem ao menos militarizados; é essencial que cada moço se compenetre de sua independência, do que se espera de sua iniciativa própria, e da consciência de sua responsabilidade que são os elementos formadores de seu caráter”.

No final do artigo há sugestões para “se passar um dia praticando e se divertindo” e cita como exemplo: “Combinando-se, pois, e às 6 horas da manhã se encontram e partem para o Alto da Tijuca ou Corcovado ou qualquer lugar semelhante”. O fecho do artigo foi nos seguintes termos: “QUE A IDÉIA FRUTIFIQUE, POIS, NA NOSSA PÁTRIA. UM POUCO DE BOA VONTADE. ESFORCEMO-NOS”. Acompanhavam o artigo cinco fotos de concentração Escoteira no Palácio de Cristal, em Londres, em setembro de 1907.

Assim, os oficiais e praças que se entusiasmaram pelo Escotismo julgaram que os jovens brasileiros gostariam das atividades dos *boy scouts*. Por isso, quando

da vinda dos navios para o Brasil, trouxeram consigo (no *Alagoas*) uniformes Escoteiros adquiridos na Inglaterra, no valor de 30 libras esterlinas.

Tendo o *Minas Gerais* chegado em 17 de abril de 1910 ao Rio de Janeiro, tomaram logo aqueles pioneiros as providências iniciais para organização do primeiros Grupo de Escoteiros do Brasil, nas mesmas bases do que haviam visto na Inglaterra. Em junho de 1910, reunidos os interessados na Rua Chichorro nº 13, no Catumbi, Rio de Janeiro, foi elaborado o primeiro estatuto do “CENTRO DE BOYS SCOUTS DO BRASIL”. No dia 14 de junho de 1910, considerado como o dia da introdução do Escotismo no Brasil, os que assinaram a ata de fundação avisaram os jornais e comunicaram a instalação da entidade.

Em 1912 e 1913, o entusiasmo inicial esfriou um pouco, ajudado pela falta de disponibilidade dos militares para darem continuidade ao processo, devido às suas constantes ausências nas comissões embarcadas. Mas em 29 de novembro de 1914 foi fundada em São Paulo a Associação Brasileira de Escoteiros (ABE), que irradiou o Movimento pelo País; em 1915, quase todos os Estados já tinham Associações de Escoteiros. Foi o Dr. Mário Cardim, um dos fundadores da ABE, que institucionalizou o termo “Escoteiro” como nossa versão de *boy scout* e “Sempre Alerta” como nossa versão de *Be Prepared*. O termo não é tão discrepante, já que “ir Escoteiro” significa ir sozinho, tendo como base de apoio seus próprios conhecimentos e habilidades.

Os primeiros Congressos Escoteiros (para adultos) e *Jamborees* (para jovens) realizados no Brasil e devidamente relatados foram os de 1922 e 1923. Em 1924, no 2º *Jamboree* Mundial, na Dinamarca, registra-se a primeira participação de uma delegação brasileira.

Várias outras associações foram criadas nesses primeiros anos, muitas delas de caráter regional, propondo-se aplicar o método desenvolvido por Baden-Powell. Todas elas, incluindo a ABE, seriam, em 4 de novembro de 1924, congregadas em uma única entidade, credenciada pela Organização Mundial do Movimento Escoteiro como sua representante no Brasil: a União dos Escoteiros do Brasil – UEB.

Durante a Revolução de 1932, em São Paulo, um Escoteiro ganhou fama: Aldo Chioratto, morto em um bombardeio das forças legalistas sobre Campinas, em 18 de setembro, quando atuava como mensageiro dos rebelados.

### **HISTÓRIA DO ESCOTISMO DO MAR**

Fundando-se o Escotismo na Inglaterra, em 1908, podia-se esperar que numa nação que construía forte tradição naval (é bom lembrar que a Marinha Britânica, à época, era a mais poderosa do mundo), a marinharia seria uma área de interesse de forte apelo para os Escoteiros. Assim, já em 1909 a direção geral do Movimento concordou que fosse criada a Modalidade do Mar, e seu primeiro guia seria escrito pelo irmão mais velho de B-P, Warrington. B-P apoiou o desenvolvimento da Modalidade também por ter vivido experiências marinheiras quando garoto, participando de expedições com os irmãos mais velhos, no barco da família. Sabia, portanto, quão enriquecedor poderia ser esse tipo de vivência.

Na Primeira Guerra Mundial, antigos Escoteiros e Chefes também foram ao combate na Marinha, vários deles tendo cumprido o dever com sacrifício da própria vida. O exemplo mais famoso foi o de Jack Cornwell, morto aos 16 anos por ferimentos recebidos na Batalha Naval da Jutlândia; mesmo ferido, ele se manteve no posto de apontador junto ao seu canhão, no cruzador *HMS Chester*, até o fim do combate. B-P citou o caso nas subseqüentes edições do *Escotismo para rapazes*. O próprio B-P, com Lady Olave, chefiou um posto de repouso para os soldados britânicos em Etaples (França). Os Escoteiros do Mar exerceram funções auxiliares de vigilância costeira e de resgate de náufragos, além das de venda de bônus de guerra e serviços de estafeta. Na Segunda Guerra Mundial, além do exercício das funções auxiliares ao esforço de guerra na frente doméstica, participaram do resgate das tropas anglo-francesas de Dunquerque (26 de maio a 4 de junho de 1940), em seu barco *Minotaur* e em outras embarcações no esforço dos *pequenos barcos*.

No Brasil, apesar de a ideia do *Scouting* ter sido trazida por militares da Marinha, o Escotismo do Mar só viria a ser estruturado anos depois, pela ação de



um Tenente daquela mesma Força Armada, que em 1916 colocava em prática os ensinamentos do Escotismo com os atletas infanto-juvenis do Clube Botafogo de Futebol e Regatas: Benjamin Sodré (1892-1982).

Em 1919, designado para servir na Flotilha do Amazonas, em Belém do Pará, Sodré fundou naquela cidade o 1º Grupo Escoteiro do Pará com sede no Paisandu Sport Club, cuja primeira Promessa foi feita em 21 de dezembro. Por feliz coincidência, o Cruzador-Auxiliar *José Bonifácio* estava em Belém, como parte de sua missão de organizar colônias de pesca em diversos pontos do nosso litoral – os pescadores atuavam como auxiliares na vigilância costeira ao sair para buscar o peixe. Não foi difícil nascer a ideia de fundar Grupos Escoteiros junto às colônias de pesca, e a percepção de Benjamin Sodré com seus colegas Frederico Villar e Gumercindo Loretto de que as atividades dos jovens forçosamente seriam ligadas ao mar levou-os a imaginar que tais Grupos deveriam ser da Modalidade do Mar. Entretanto, provavelmente por falta de quadros adultos capacitados, a maior parte dos Grupos criados pela “Missão *José Bonifácio*” teve vida curta. Outros, entretanto, vingaram, entre eles os de Santos, Cabo Frio, Jequié e 10º Grupo (Tiradentes).

Em 1920, o Tenente Benjamin Sodré regressou ao Rio de Janeiro. Após servir no Cruzador *Rio Grande do Sul*, foi servir na Inspetoria de Portos e Costas, juntamente com seus amigos Frederico Villar e Gumercindo Loretto. A reunião com os amigos, já entusiastas do Escotismo, mais a amizade com o Professor Gabriel Skinner, resultou na fundação, em 7 de setembro de 1921, da Confederação Brasileira de Escoteiros do Mar em acampamento realizado na enseada de Jurujuba, no Saco de São Francisco, Niterói, com a presença de alguns Grupos Escoteiros já existentes, entre os quais Jequié e Jurujuba. Estavam presentes os Almirantes Veiga Miranda, Ministro da Marinha, e Raja Gabaglia, Diretor de Portos e Costas; Escoteiros municipais sob a chefia do Dr. João E. Peixoto Fortuna, o então Capitão-Tenente Benjamin Sodré, Capitão-de-Corveta Gumercindo Loretto e Sr. Gabriel Skinner. A primeira sede da CBEM foi na travessa do Comércio, 22 no Rio de Janeiro.



A primeira embarcação dos Escoteiros do Mar brasileiros de que se tem notícia foi o escalero a quatro remos *Escoteiro do Mar*, oferecido pela população da Ilha de Paquetá.

Benjamin Sodré foi um dos grandes batalhadores pela reunião das diversas Associações e Federações em uma entidade representante do Escotismo no Brasil, o que se concretizou em 1924 com a fundação da UEB.

### **HISTÓRIA DO ESCOTISMO DO AR**

O Escotismo do Ar procura desenvolver nos jovens o gosto pelo aeromodelismo, pelos planadores, pelos helicópteros e aviões, pelos problemas de aeroportos, aeronavegação e aeropropulsão, pelo pára-quedismo e pelos esportes aéreos, pelo estudo da meteorologia e da cosmografia, pelos foguetes espaciais, pelos satélites artificiais e pela cosmonáutica, incentivando o culto das tradições da nossa Aeronáutica. Além dos conhecimentos conexos às atividades aeroespaciais e aos fenômenos meteorológicos, tem outras atividades voltadas ao estudo da natureza, nas quais a ornitologia (estudo das aves) se destaca como área de interesse com importantes reflexos sobre a aviação, a economia e a ecologia. Busca, ainda, incentivar o estudo e a prática das comunicações via rádio (radioamadorismo e faixa do cidadão), como forma de prestação de serviço e de sociabilidade, pela possibilidade de fazer novos amigos ao redor do mundo.

A criação do Escotismo do Ar decorreu do próprio progresso da aviação, com sua presença cada vez mais constante no cotidiano das pessoas. Especialmente no início do século XX, atividades com aviões eram desenvolvidas em qualquer área aberta com extensão suficiente para decolar e pousar. Naturalmente, isso atraiu a atenção dos jovens e teve como grande incentivador Baden Fletcher Smyth Baden-Powell, irmão caçula do Fundador do Escotismo (falecido em 1937).

Já em 1909, a Liga Aérea do Império Britânico consultara B-P sobre a possibilidade de engajar os Escoteiros junto à aviação, especialmente em tarefas de apoio e sinalização para aeronaves.

Vários países, inclusive a própria Inglaterra, vinham desde a década de 1910 desenvolvendo com os jovens atividades conexas à aviação, criando, mesmo, etapas de progressão e especialidades nessa área de interesse – um marco significativo foi a criação da insígnia de Aeronauta, em 1912, considerada o momento fundador da Modalidade. Chegavam a existir Patrulhas denominadas “do Ar”, mas continuando nos Grupos das Modalidades Básica e do Mar. Vários Grupos Escoteiros chegaram a ter seus próprios planadores, voados pelos rapazes – planadores ao estilo Lilienthal, precursores das asas-delta, com os quais decolavam de encostas de colinas ou topos de morros.

Durante a Primeira Guerra Mundial, B-P deu oportunidade a que jovens Escoteiros se capacitassem em conhecimentos da área de aviação, sem, no entanto, introduzir alterações no Programa Escoteiro com foco nesse campo de atividades.

A Grande Guerra (1ª) evidenciou o elevado valor tático e estratégico da aviação, e a evolução operacional e doutrinária dos anos seguintes confirmaria e aumentaria esse valor. Nas décadas de 1920 e 1930, pensadores como Giulio Douhet (*O domínio do ar*) e William (Billy) Mitchell (*A vitória por meio do poder aéreo*) embasariam a doutrina militar de aviação do século seguinte.

As décadas de 1920 e 1930 seriam conhecidas como “a era de ouro” da aviação por terem sido de grande desenvolvimento tecnológico e superação de recordes, e quando a aviação permitiu que se passasse por áreas inóspitas como as regiões desérticas e polares em relativa segurança. Foi nesses anos que as linhas aeropostais desbravaram os caminhos que poderiam tornar-se rotas de transporte de passageiros, fazendo travessias oceânicas com e sem escalas, transposição de desertos e cordilheiras, e a circunavegação do globo. Foi uma época de um heroísmo não necessariamente belicoso, mas calcado na “entrada no desconhecido”, no “desafio aos limites” e em atributos pessoais de coragem e determinação. São desses anos nomes como Alcock e Brown, Lindbergh, Gago Coutinho e Sacadura Cabral, Mermoz, Guillaumet e Saint-Exupéry – que poria como fundo de cena do *Pequeno príncipe* seu pouso forçado no Saara, quando empreendera um reide Paris-Saigon. No Brasil, o nascente Correio Aéreo Militar tornaria mais acessíveis localidades embrenhadas no fundo dos cerrados e florestas.

Não obstante as tentativas em várias partes do mundo (Inglaterra, Chile, Hungria, França e tantos outros) de instituir um “Escotismo Aéreo”, Baden-Powell não considerava necessária a estruturação de uma nova Modalidade, pois via as atividades aéreas mais como uma “moda”, que poderia ser uma área de interesse no Escotismo, mas não merecedora da estrutura conceitual e operacional de uma Modalidade, além de ser “muito cara”; nessa situação, o Brasil daria o primeiro passo para institucionalizar o Escotismo do Ar.

O principal idealizador e incentivador dos Escoteiros do Ar foi o Major-Brigadeiro Godofredo Vidal, um homem apaixonado pela aeronáutica e com uma variedade incontável de talentos e interesses. Estudou Engenharia, línguas, geografia, história, pintura, interessava-se por esportes, radioamadorismo e educação, tendo escrito uma série de artigos e monografias. Juntamente com o Major Aviador Vasco Alves Secco e o 1º Sargento Telegrafista Jayme Janeiro Rodrigues, Godofredo Vidal, na época Tenente-Coronel Aviador, estudou e avaliou profundamente o Escotismo, vislumbrando a possibilidade de aplicar princípios da aeronáutica no Movimento Escoteiro. Em 28 de abril de 1938, os três militares, à época servindo no 5º Regimento de Aviação, atual CINDACTA II, em Curitiba, registraram formalmente junto à União dos Escoteiros do Brasil a criação do Grupo Escoteiro do Ar Tenente Ricardo Kirk, o primeiro oficialmente denominado da Modalidade no mundo. A Inglaterra só adotaria oficialmente a Modalidade do Ar em 1941, após a morte de Baden-Powell (o Fundador considerava a atividade aérea uma área de interesse que, para ser praticada com a estrutura de Modalidade, teria um custo muito alto, proibitivo para os jovens Escoteiros).

O batismo de fogo da recém-nascida Modalidade ocorreu na Segunda Guerra Mundial, quando os Escoteiros do Ar (principalmente na Inglaterra) atuaram, entre outras funções de apoio, como vigilantes do ar (*Air Raid Precaution*), exercitando as habilidades de identificação de aeronaves, meteorologia, aeronavegação e comunicações, além de atuarem na coleta de materiais diversos (recicláveis ou matérias-primas) que poderiam ser usados na fabricação e na recuperação de aeronaves. Além disso, Grupos Escoteiros do Ar instalados junto a unidades do *Air Training Corps* serviam como etapa preparatória para que os jovens, ao atingirem a

idade mínima necessária, pudessem ingressar nessas escolas de pilotos que forneceriam recompletamentos para a *Royal Air Force*.

Voltando a tratar do Brasil, em abril de 1944, foi criada a Federação dos Escoteiros do Ar, que reunia todos os Grupos desta Modalidade (poucos à época, restringindo-se aos Estados do Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo). Em 11 de julho de 1951, o Brigadeiro Nero Moura, então Ministro da Aeronáutica, determinou, pela Portaria nº 262, que as unidades da Força Aérea Brasileira dessem total apoio aos Grupos Escoteiros do Ar, reconhecendo a importância deste Movimento de Jovens especialmente para o incentivo ao interesse pela aeronáutica. Em 26 de setembro de 2003, o Comandante da Aeronáutica, Tenente-Brigadeiro Luiz Carlos da Silva Bueno, emitiu a Portaria nº 914, reiterando tal determinação, na medida das possibilidades das Organizações Militares.

Durante as décadas de 1960, 1970 e 1980 o Escotismo do Ar foi consolidado pelo trabalho de Jayme Janeiro Rodrigues (1906-1987), que participara da criação da Modalidade e continuou a ser Chefe Escoteiro. Foi ele o idealizador do Curso de Adestramento (hoje Aperfeiçoamento) Técnico do Ar, o CATAR, realizado pela primeira vez em 1979 e sendo ministrado até hoje para a formação técnica específica de Escoteiros e Chefes da Modalidade do Ar.

#### **“O ESCOTEIRO CAMINHA COM AS PRÓPRIAS PERNAS”: CAIO VIANA MARTINS**

Nas férias escolares de 1938, o Grupo Escoteiro (a denominação da época era “Associação de Escoteiros”) da Escola Afonso Arinos, de Belo Horizonte, organizou uma excursão a São Paulo. No dia 18 de Dezembro, às 17 horas, embarcaram no trem 12 Escoteiros e 6 lobinhos, sob a chefia de dois assistentes que eram também Pioneiros.

A viagem correu normalmente até Barbacena e Sítio. O trem seguia para a estação de João Ayres.

De repente, o imprevisto, a colisão terrível entre o trem de passageiros e um de carga. Eram 2 horas da manhã, escuridão completa e chuva.

No carro dos Escoteiros, ouvem-se os gritos angustiosos chamando pelos Chefes. Um destes, Rubens, tinha sido lançado pela janela, mas levantou-se

levemente ferido, correu ao vagão e lançou o “Sempre Alerta!”. Sem atropelos, em ordem, saem os Escoteiros do vagão destruído. Muitos estão feridos. Faltam dois, um Escoteiro e um Lobinho. Nos destroços, são encontrados os corpos mutilados do Escoteiro Gerson Issa Satuf e do Lobinho Hélio Marcus.

Os corpos, envolvidos em lençóis, são colocados do outro lado do trem, para que não sejam vistos pelo resto do Grupo. A noite escura encobre a terrível cena.

Chefe Rubens encara a situação de frente: entre seu vagão a e máquina, cinco carros espatifados; mais de quarenta mortos e mais de cem feridos. Os passageiros que ficaram incólumes estão aterrorizados. Há receio de uma explosão da máquina ou incêndio dos destroços. Gritos, gemidos e pedidos de socorro dos feridos. A escuridão impedia qualquer trabalho eficiente.

O Chefe Rubens pede a todos calma e os chama ao cumprimento do dever. Ele dá o exemplo, com o outro Pioneiro e dois Escoteiros. Acendem uma fogueira para iluminar o local. Ao clarear o dia os Escoteiros iniciam o trabalho de salvamento, retiram os mortos e feridos, improvisam padiolas e dos cobertores fazem ataduras.

O exemplo dos meninos é seguido pelos passageiros. Os Escoteiros, quase todos feridos, trabalham sem parar. Quando chega o trem de socorro, ainda auxiliam.

Partem todos para Barbacena em caminhões e carros, sem os seus dois camaradas Hélio e Gerson.

Chegados a Barbacena, o número de feridos é grande, as padiolas são poucas.

Caio Viana Martins desce do caminhão no quartel do 9º Batalhão de Caçadores, transformado em hospital de emergência. Dois soldados querem carregá-lo na padiola; ele olha em redor, verifica o número enorme de feridos que não podem andar, e diz: “Sou Escoteiro e um Escoteiro caminha com suas próprias pernas”. Sem auxílio dos enfermeiros, sobe a escada, e no alto, cai por terra. Operado de urgência, verifica-se grande hemorragia interna por lesão do fígado. Quinze horas após, falece, sem um gemido, sem uma queixa.

O presidente do Grupo, Dr. Floriano de Paula, que tinha chegado com o trem de socorro, reúne a Tropa e diz: “Escoteiros, perdemos dois camaradas e um terceiro acaba de morrer como herói. Coragem!”

As lágrimas correm pela face dos meninos, uma prece é feita pelos companheiros. Chegam os pais, mas o Grupo resolve voltar unido, com seu material e seus mortos queridos.

Impossível descrever a cena da chegada em Belo Horizonte; um grupo de meninos volta de uma viagem trágica, trazem seus mortos, seus feridos, todo seu material, suas bandeiras e seus totens danificados. Desfilam pela cidade em direção à sede.

A cidade em peso, triste, em silêncio, abre alas aos meninos heróis.

Nesta jornada trágica, todo o Grupo Escoteiro Afonso Arinos, Chefes, Escoteiros e Lobinhos deram um exemplo notável da prática da Lei Escoteira: trabalharam juntos, serviram ao próximo, mantiveram a serenidade para bem fazer o que era necessário.

Caio Viana Martins, que se sacrificara pelos outros, foi o exemplo maior para os Escoteiros do Brasil e toda a juventude brasileira do cumprimento de seu papel de Monitor, liderando por sua ação pessoal, e de sua Promessa Escoteira, aplicando o mandamento de Cristo ao “amar o próximo como a ele mesmo”.



Caio Viana Martins e uma foto do desastre da Mantiqueira.

A União dos Escoteiros do Brasil resolveu fazê-lo o “Herói Escoteiro Nacional”, símbolo de honra e de heroísmo. Há estátuas de Caio Martins em Belo Horizonte, Juiz de Fora, Belém do Pará e Niterói. Nesta última cidade um estádio esportivo ostenta seu nome. Em Minas Gerais, a Fundação Caio Martins destina-se a

educar jovens de baixa renda na escolarização e no trabalho, e historicamente busca oferecer aos seus beneficiários também o Escotismo a que pertenceu seu patrono. A sepultura de Caio Martins fica no Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte, assim como as de Hélio Marcus e Gerson Issa Satuf.

### **UNIDADE DIDÁTICA 3: SÍMBOLOS DO ESCOTISMO**

#### **Um emblema: a flor de lis**

O emblema adotado pelo Escotismo desde a sua fundação é a flor de lis. Foi usada já no acampamento experimental de Brownsea (pequena ilha na baía de Poole, costa sul da Grã-Bretanha), em 1907.

Encontramos a flor de lis na História e na Geografia. No ano de 496 Clóvis, rei dos francos, quando ia ser atacado pelos alamanos (povo que habitava parte do que é hoje a Alemanha), invocou o auxílio do Deus dos cristãos; recebeu de um anjo um escudo com três flores de lírio, venceu a batalha e converteu-se ao cristianismo. Desde então a flor de lis passou a aparecer em cetros e mantos de reis e imperadores franceses, alemães, lombardos e florentinos, entre outros, sendo associada à nobreza. A flor de lis também era usada nas bússolas, na ponta da agulha dirigida para o norte, como se vê em desenhos de antigos instrumentos náuticos.

As duas ideias – nobreza e norte – determinaram a adoção da flor de lis como símbolo Escoteiro; suas primeiras ideias-força lembradas são a nobreza de sentimentos e ações e a orientação segura.

O desenho da flor de lis é mais ou menos arbitrário, de forma geral assemelhando-se a um lírio. Seu formato peculiar permite estabelecer vários elementos simbólicos.

A Organização Mundial do Movimento Escoteiro (WOSM), mantendo a flor de lis como símbolo, adotou uma determinada configuração, descrita a seguir.

- Apontando para cima, lembra ao Escoteiro que deve guiar-se em direção aos objetivos mais elevados.
- As três pétalas representam as três partes da Promessa: deveres para com Deus e a Pátria, ajuda ao próximo e obediência à Lei Escoteira; ou, ainda, dever para com Deus, para com o próximo e para consigo mesmo. Voltamos, aqui, a um número arquetípico, que é o 3: dois opostos com um equilibrador (mediador), os pratos da balança e o fiel, as três partes da Promessa, a Trindade, as três fases da vida



(criança-adulto-velho), os três mundos (Céu, Terra e Mundo Inferior), os três ambientes (ar, terra, água), etc.

- A ligação das pétalas é a união Escoteira, o laço de irmandade.
- A agulha magnética, que se vê ao centro, é a orientação educativa.
- As duas estrelas (Verdade e Conhecimento) de cinco pontas apostas sobre as pétalas laterais representam os dez artigos da Lei Escoteira.
- A corda que circunda a flor de lis, fazendo uma mandala, expressa o sentido de universalidade do Movimento, tendo as pontas unidas por um nó direito a recordar que somos todos iguais e firmemente unidos.
- A flor de lis na cor branca evoca a pureza e a promoção da paz, e o fundo roxo, a liderança e o serviço.



A partir da flor de lis básica, as associações Escoteiras nacionais faziam variações colocando seus símbolos próprios. Abaixo, como exemplos, os símbolos de associações Escoteiras de Portugal, Cingapura e Etiópia.



No caso da flor de lis da União dos Escoteiros do Brasil vigente desde 1950 e que modificou ligeiramente as versões de 1930 e 1940, ela é dourada com o contorno em verde; no centro há um escudo azul como o das Armas da República, com o Cruzeiro do Sul circundado por uma faixa com estrelas representando as Unidades da Federação. Caracteriza-se, assim, a presença das cores nacionais e do Cruzeiro do Sul, nossa constelação-símbolo. Tem sob si um listel com as pontas para cima, assemelhando-se ao sorriso do Escoteiro, e com o lema “Sempre Alerta”; sob o listel, um nó que lembra a Boa Ação diária.



Em 2010, a União dos Escoteiros do Brasil decidiu dar um visual mais moderno à sua versão da flor de lis. O desenho foi simplificado nos contornos e deixou de ter o escudo imitando o das Armas da República, bem como o listel “Sempre Alerta”. O *Manual de identidade visual e otimização da imagem*, de 2010, apresenta as diretrizes de emprego do emblema. A metade esquerda da flor de lis (direita de quem olha; em heráldica, o escudo é considerado como se fosse outra pessoa olhando para nós) é em verde-floresta, e sua metade direita tem quatro seções em contorno de rostos voltados para a metade verde-floresta, sucessivamente em verde-broto, amarelo-sol, azul-água e azul-estrela (anil); os quatro rostos representam os quatro Ramos, e o rosto na extrema direita é continuado pela terceira pétala da flor de lis, na qual foi apostado, em branco, o Cruzeiro do Sul. Assim, o emblema procurou preservar nossas cores nacionais e nossa constelação-símbolo, fazendo a associação visual mais direta entre o símbolo consagrado do Escotismo e a Nação Brasileira. Ao compor o logotipo, tem-lhe associada a expressão “Escoteiros do Brasil”. A marca é usada nos documentos oficiais da UEB e material publicitário, peças de vestuário e acessórios.



### **O Lema**

Quando Baden-Powell estruturou a Força Policial Sul-Africana (*South African Constabulary – SAC*), era necessário ter como lema uma expressão simples que falasse da conduta que deveria caracterizar o membro da corporação: a capacidade de operar com independência e iniciativa, valendo-se de suas habilidades para fazer valer a autoridade do Estado, pronto “para o que der e vier”; a expressão escolhida foi *Be prepared* (esteja preparado). Consta que os homens daquela força haviam escolhido eles mesmos seu lema, porque exprimia bem sua disposição de assumir qualquer encargo que se apresentasse. Considerando que os Escoteiros teriam de se tornar também capazes de levar sua vida com independência e valendo-se de suas habilidades, B-P considerou muito adequado que usassem tal lema. Outra coisa da SAC que B-P aproveitaria seria o uniforme (assunto para outra seção). Noutras línguas, o lema passou por adaptações: em francês, “*Toujours prêt* (sempre pronto)”. No Brasil, adaptamos para “Sempre Alerta”.

A constituição do Ramo Lobinho, em 1916, para atender aos irmãos mais novos dos Escoteiros, levou à adoção de um lema próprio: “Melhor possível”, lembrando à criança a importância de fazer o seu melhor esforço naquilo que empreendesse. E a do Ramo Pioneiro, em 1919, também trouxe um lema ligado ao trabalho do Ramo: “Servir”.

### **A Promessa e a Lei Escoteira**

B-P conta ter recebido em 1902 uma carta de um menino que lhe fazia uma promessa. Escreveu ele:

“Prometo-lhe de todo o coração nunca beber nem fumar”.

Que o Senhor seja sempre um bravo soldado e eu também serei.

Afetuosamente, H.V... Halifax V.S...”

B-P, ao pôr em execução seu projeto educativo, refletiu sobre juramentos extremos, compromissos com a palavra “nunca” e leis proibitivas como os Dez Mandamentos. Constatou que juramentos “a ferro, fogo e sangue”, ou com palavras como “nunca” e “sempre” revelavam-se vazios porque humanamente impossíveis de cumprir (ou, se o corpo não pecasse, a mente pelo menos em algum momento o faria). Promessas feitas “a alguém” também ficam vinculadas a outra pessoa que não o promitente, quando o compromisso tem de ser assumido perante si mesmo. Além disso, regulamentos com proibições ou com a palavra “não” convidam à sua violação, no mínimo pelo espírito de rebeldia e desafio do jovem. Por isso, procurou construir uma promessa que o jovem conscientemente faria, de “fazer um esforço honesto, da melhor forma possível” para viver conforme algumas sugestões de comportamento.

### **Texto original Inglês da Promessa Escoteira**

#### **Scouting for Boys 1908 - Camp Fire yarn 3.**

On my honour I promise that – I will do my duty to God and the King. I will do my best to help others, whatever it costs me. I know the Scout Law, and will obey it.	Pela minha Honra prometo que: Cumprirei meu dever para com Deus e o Rei. Farei o melhor possível para ajudar os outros, qualquer que seja o custo. Conheço a Lei Escoteira e a obedecerei.
--	---

### **Texto original da Lei Escoteira.**

Na versão original de 1908 Baden Powell fez apenas 9 artigos, o décimo foi incluído na quarta edição (outubro de 1911) de *Scouting for boys*.

- 1- Pode-se confiar na honra de um Escoteiro.
- 2- O Escoteiro é leal.
- 3- É dever do Escoteiro ser útil e ajudar ao próximo.

- 4- O Escoteiro é amigo de todos e irmão de qualquer outro Escoteiro, não importando a que classe social pertença.
- 5- O Escoteiro é cortês.
- 6- O Escoteiro é amigo dos animais.
- 7- O Escoteiro obedece às ordens.
- 8- O Escoteiro sorri e assobia em todas as circunstâncias.
- 9- O Escoteiro é econômico.
- 10- O Escoteiro é limpo de pensamento, palavras e ações.

Como curiosidade, apresentam-se aqui a Promessa e Lei Escoteira da Associação Brasileira de Escoteiros, uma das que em 1924 se fundiriam para formar a União dos Escoteiros do Brasil.

Juro pela minha honra fazer tudo que de mim dependa para cumprir os deveres para com Deus e para com o Chefe de Estado, amar a minha Pátria, ser-lhe útil em todos os momentos e respeitar as suas leis e obedecer à Lei do Escoteiro.

#### **Lei**

- 1 - O Escoteiro é honrado, e sua palavra merece confiança absoluta.
- 2 - O Escoteiro não teme o ridículo, ainda que para executar obras nobres tiver de o ser.
- 3 - O Escoteiro é obediente, disciplinado e leal.
- 4 - O Escoteiro é um homem de iniciativa, mas também consciente da responsabilidade dos seus atos.
- 5 - O Escoteiro é tolerante, cortês e serviçal.
- 6 - O Escoteiro é amigo de todos e considera os outros Escoteiros como irmãos, sem distinção de classe social.
- 7 - O Escoteiro é valente e prontifica-se a ser útil e ajudar os fracos.
- 8 - O Escoteiro faz uma boa ação por dia, por mais modesta que seja.
- 9 - O Escoteiro é amigo dos animais, das árvores e das plantas.
- 10 - O Escoteiro é asseado e alegre.
- 11 - O Escoteiro é econômico, trabalhador tenaz e perseverante.
- 12 - A maior honra para o Escoteiro é sê-lo.

## TEXTO OFICIAL DA PROMESSA E DA LEI ESCOTEIRA, CONFORME ADOTADO PELA UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL

Prometo, pela minha honra, fazer o melhor possível para: cumprir meus deveres para com Deus e minha Pátria; ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião; e obedecer à Lei Escoteira.

- 1) O Escoteiro tem uma só palavra; sua honra vale mais que a própria vida.
- 2) O Escoteiro é leal.
- 3) O Escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação.
- 4) O Escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais Escoteiros.
- 5) O Escoteiro é cortês.
- 6) O Escoteiro é bom para os animais e plantas.
- 7) O Escoteiro é obediente e disciplinado.
- 8) O Escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades.
- 9) O Escoteiro é econômico e respeita o bem alheio.
- 10) O Escoteiro é limpo de corpo e alma.

A Promessa e a Lei do Lobinho têm texto mais simples:

Prometo fazer o melhor possível para cumprir meus deveres para com Deus e minha Pátria, obedecer à Lei do Lobinho e fazer todos os dias uma boa ação.

- 1) O Lobinho ouve sempre os velhos lobos.
- 2) O Lobinho abre os olhos e os ouvidos.
- 3) O Lobinho pensa primeiro nos outros.
- 4) O Lobinho é alegre e está sempre limpo.
- 5) O Lobinho diz sempre a verdade.

Na Grã-Bretanha, as histórias da Cavalaria Andante, mais notadamente as ligadas à lenda do Rei Arthur, constituíam um importante conjunto de temas edificantes, e as Leis da Cavalaria certamente tiveram sua influência na formulação da Lei Escoteira.

**Leis da Cavalaria:**

- Esteja sempre pronto, de armadura vestida, exceto enquanto estiver repousando à noite.
- Em tudo o que estiver fazendo procure ganhar honra e fama pela honestidade.
- Defenda os pobres e os fracos.
- Ajude os que não puderem se defender sozinhos.
- Nada faça para ferir ou ofender os outros.
- Esteja preparado para lutar na defesa de sua Pátria.
- Trabalhe antes pela honra que pelo proveito.
- Não volte atrás na palavra dada.
- Defenda a honra de sua Pátria com a própria vida.
- Prefira morrer honestamente a viver vergonhosamente.
- A Cavalaria exige que cada um esteja preparado para executar as tarefas mais humildes e trabalhosas com alegria e boa vontade; e a fazer o bem ao próximo.

A Promessa é **feita** somente uma vez na vida, e é o marco inicial da contagem da vida Escoteira do indivíduo. Numa passagem de Ramo ou investidura (confirmação) no Ramo, ou ao retornar ao Movimento depois de um período afastado, ou numa assunção de cargo, pode haver um momento no qual a Promessa Escoteira será **renovada**. E quando alguém, ao fazer ou renovar a Promessa, recita-a, lá do seu local de destaque, todos os presentes que já a fizeram, ao acompanhar o ato, têm seu momento de reafirmar esse compromisso.

### **A saudação: uma continência?**

Na construção dos marcos simbólicos do Escotismo, B-P agregou outro elemento de sua formação militar ao nascente movimento: a saudação. Não há como negar a semelhança da saudação Escoteira com a continência (na sua forma britânica, com a palma da mão para a frente). Entretanto, sua adoção não teve o intuito de trazer ao Movimento um caráter pré- ou paramilitar, pois prestar continência (continência não se “bate”: faz-se ou presta-se) é para o militar uma

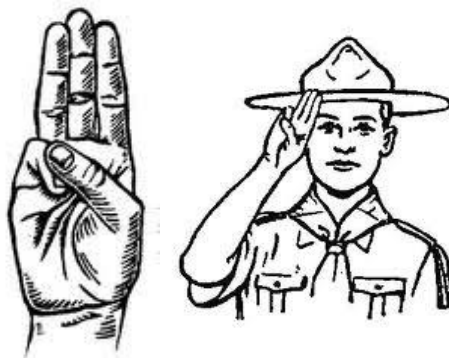
obrigação regulamentar; para o Escoteiro, é, assim como o aperto de mão, um dos seus *sinais peculiares e secretos*, o tipo de coisa que o jovem gosta de ter como marca de pertencimento a um *bando especial*. Mas o sinal Escoteiro não é secreto, já que é francamente visível quando feito! Correto, mas o seu significado é só *para os iniciados*. Os três dedos estendidos representam as três partes da Promessa (como as três pétalas da flor de lis). O polegar sobreposto ao dedo mínimo representa a união dos Escoteiros mais distantes, e o mais forte protege o mais fraco. O jovem que ainda não fez sua Promessa Escoteira não deve ser impedido de fazer o sinal Escoteiro (com brutalidades do tipo agarrar-lhe o braço e baixar-lhe a mão), mas deve ser esclarecido de que o sinal tem significado, e que fazê-lo expressa não apenas o conhecimento desse significado, mas também o compromisso de viver segundo os princípios que ele representa. Uma justificativa para a semelhança da saudação com a continência militar é a origem desse tipo de cumprimento: o gesto de levar a mão à pala da cobertura vem da prática dos cavaleiros medievais de, após o combate, levantarem a viseira do elmo para que seu comandante pudesse identificá-los. Mais um ponto de ligação da cavalaria medieval com o Escotismo...



O desenho mostra as duas possíveis origens da continência: tirar o chapéu como saudação ou levantar a viseira do elmo. “Capacetes azuis” brasileiros em continência. Um general norte-americano e um britânico em continência, podendo-se notar a diferença da posição da palma da mão.

Apenas como lembrete, a saudação é feita à Bandeira Nacional, a uma autoridade quando num desfile ou evento similar, e como cumprimento entre membros do Movimento. O sinal Escoteiro, no qual a mão não é levada à têmpora, mas posta na vertical ao lado do corpo (apontando para cima), é usado no ato da Promessa.





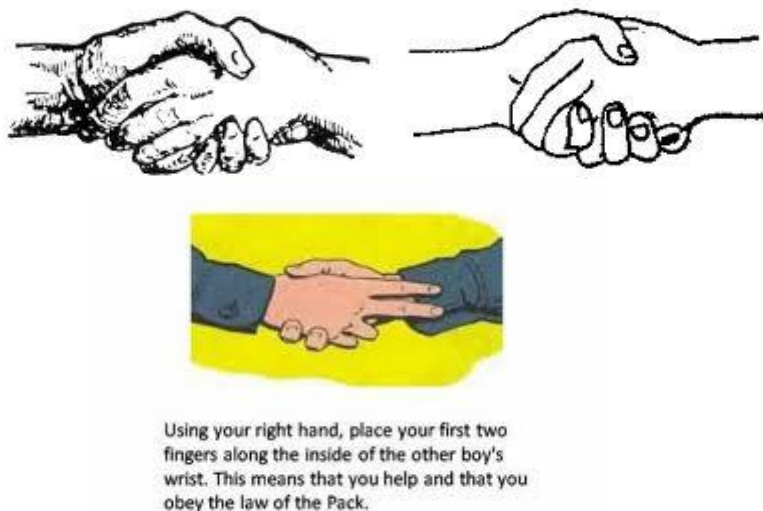
No caso do Ramo Lobinho, a saudação é feita com os dois dedos da mão em “V”, não porque, sendo mais jovem, ele só poderá usar o terceiro dedo “quando crescer” e for Escoteiro, mas porque os dedos representam as duas orelhas do lobo, em pé, alertas.



### **O aperto de canhota**

Consta que B-P aprendeu o aperto de canhota na expedição de pacificação dos Ashantis, quando, cumprimentando um chefe, este explicou-lhe que os guerreiros mais bravos em seu povo cumprimentavam-se com a mão esquerda, como forma de saudar um amigo ou reconhecer um inimigo valoroso. Quando cumprimentamos com a mão direita, deixamos de lado a arma, que geralmente é manejada com essa mão; ao cumprimentarmos com a esquerda, fazemos mais do que isso: sendo o esquerdo o braço do escudo, abrimos a nossa guarda, entregamos a nossa vida à lealdade daquela pessoa. Ao construir o Escotismo, B-P aproveitou essa ideia para instilar nos Escoteiros a confiança de uns nos outros, por meio de mais um *senal secreto*, de significado só conhecido pelos *iniciados*. E realmente, durante a Segunda Guerra Mundial, nos países ocupados pelo Eixo, foi um verdadeiro *senal secreto* de resistência contra ideologias destrutivas.

Variações sobre o tema: uso, no Brasil e nos EUA, do entrelaçamento do dedo mínimo (atualmente, só no Brasil); nos EUA, o aperto de mão do Lobinho é com a mão direita, com os dedos indicador e médio tocando o pulso do outro (representando a prontidão para ajudar/boa ação e o compromisso com a Lei do Lobinho).



### **O uniforme Escoteiro**

Após a bem-sucedida experiência de Brownsea e com a finalização da redação de *Escotismo para rapazes*, B-P agregou outro elemento de sua formação militar ao Escotismo: o uniforme. Uma vez mais, não com o intuito de dar ao Movimento um caráter pré- ou paramilitar, mas sim por perceber que o uniforme eliminava visualmente as indicações de classe socioeconômica (o equivalente às atuais roupas de grife); em uniforme, não havia rico ou pobre, mas apenas o Escoteiro. Naturalmente, considerando que o jovem faria trabalhos, iria ao campo e participaria de jogos, sua vestimenta teria de ser confortável e funcional. B-P aproveitou o chapéu de abas largas e retas (*Boss of the Plains*), a camisa de brim folgada e com mangas dobráveis e o lenço, já adotados na SAC, pois sua funcionalidade já fora mais que testada. Decidiu-se, ainda, pela bermuda, similar à usada pelas tropas britânicas nas colônias, por considerá-la arejada e propiciadora de boa liberdade de movimentos, e pelo meião até logo abaixo dos joelhos. O uniforme na cor cáqui era discreto, não deixava aparecer qualquer sujeirinha e

harmonizava-se com o ambiente nas atividades de campo. Por décadas, essas peças constituíram o uniforme mundial do Escoteiro, que viria depois a adequar-se às peculiaridades locais e temporais.

A criação do Ramo Lobinho, assim como a introdução das Modalidades do Mar e do Ar, trouxe variações sobre o tema. O boné do Lobinho, em numerosas associações Escoteiras, é o principal elemento identificador do Ramo. O *fez egípcio*, o turbante indiano, o *kilt* escocês são peças introduzidas pela tradição local. O próprio chapelão de aba larga viria a ter como alternativas, por questões de preço e praticidade, o boné, a boina, o bibico, o chapéu de brim... Mesmo a bermuda passaria a ser opção à calça comprida. As cores também, em algumas décadas, receberiam o toque local, variando do bege ao azul, passando pelo cáqui, pelo verde e mesmo pelo branco; em lugares onde a aquisição do uniforme é economicamente pouco viável, uma camiseta e o lenço valem como se fossem um traje completo.



Ilustração de uniformes usados pelos Escoteiros brasileiros de 1991 a 2010. Escoteiras muçulmanas usando o *chador* (véu). Uniformes do Ramo Lobinho, nas etapas da *Boy Scouts of America*.

O mais importante, visualmente, é que o traje propicie correta identificação combinada à boa apresentação. B-P disse: “Nenhuma importância tem que um Escoteiro ande uniformizado ou não! O que vale é que ponha o coração no Escotismo, engaje nele o seu espírito e cumpra a Lei Escoteira! Mas o fato é que não existe um Escoteiro, que podendo comprar o uniforme, deixe de fazê-lo”.

De fato, o uniforme continua a ser um meio de imediata identificação visual; o garbo e elegância no uso do uniforme visam a importantes objetivos pedagógicos. O primeiro é a identificação dos membros do Escotismo pela sua identidade comum, seres *do mesmo sangue*, cuja condição socioeconômica é irrelevante perante a sua condição de Escoteiros. O segundo é a boa representação da

instituição a que pertencem, fortalecendo, portanto, o espírito de corpo. Em terceiro lugar, podemos apontar o desenvolvimento da autoestima e o estímulo ao cuidado consigo mesmo começando pelo zelo com a boa apresentação do uniforme. Naturalmente, o despertar do orgulho dos jovens em envergar o uniforme que os “denuncia” como Escoteiros parte do exemplo do Chefe – não apenas em bem trajar, mas principalmente em suas atitudes.

### O Lenço

O lenço Escoteiro é, para começar, uma peça utilitária, que atende aos mais diversos fins: da bandana para o sol à atadura para ferimento, da tipoia ao escalpo para jogo, da superfície da padiola à máscara de proteção respiratória. Além disso, ele é, pode-se dizer, a peça mais característica de nossa identificação visual. Independentemente de se adotar lenço de Grupo, de Região, de Ramo ou de Associação Nacional, ou simplesmente o da WOSM, ele é a nossa *cota d’armas*, nosso *brasão de família*; por isso, quando o usamos, levamos ao pescoço toda a história dos que nos antecederam no Movimento e representamos uma das instituições de maior credibilidade no mundo por seus bons feitos. O lenço deve, portanto, ser usado, com orgulho e responsabilidade, como um marco simbólico da nossa identidade – **não importa com que cor, quem usa o lenço é nosso irmão Escoteiro.**



Renovação da Promessa em Brownsea, na cerimônia do “Alvorecer do Escotismo”, no Jamboree do Centenário (01/08/2007).

### Bandeira de Seção/Ramo/Grupo

Se for o caso de se instituir uma Bandeira de Seção, Ramo ou Grupo, esta **deve seguir a regra do POR** quanto a dimensões, cores e desenhos. Sua adoção e

descrição devem ser registradas por escrito, constando o nome, data, autoria, dados do patrono, totem ou evento que dá o nome à Seção ou Grupo. Obviamente, a seleção de seus elementos representativos deve evitar evocações discriminatórias, de maus costumes ou totalitárias.

### **O Sistema de Patrulhas**

O Sistema de Patrulhas é uma característica essencial do Método Escoteiro, por materializar a *vida em equipe*. Nisto o Escotismo difere de todas as outras organizações. O sucesso é absolutamente seguro, desde que ele seja convenientemente aplicado.

Em Escotismo, a Patrulha é sempre a unidade, seja para trabalho, seja para jogos, seja quanto ao dever e à disciplina. É a escola da vida em sociedade, da liderança, da aquisição progressiva de responsabilidades, já que cada jovem tem uma função e tem de desempenhá-la a contento para que o conjunto “funcione”. É a um tempo grupo formal e grupo de amigos, no qual o Monitor exercita-se na liderança e no cuidado pelas pessoas e bens a seu cargo.

Atribuindo-se responsabilidade a um indivíduo, obtém-se um notável desenvolvimento do seu caráter. A simples indicação de um monitor como responsável por uma Patrulha já é um grande passo nesse sentido. Dependerá também dele aproveitar e desenvolver as qualidades de cada elemento de sua Patrulha.

Nas atividades, ao se incentivar a ação da equipe para obter o sucesso, constrói-se o espírito de Patrulha, o tipo de coesão só compreendido por quem trabalhou, dormiu, comeu, sofreu e triunfou junto. Cada jovem, na Patrulha, passa a compreender que pessoalmente é responsável e que a honra do grupo, depende em certo grau de sua própria capacidade em “jogar o jogo”.

### **Corte de Honra**

A Corte de Honra é parte importante do Sistema de Patrulhas nos Ramos Escoteiro e Sênior. Ela é cercada de mística, porque somente os Monitores conhecem seu ambiente e o conteúdo de suas reuniões, sendo uma situação muito

especial alguém ser convidado a conhecê-la ou participar de uma reunião. É constituída, permanentemente, pelos Monitores e, sob a orientação do Chefe, decide e resolve as questões da Tropa, sejam elas de natureza administrativa, operacional ou disciplinar.

A participação na Corte de Honra ajuda a desenvolver respeito próprio e ideias democráticas em seus membros, simultaneamente com a noção de responsabilidade e respeito à autoridade; possibilita a prática do procedimento e formas de conduta semelhantes nas relações humanas, constituindo, para os jovens um notável treinamento de cidadania.

A Corte de Honra encarrega-se dos assuntos de rotina, da direção e gestão de todos os interesses da tropa, tais como jogos, divertimentos, distrações, esportes, etc. Dela também podem participar eventualmente os Submonitores, que, além de assim prestarem sua colaboração, vão também adquirindo prática e experiência em atuar dentro do conjunto.

A Corte de Honra, quando se reúne para assuntos de justiça, é composta somente de monitores. Como seu nome indica, tem a excepcional missão de julgar, intervindo em casos de disciplina e concessão de recompensas.

#### **UNIDADE DIDÁTICA 4: CERIMÔNIAS: RITOS DE INICIAÇÃO, DE CELEBRAÇÃO E DE PASSAGEM**

Por mais solene que seja uma cerimônia, ela tem um caráter lúdico: o *ludus* é uma representação, uma simulação do evento real; assim, quem preside a solenidade *representa* um papel, digamos assim, sacerdotal; o jovem representa o papel, seja do lobo, seja do escudeiro a se armar cavaleiro. Podemos, em consequência, verificar que a participação em um cerimonial assemelha-se àquela em um jogo, considerando que: o participante vive naquele momento *uma realidade própria* do evento, com certos papéis fora do “mundo profano”; essa realidade própria possui um tempo e um local determinados, com começo e fim, permitindo ao participante *mergulhar no outro mundo* e depois *voltar à tona* (ao mundo real), revestido dos princípios que o evento inspira; a situação tem reversibilidade, permitindo sua repetição e mudanças de papéis, facultando ao participante diferentes percepções em diferentes momentos, preservando-se, entretanto, o *espírito da cerimônia*, estabelecendo a comunhão com os outros participantes e, em esferas mais amplas, com os que a fazem noutros lugares e com os que a fizeram noutros momentos.

A ideia central, ao se pensar em qualquer cerimônia, é *significado*. Se não tiver um objetivo definido e não for significativa, marcante, será, para os participantes, uma perda de tempo, “o ritual pelo amor ao ritual”, na melhor das hipóteses. Bem claro quanto a isto é o velho dito popular: “Colação de grau e velório, só o próprio”. Como geralmente a organização das formaturas e velórios não toma em consideração os convidados, mas só o formando ou o falecido, os eventos tornam-se sacrificantes e desprovidos de sentido.

O ato formal da cerimônia, a observância do rito (sem fazer as coisas “de qualquer jeito”), é importante para que o ato seja valorizado, que a pessoa perceba que aquele aparato todo (por simples que seja) destina-se a reconhecer publicamente a sua conquista. Até a preparação de um pequeno texto ou a entrega de uma mensagem apropriada à pessoa e à ocasião (não um texto padrão para todo

mundo, como mera formalidade) indicam o cuidado que se teve em fazer daquele momento um marco na vida daquele indivíduo.

Para ser um marco na vida, o evento tem de ser significativo. E significativo não só para o seu protagonista, como também para os que assistem. Deve ser construído de tal maneira que: o jovem se sinta valorizado pela conquista da etapa (a cerimônia é personalizada); os que já a superaram evoquem com prazer a sua própria conquista; os que ainda não a alcançaram se sintam motivados (por emulação) a “chegarem lá”; e os visitantes percebam a valorização dada ao jovem em mais uma etapa de seu aprendizado para a vida.

Para que uma cerimônia seja significativa, ela precisa ser SBS: SIMPLES – BREVE – SINCERA.

SIMPLES: quanto mais elementos se coloca num evento, mais coisas têm possibilidade de dar errado, especialmente se estiverem articuladas entre si: um grupo que entra marchando por um lado e passa, cruzando-se, intercaladamente, pelo outro; um acionador por meio de rastilho de pólvora, que acende os foguetes que vêm dos quatro pontos cardeais para acender a fogueira; o traje de “Rei dos Nibelungos” aliado a um enorme texto (a ser lido ou decorado, tirando a naturalidade da cerimônia) e aparato teatral numa investidura; uma coreografia e ornamentação do espaço que fazem lembrar a mudança da guarda no Palácio de Buckingham. A preocupação com a forma é tanta que o personagem principal se torna mero parafuso na engrenagem. A simplicidade significa, portanto, ter os elementos materiais e humanos essenciais que caracterizem a cerimônia; que o texto (não necessariamente escrito) seja claro, preciso e conciso, dirigindo-se ao jovem que é o centro da cerimônia; que a cerimônia seja compreendida pelos presentes; que as ações caibam naquele espaço e tempo.

BREVE: quem consegue manter a concentração em um evento que se prolonga por uma hora ou mais, especialmente em pé e/ou com cinco pessoas (que não são de nossas relações) discursando, cada uma por uns quinze minutos? A perna dói, o nariz coça, o sabiá no arbusto ali à frente está construindo o ninho... Guardamos do evento mais o cansaço, a caceteação e o incômodo do que o seu real significado. A cerimônia não é o momento de “subir no palanque” e deitar falação.



O centro dela não é o orador. Os participantes querem dar sua atenção ao foco da cerimônia: passagem de Ramo, Promessa, conquista de nível de progressão, saída do Ramo. Assim, devemos executar aqueles procedimentos que são característicos e essenciais à cerimônia e pronto. Não devemos dar tempo ao cansaço, nem à dispersão.

SINCERA: quem está presente à cerimônia e, especialmente, quem a preside, tem de *estar no espírito* daquilo que se processa. Não interessa se o Chefe está conduzindo a 1.437ª cerimônia de Promessa: para o jovem (ou mesmo adulto) promitente, aquela é a primeira e única (qualquer outra subsequente será de renovação); é um momento importante, que deve ser valorizado. Se o Chefe não acredita no que está fazendo ali, ou se acha que aquele ato é meramente *pró forma*, é melhor que procure outra coisa para fazer.

A cerimônia deve ser preparada e contextualizada na atividade e no momento de vida do indivíduo; o local deve ser devidamente montado e acertado o dispositivo previamente; os materiais necessários devem estar no local ANTES do início da cerimônia; os presentes devem saber o objetivo da cerimônia, o que ocorrerá e o que significa cada ato; não deve haver nenhuma espécie de ação que submeta o indivíduo a dano, vexame ou constrangimento. Se algum convidado fará alguma coisa, deve ter ciência do que vai fazer, em que momento e como. Como em tantas outras situações, o imprevisto, que demonstra nossa flexibilidade e criatividade, **deve ser a exceção, e não a regra**. Será que uma cerimônia montada às pressas, com “recursos locais de uso imediato” e uma sequência “conforme vem à cabeça” será positivamente marcante?

Imaginemos a cerimônia como uma banqueta triangular. SIMPLICIDADE, BREVIDADE e SINCERIDADE constituem o tripé. A amarra (ou parafuso central) é o OBJETIVO DA CERIMÔNIA. Unindo as pontas e compondo o assento, temos o SIGNIFICADO. Assim, o indivíduo em prol de quem é feita a cerimônia terá uma superfície estável para apoiar sua nova condição, mais avançada que a anterior.



### **A ferradura: formatura básica**

Desde o *Escotismo para rapazes*, B-P apresentava noções de ordem-unida para os jovens; não com o intuito de fazê-los portarem-se como soldados, entrando em forma cobertos e alinhados, desfilando de passo certo e em atitude marcial. Isso ele considerava acessório – sua formação militar, ocorrendo “no campo da ação” nas colônias, fez que ele valorizasse muito mais os saberes necessários à operação em campo do que a perfeição de manobras no pátio de formaturas.

A entrada em forma por Patrulhas visa permitir aos Monitores e ao Chefe uma visão imediata dos jovens com quem convivem, e a emprestar uma identidade ao grupo que se vê reunido. Cada jovem tendo seu lugar definido na Patrulha torna muito mais fácil identificar se a Patrulha está completa e, se não, quem estaria ausente.

Há diversas formações, mas as mais usadas são por Patrulhas em coluna e em ferradura; particularmente a ferradura é a mais usada para avisos e instruções gerais, por permitir que todos se vejam mutuamente e vejam o que seja o centro do ato que se leva à prática, como o hasteamento/arriamento da Bandeira ou a entrega de certificados/distintivos. Cabe lembrar que não existe nenhuma prescrição regulamentar (nem nenhum escrito de B-P sobre isso) sobre “não se poder passar por dentro da ferradura ou ‘cortar’ a Patrulha”; além de não ser nenhum “atentado à unidade da Patrulha”, devemos ter em mente a simplicidade e brevidade que devem marcar as cerimônias. É desnecessário, por exemplo, fazer alguém dar a volta em toda uma ferradura de 250 pessoas num grande acampamento; toma tempo, desgasta e não atende a nenhum objetivo pedagógico. Igualmente, não faz sentido não fazer ferraduras concêntricas quando o efetivo em forma for grande,

simplesmente “porque a ferradura tem de ser uma só” – mesmo que atravessasse uma rodovia ou um rio.

### **A Promessa: um rito de iniciação**

Os povos ditos primitivos afirmavam e reafirmavam sua identidade por meio de ritos. A inserção da pessoa no grupo era marcada pela participação em ritos conforme sua evolução, quer etária, quer pela aquisição de conhecimentos e habilidades. Com isso, ela não só afirmava seu pertencimento à sociedade, mas também tinha referenciais sobre o tipo de conduta que lhe seria cabível junto ao grupo. No caso do Escotismo, a Investidura/Integração e a Promessa são os grandes ritos de iniciação, seguidos dos níveis de progressão. A Investidura ou Integração, na qual a pessoa recebe o lenço Escoteiro, representa sua inserção no Grupo Escoteiro. A entrega do lenço é feita pelo Diretor-Presidente do Grupo justamente por ser ele quem, juridicamente, representa o Grupo Escoteiro como unidade, a família da qual o indivíduo começa a fazer parte; feita publicamente (perante o Grupo ou, no mínimo, perante o Ramo), esta cerimônia assemelha-se à do reconhecimento dos novos lobos pela alcateia, no *Livro da Jângal* (“olhai bem, ó lobos”).

A Promessa, por sua vez, é o momento mais marcante de quem ingressa no Movimento Escoteiro. É a assunção voluntária do compromisso de pautar sua vida pelos princípios Escoteiros. Não é, portanto, uma “promessa de campanha eleitoral”, vã ou temporária, mas um compromisso pessoal permanente, por cujo cumprimento a pessoa responde unicamente perante seu mais severo juiz: sua própria consciência. Ela coroa o cumprimento das etapas referentes a valores (sem os quais todos os conhecimentos e habilidades técnicas são vazios), e é um ato verdadeiramente individual – não depende do consentimento de outros, nem de ação de ninguém que não o próprio promitente. A Promessa traz à mente e ao coração em primeiro lugar o conceito de Honra, associando-se depois aos de lealdade, serviço, dever, fé...

Muitas datas são marcantes na vida Escoteira do indivíduo, mas sobre todas está a da Promessa. É a ocasião em que a pessoa se liga à Fraternidade Mundial

Escoteira, passando a ser *do mesmo sangue* por ter assumido o mesmo compromisso. Portanto, é um momento que não pode ser encarado de maneira leviana. Deve ser marcante e único para o comprometente – só se faz a Promessa uma vez na vida; qualquer outra vez é *renovação*. Por isso é que, salvo em situações específicas (como a inauguração do Grupo Escoteiro), a cerimônia de Promessa deve ser individual. Não precisa ser feita perante todo o Grupo numa data determinada. Pode ser feita dentro da Seção, em sede ou em atividade externa, desde que atendidos os requisitos de ser uma atividade formal, com os participantes devidamente uniformizados/trajados, conduzida por adulto credenciado para tal, com a Bandeira Nacional apresentada em conformidade com a lei. A cerimônia não deve ser muito teatralizada ou rebuscada; deve ser **simples, breve e sincera** para que seus participantes lhe atribuam significado e possam recordar-se dela.

A cerimônia de Promessa (ou sua renovação numa investidura ou passagem de Ramo) deve ser preferencialmente conduzida pelo Chefe da Seção (pois ele é quem a representa), e no caso dos Ramos Escoteiro e Sênior, o Monitor do promitente deve estar junto a ele – no Ramo Pioneiro, quem fica ao lado do recém-chegado é o seu padrinho. Assim como o Chefe representa a Tropa, o Monitor representa a Patrulha pela qual é responsável; cabe a ele entregar ao jovem seu distintivo de Patrulha e nela acolhê-lo, explicando-lhe os atributos do seu Totem. Na Promessa de um adulto, se ela não for presidida por um membro da Diretoria, ao menos convém que haja algum presente, pois é a instância a quem o adulto se reporta, como representantes institucionais da UEB, entidade a que o adulto se compromete a servir.

A progressão, particularmente nos Ramos Sênior e Pioneiro, pode ter um marco simbólico próprio, correspondente à “confirmação” do jovem no Ramo. Era o caso das cerimônias de Investidura (conclusão do Estágio Probatório), nas quais o jovem recebia seu distintivo de progressão, reafirmava o seu compromisso e assumia responsabilidades pelos que estavam em etapas anteriores e pela preservação da mística da Seção (nomes místicos, símbolos, história da Seção). Estas cerimônias geralmente são reservadas à Seção, sendo vedado o acesso dos

membros juvenis que ainda não tenham alcançado aquele nível de progressão, de modo a despertar-lhes o interesse por *ter acesso como iniciado*.

### **Ritos de passagem**

“Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Quando me tornei adulto, rejeitei o que era próprio de criança (1ª Carta de Paulo aos Coríntios, capítulo 12, versículo 11)”.

No *Livro da Jângal*, Kaa diz a Mowgli em sua partida da Jângal para a Aldeia dos Homens: “Depois que soltamos a pele velha não a podemos vestir de novo. É da Lei”.

Os ritos de passagem, notadamente os de passagem de Ramo, têm um objetivo cuja importância na construção do *self* já era mencionada por Jung. Como ele ressaltou, um aspecto no qual as sociedades ocidentais, de nações industrializadas, ditas desenvolvidas, perdem para as ditas primitivas, é na integridade do processo de individuação. Especialmente quando as pressões do consumismo estimulam as crianças a “adolescerem mais cedo” e os cronologicamente adultos a “deixarem a adolescência mais tarde”, cria-se uma situação psíquica de indefinição. O jovem não sabe se ainda é criança (com as proteções e impedimentos da criança), e o adulto não tem certeza de já ser adulto (com as responsabilidades correspondentes a essa condição).

Os ritos de passagem das sociedades tradicionais ajudam os seus integrantes a viverem a citação de Paulo que inicia esta seção. Quando o menino tinha a primeira polução, ou a menina, a menarca, passava por um rito no qual “morria” para o antigo *status* e “renascia” para o novo, ingressando na sociedade dos adultos. Os atenienses tinham o ritual da *efebia*, quando o jovem, mais ou menos aos 18 anos, cumpria determinadas tarefas para ser aceito como cidadão adulto (em vários países, como o Brasil, um rito de passagem para o jovem ingressar na sociedade adulta é o alistamento militar obrigatório). B-P conta que o jovem zulu, ao atingir certo estágio de desenvolvimento físico, considerado compatível com os requisitos de adulto (por volta dos 16anos), passava, entre outros ritos, por uma etapa na qual era pintado de branco e tinha de viver apenas com uma azagaia; a

tinta só saía depois de um mês, e se ele fosse visto por outro zulu enquanto pintado, poderia ser caçado e morto. Processo similar era usado pelos espartanos.

No caso das nossas sociedades, nas quais se percebe haver uma etapa na qual o indivíduo já não é bem criança nem é bem adulto (denominada adolescência), porque biológica e psicologicamente ele ainda está em processo de amadurecimento, mostra-se interessante marcar uma etapa de passagem a mais. Essa foi a ideia que norteou a primitiva divisão dos Ramos no Escotismo: Lobinhos de 8 a 12 anos (criança e pré-adolescente, com relativa autonomia e pré-púberes), Escoteiros de 12 a 18 (adolescentes, púberes ou quase e em processo de maturação fisiológica e definição psíquica com a afirmação da personalidade) e Pioneiros de 18 a 25 (jovens adultos inserindo-se plenamente na sociedade). O estabelecimento da idade mínima em torno dos 7 ou 8 anos liga-se ao desenvolvimento cognitivo: nesta época, conforme a percepção de Piaget, a criança entra no estágio das operações concretas ou, como diziam os antigos, na “idade da razão”; é uma fase na qual ela toma consciência de si mesma, torna-se capaz de experimentar conscientemente (não mais aleatoriamente) e entende que seus atos têm consequências. E ao redor dos 11 ou 12 anos, ainda seguindo Piaget, consegue abstrair informações para fazer o seu processamento (o chamado estágio cognitivo operatório formal).

Mesmo com as adaptações que adotamos no Brasil, de divisão em quatro Ramos, com idades um pouco diferentes das anteriormente apresentadas, procura-se agrupar os jovens pelo estágio de seu desenvolvimento fisiológico e psicológico. E os nossos ritos de passagem têm justamente o objetivo de marcar essas mudanças de etapa, de modo a permitir ao jovem enxergar com mais clareza *em que fase de vida ele está, e o que é de se esperar dele nessa fase.*

Assim, na passagem de Lobinho a Escoteiro, o jovem tem contato com a história da *Embriaguez da primavera*, indicando-lhe que é tempo de sair da fantasia da Jângal e assumir sua real condição humana, na sociedade humana. Usualmente, inclui-se na cerimônia de passagem do Ramo Lobinho a transposição de um obstáculo, representando a travessia do Waingunga, ou a transposição da cerca da aldeia por Mowgli; voltando a Jung, é como se ele “morresse” para a condição de Lobo, ou fosse dela “lavado” para “renascer” na aldeia dos homens. Essa

passagem, que ocorre por volta dos 11 anos de idade, coincide aproximadamente com a evolução cognitiva do operatório concreto para o operatório formal, na concepção piagetiana.

Na passagem de Escoteiro a Sênior, essa “morte” e “renascimento” adquirem outras características: o jovem, partindo do mundo das descobertas do Ramo Escoteiro, entrará no do desafio, do Ramo Sênior. Assim, a cerimônia pode envolver atividades desafiadoras (podendo evocar os quatro desafios do Ramo: físico, intelectual, afetivo-social e espiritual), com cuja superação o jovem é “acolhido na tribo”.

Na passagem de Sênior a Pioneiro, o jovem “deixa a tribo” – uma vez mais, morte e renascimento, ou a partida da Jângal – com suas aventuras nas quais ainda havia um Chefe a responsabilizar-se por ele, para ingressar no campo do Serviço, no qual, como cavaleiro andante, terá de fazer seu projeto de vida e caminhar por suas próprias pernas, já que passa a ser um indivíduo legalmente capaz.

Finalmente, na saída do Ramo Pioneiro, o jovem faz a sua despedida do papel de beneficiário do Escotismo para a eventual assunção do papel de colaborador, como adulto, ou para ingressar, definitivamente, como adulto na sociedade. Uma vez mais, deixa a Jângal para trilhar os caminhos da Aldeia dos Homens.



Ritos de passagem entre tribos indígenas e entre Escoteiros.

Como se vê, os ritos de passagem ajudam o jovem a ter mais segurança para enxergar *que posição ocupa no grupo social*, quanto a direitos, expectativas e responsabilidades. E o muito alardeado *choque da passagem*, acusado como causa de evasão, tem como origem principal a condução deficiente da acolhida do jovem no Ramo aliada à negligência das etapas de transição (as outrora chamadas Trilha Escoteira, Rota Sênior e Ponte Pioneira). Estas, especialmente nos Ramos iniciais,

têm o objetivo de fazer a “aclimatação” e progressivo entrosamento do jovem com os colegas do novo Ramo, podendo ser facilitadas pela participação junto aos jovens que foram seus companheiros no Ramo anterior e o antecederam na passagem. Etapas de transição bem conduzidas neutralizam o “choque do novo Ramo”.

Recomenda-se que as cerimônias de passagem de Ramo contem com a presença do Diretor-Presidente do Grupo ou de um membro da Diretoria; ele acompanha o jovem que passa, recebendo-o do antigo Chefe e entregando-o ao novo, personificando a unidade do Grupo Escoteiro.

### **O Fogo de Conselho: um rito de celebração**

Os capítulos do *Escotismo para rapazes* têm o título de *Camp fire yarn*, ou conversa junto ao fogo de campo. A reunião ao pé do fogo, em Brownsea, em todas as noites do acampamento, era momento no qual se reviam os acontecimentos do dia, davam-se algumas orientações para o dia seguinte, e eram também momentos de *contação de casos*, de teatralizações, de diversão, mas também de conselho e reflexão. Foi algo que B-P aprendeu com os povos “primitivos”, que faziam reuniões noturnas junto ao fogo, nas quais se dançava, cantava ou relatavam-se histórias e experiências, reconhecendo os feitos de valor presentes ou passados e servindo tanto para transmitir ensinamentos quanto para edificação moral dos participantes.

Adotou-se o costume de fazer a cerimônia do Fogo de Conselho na última noite em campo, fazendo dessa ocasião de alegria, reflexão e conagração a *despedida do campo*. Recomenda-se ser feito à noite, por ser um horário que convida ao descanso e à reflexão; não é lá muito inspirador contar ou representar uma história, ou trazer um tema de reflexão pessoal ou partilha no pino do dia, antes ou depois do almoço (antes, fome; depois, sonolência de jiboia; grande claridade e calor exigem maior esforço para construir um clima de introspecção).

O Fogo de Conselho não precisa se prender ao esquema esquete-palmanção; conquanto seja uma cerimônia, e tendo uma relativa estrutura básica, ele é bastante flexível. Pode ter como foco: o relato das experiências do dia; uma história relacionada ao lugar/data/tema do acampamento; uma “contação de casos” na qual



os participantes relatam a obtenção das suas “cicatrizes”; ou promover um momento de aproximação e partilha entre os acampadores.

Conforme a situação, pode ser inviável a fogueira, ou mesmo o fogo (imagine uma situação de chuva torrencial no acampamento). De fato, o fogo é mais inspirador, pois nos traz de volta às reuniões ancestrais ao redor do lume. Mas, dependendo das possibilidades e limitações, a cerimônia pode usar uma vela, um lampião ou lamparina, uma fogueira de celofane com uma lâmpada, uma lanterna (por exemplo: não há como usar fogo, de tamanho nenhum, no interior de um hangar). O que vale é a chama Escoteira no coração dos participantes.



Como dito acima, a cerimônia do Fogo de Conselho é feita predominantemente na última noite em campo, como despedida dos acampadores. Não há nenhuma norma escrita determinando imperativamente que seja nessa noite (nem mesmo que haja um Fogo de Conselho em toda atividade com pernoite). A intenção, ao convencionar tal disposição no tempo da atividade, é de “sincronizá-la” com outras atividades de campo que estejam ocorrendo na mesma data; remete-se, assim, à proposta de *comunhão de espírito* entre acampadores, mesmo que sequer saibam da existência uns dos outros, realçando a ideia-força de fraternidade mundial (no mínimo, entre os que estão no mesmo fuso horário ou em fusos vizinhos). Nada impede, na verdade, que essa cerimônia seja feita em outra noite, pelas mais variadas circunstâncias: aproveitar a presença de visitantes ou de alguma autoridade; situação, na noite seguinte, que torne difícil ou inviável a reunião dos participantes com o *clima de Fogo de Conselho*; dificuldades relativas ao local, ou outras razões.

Como toda cerimônia, o Fogo de Conselho deve ser significativo, atendendo aos requisitos de SIMPLICIDADE – BREVIDADE – SINCERIDADE; deve ser planejado, e preparado em conformidade com o planejamento. Convém ter um tema

relacionado à atividade da qual faz parte. Os participantes devem ter ciência de sua realização e condições, de modo a prepararem-se convenientemente. Deve haver um Dirigente do Fogo, encarregado da coordenação geral, que prepara a programação, designa as equipes, abre, dirige e fecha a cerimônia; e um animador, ou Mestre-de-Cerimônias, que deve estimular e manter a animação dos participantes.

O Fogo pode ser:

- De Seção: formal ou informal, reunindo os membros da Seção, com programação mais, ou menos, estruturada.
- Inter-Seções ou Grupal: congregar os membros de diferentes Seções/Ramos.
- De Família do Grupo: com a participação dos familiares dos jovens, mais comum em ocasiões festivas.
- De Grande Atividade: quando há vários Grupos presentes, necessita especial atenção quanto aos requisitos de brevidade e simplicidade.
- De Relações Públicas: quando há a assistência por pessoas de fora do Movimento.

Imaginando um Fogo de Conselho Grupal em um Grupo Escoteiro de grande efetivo, ou Inter-Grupal, ou de Grande Atividade, ressalta a necessidade de uma adequada programação, de modo a haver representatividade dos participantes sem que a cerimônia se torne longa e maçante (imagine o que seria uma sequência de vinte e duas apresentações, por exemplo, num acampamento inter-Grupos com oito Patrulhas Escoteiras, seis Patrulhas Sênior e oito Matilhas; duraria pelo menos umas duas horas).

Especialmente no caso de termos a presença de pessoas que não estão habituadas a atividades Escoteiras e ao cotidiano de Tropa, é preciso atentar para a necessidade de a cerimônia e os vários atos que dela fazem parte serem compreensíveis pelos participantes; estimular a criatividade dos jovens para que suas apresentações sejam relacionadas ao tema, produzidas por eles mesmos e conduzidas sem sujeitar ninguém a constrangimentos ou ofensas.

Para atender à necessidade de simplicidade, brevidade e significado, as apresentações devem durar, no máximo, 3 a 5 minutos; a partir daí, o desinteresse tende a se instaurar.

Após o seu encerramento, a fogueira deve ser extinta. Há quem tenha o hábito de guardar cinzas de um Fogo de Conselho para colocá-las na fogueira do próximo, mantendo esse encadeamento espiritual. Outros não se importam com essa materialidade. De todo modo, cabe lembrar que a extinção da fogueira do Fogo de Conselho deve ser feita de maneira respeitosa, total (com o rescaldo, para que a lembrança do Fogo de Conselho não seja um incêndio) e, tanto quanto possível, sem deixar vestígios.

Não é obrigatório, mas muitos adotam uma vestimenta própria para Fogo de Conselho: um poncho, manto, jaqueta, capa, na qual costumam colocar geralmente distintivos de atividades das quais participaram ou que de alguma forma são significativos em sua vida, e procuram preservá-la para o Fogo ou algum outro momento especial, não a usando cotidianamente.

A *Flor vermelha* é uma cerimônia do Ramo Lobinho, que tem semelhanças com o Fogo de Conselho, mas atentando para as peculiaridades do Ramo. Será mencionada ao se tratar da Mística nos Ramos.

### **Investidura do monitor**

Esta cerimônia é simples, mas convém dar ênfase ao valor do trabalho do Monitor. Pode ser aplicada nos Ramos Escoteiro e Sênior. Ela é conduzida pelo Chefe de Tropa, porém, a presença do Diretor-Presidente poderá tornar a ocasião mais marcante, ressaltando a importância da função de Monitor. Os detalhes podem variar, desde que não se façam tantos refinamentos que aumentem o tempo da cerimônia sem aumentar seu impacto.

### **Procedimento sugerido**

A tropa formará em ferradura, sob o comando do Chefe de Tropa, e as faixas de monitor e bandeirola da Patrulha devem estar à mão.

CHEFE DE TROPA: “Depois de consultar a corte de Honra decidi nomear “fulano de tal” como monitor da Patrulha... Ele concordou em aceitar esta

responsabilidade”. Então o chefe de tropa chama a monitor para frente, explica rapidamente suas responsabilidades e funções, e lhe pergunta: “Você se compromete a fazer o melhor possível para pôr sua Patrulha antes de sua pessoa, a Tropa antes de sua Patrulha e ser um Escoteiro/Sênior digno de ser seguido em todas as horas?”

MONITOR: “comprometo-me”.

O Chefe de Tropa, a seguir, entrega o distintivo e o bastão com a bandeirola da Patrulha, com algumas palavras desejando felicidades e encorajando-o.

A cerimônia conclui-se com um “bravo” ou o Grito da Tropa.

#### Uma Palavra aos Monitores

Quero que vocês, Monitores, entrem em ação e adestrem suas Patrulhas inteiramente sozinhas e à sua moda, porque para vocês é perfeitamente possível pegar cada rapaz da Patrulha e fazer dele um bom camarada, um verdadeiro homem. De nada vale ter dois rapazes admiráveis e o resto não prestando para nada. Vocês devem procurar fazê-los todos positivamente bons.

Para conseguir isso a coisa mais importante é o próprio exemplo, porque, o que vocês fizerem, os seus Escoteiros também farão.

Mostrem a todos eles que vocês sabem obedecer às ordens dadas, sejam elas ordens verbais, ou sejam regras que estejam escritas ou impressas; e que vocês cumprem ordens, esteja ou não o Chefe Escoteiro presente. Mostrem que conseguem conquistar distintivos de Especialidades, e, com um pouco de persuasão, os seus rapazes seguirão o seu exemplo.

Mas lembrem-se que vocês devem **guiá-los** e não **empurrá-los**.

(B-P, *Escotismo para rapazes*, Conversa de Fogo de Conselho nº 4)

#### Jornada de Classe

A jornada é uma etapa importante, não apenas pela sua aplicação de técnicas mateiras e de orientação, mas também pelo seu simbolismo. Pode ser

considerada a experiência maior da vida Escoteira, materializando o espírito de aventura do jovem; como num rito de iniciação, é um momento no qual ele vai *caminhar com as próprias pernas*, tendo de tomar suas próprias decisões e prover seus próprios meios de sustento, conforto e deslocamento; pernoitará não apenas fora de casa e numa barraca ou abrigo, mas também sem um grupo maior (Patrulha ou Tropa); é uma *prova pessoal*: de autoconfiança, de lealdade, de companheirismo (a jornada é feita em dupla), de responsabilidade, de capacidade física e intelectual, de determinação e perseverança, de valores espirituais. É o coroamento de todo um trabalho formativo por que passou no Ramo Escoteiro/Sênior, e exige uma preparação técnica, espiritual, física e material do jovem.

A preparação envolve ações como: planejamento (estabelecimento de objetivos e metas, levantamento de meios necessários e disponíveis, análise de alternativas); seleção de material (peso, volume e utilidade); seleção de alimentos (balanceamento nutricional, quantidade, peso, volume, conservação, facilidade de preparo, detritos); divisão de tarefas com o companheiro (negociação).

A execução usará a leitura de cartas topográficas, orientação e navegação; técnicas de campismo; habilidades de cozinha; sanitarismo em campo; sociabilidade, pelo contato que terá de ser feito com os habitantes da região; segurança, tudo com o objetivo de propiciar que o jovem manifeste atributos positivos. Após a jornada, o relatório faz o registro histórico desse momento marcante para o jovem, no qual, como nos rituais dos povos ditos primitivos, ele afirma a sua autonomia.



## **UNIDADE DIDÁTICA 5: MÍSTICA NOS RAMOS**

### ***MÍSTICA NO RAMO LOBINHO***

O Ramo Lobinho é fortemente marcado pela mística, devido ao seu fundo de cena do *Livro da Jângal*. **Dentro das reuniões** de Alcateia, os adultos que nela atuam têm seus nomes místicos: Baloo, Bagheera, Hathi, Kaa, Rikki-tikki-tavi, Chil, Raksha... Fora das reuniões, devem ser tratados por Chefe Fulano, Beltrano ou Sicrano. Cada nome é atribuído de acordo com as características do adulto; assim, um Chefe que seja bom para orientar quanto às Leis da Jângal será Baloo (e não precisa ter corpulência de urso para isso); um Chefe que *enxerga o conjunto, como quem vê do alto* e repassa essa noção aos Lobinhos tem características de Chil; um Chefe que estimula a curiosidade intelectual tem jeito de Kaa; um que seja forte na construção do *espírito* (ou da espiritualidade) na Alcateia pode ser Hathi; e assim por diante. Há as canções, danças e cerimônias próprias do Ramo, como o Grande Uivo e a Caça-Livre. E os símbolos como as cores de Matilha e o Totem da Alcateia.

**O Lobinho não deve ser tratado como um Escoteiro abaixo da idade.** Suas características de desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e social exigem uma ambientação própria e um tipo de atividades próprio. Essa ambientação é dada pelo fundo de cena da Jângal e as atividades devem ser desafiantes de acordo com as suas capacidades e limitações. Por exemplo, o Lobinho pode acampar, mas a aplicação das técnicas de campismo pelo próprio jovem acontecerá no Ramo Escoteiro; assim, é necessário dosar a atividade de modo a não queimar etapas e não deixar que as práticas do Ramo Escoteiro “não sejam novidade” para ele. Essa expectativa de chegar a poder fazer o que os mais velhos fazem faz parte da mística, conduzindo à construção da identidade e da autoconfiança do jovem.

#### Totem da Alcateia

Cada Alcateia deverá ter um Totem. A palavra Totem é de origem indígena norte-americana e representa o espírito tutelar da família que o usa. Os Totens das famílias Índias americanas eram talhados, usualmente em postes de madeira, geralmente usando-se uma figura de um pássaro ou animal. Todos os Lobos

pertencem a uma grande família, com irmãos em muitos países; assim, o Totem da Alcateia será uma figura de Lobo, inteiro ou a cabeça, sobre uma plataforma colocada no fim de uma haste.

O objetivo do Totem é indicar o pertencimento dos Lobinhos à Alcateia e incentivá-los a conquistarem sua progressão, demonstrando a eficiência da Alcateia.

O totem deve estar presente em todas as Atividades Especiais da Alcateia, devendo ser tratado com respeito e reverência, pois carrega toda a História da Seção.

Cada vez que um Lobo conquista sua Promessa, se coloca no Totem uma fita da cor da Matilha com seu nome escrito nela. Ao longo da vida do jovem no Ramo, vão-se registrando na fita suas sucessivas conquistas; a fita é retirada do Totem quando o jovem deixa a Alcateia. É opção da Alcateia e do jovem definir com quem essa fita ficará: se com o jovem, como lembrança de suas conquistas no Ramo, se na Seção, como parte do seu registro histórico.



#### As cores de Matilha

No Ramo Lobinho, as Matilhas são identificadas por cores, sendo que **só podem ser usadas** cores próprias de lobos: Preto, Branco, Amarelo, Vermelho, Marrom e Cinza. Cores como azul, verde, roxo ou rosa não são aplicáveis.

#### A Flor Vermelha

Esta cerimônia, que usualmente acontece na última noite em campo, **não é** um “Fogo de Conselho de Lobinhos”. Seu fundo de cena remete ao Livro da Jângal.

Sua característica principal é que na sua abertura faz-se a ambientação contando a história de como Mowgli, numa incursão à Aldeia dos Homens, obteve a Flor Vermelha com o intuito de afirmar-se perante a Alcateia e intimidar Shere Khan – trecho do final da história *Os irmãos de Mowgli*. Nessa cerimônia festiva, canta-se, contam-se histórias, podem até mesmo fazer-se pequenas representações. Não há um esquema rígido. Mas seu fundo de cena sempre é a Jângal e a ambientação é a história da Flor Vermelha.

### **MÍSTICA NO RAMO ESCOTEIRO**

#### Os nomes de Patrulha

No Ramo Escoteiro, os nomes de Patrulha são de animais ou de constelações. O animal que dá nome à Patrulha é o seu Totem. Assim como nas tribos indígenas, o animal-totem é fator de identidade comum, e empresta à Patrulha as suas qualidades. Do Esquilo, por exemplo, podem ser a agilidade e a previdência; do Cão, a fidelidade; do Elefante, a força e a serenidade; do Quero-quero, a vigilância e a coragem. Coerentemente, a Patrulha adota o seu grito identificador, que pode descrever esses atributos do totem. No caso das constelações, os nomes geralmente são escolhidos por ter a história da denominação da constelação algum elemento relevante para os jovens. Por exemplo, Argo, o gigante de cem olhos, pode ser associado a estar “sempre alerta e vigilante”; Crater, o Caldeirão, à boa alimentação (pode ser um estímulo ao esmero na culinária), ao sustento, à saúde; Órion, o Caçador, à coragem, astúcia e paciência necessárias na caçada.

Cada jovem deve pesquisar para bem conhecer o animal/constelação que dá nome à sua Patrulha; suas características/histórico, extinção ou não, o som do animal, a origem do nome da constelação...

O grito de Patrulha e seu lema (por exemplo, Cavalo: “Fortes Ligeiros”) geralmente são instituídos com a criação da Patrulha, devendo ser registrados no Livro Histórico com os seus criadores; pelo bem da preservação da identidade comum, não convém que fiquem sendo mudados; a tradição é que preserva o espírito de Patrulha. Imagine-se quão forte seja o vínculo de identidade de um avô,



Corvo em 1962, com o neto, Corvo em 2012, que vê o nome do avô nos registros da Patrulha e que dá o mesmo grito de cinquenta anos antes.

Como curiosidade, a Patrulha de que se tem notícia de ser a mais velha em atuação é a Raposa, do Grupo Escoteiro São Paulo, sucessor direto da Boy Scouts Paulista, fundado em 23 de setembro de 1923, e que participou na Revolução Constitucionalista de 1932 servindo à Cruz Vermelha de julho a outubro daquele ano, merecendo carta de congratulações de B-P pelos serviços prestados.

### Distintivos de Patrulha

Os distintivos de Patrulha, com as cores conforme o POR, indicam prontamente a Patrulha a que o jovem pertence; devem ser usados com orgulho, por representarem a história da Patrulha e as virtudes do seu totem, refletidas no caráter do seu portador.

No acampamento experimental de Brownsea, as Patrulhas eram identificadas por um pedaço de lã colorida, preso ao ombro, com as seguintes cores:

Corvo: vermelho.

Lobo: azul.

Maçarico: amarelo.

Touro: verde.

### O bastão Escoteiro e o Totem da Patrulha

O bastão pode ser bastante útil, particularmente em campo. B-P recomendava que cada Escoteiro tivesse o seu, com cerca de 1,5 m de comprimento, graduado até 1 metro, com os primeiros decímetros divididos em centímetros, de modo a servir também como instrumento de medida. B-P pegou essa ideia de um bastão contendo gravadas medidas e outras informações úteis durante a expedição contra os Ashantis (1895), na qual havia um Capitão de Engenharia que tinha um bastão assim, que grandemente lhe facilitava o serviço.

O bastão serve como apoio adicional em terreno irregular; para tatear o caminho à noite; como barreira de contenção de pessoas; para fazer padiolas visando ao transporte de feridos ou de bagagens; ou como recurso auxiliar na avaliação de medidas lineares e distâncias.

Bastões amarrados juntos podem se transformar numa útil ponte improvisada para se atravessar um rio, num posto de observação ou num mastro de bandeira.

O bastão, especialmente o totem da Patrulha, no qual se prende a bandeirola, serve também como uma parte da memória da Patrulha, pois nele se penduram as Eficiências de campo, demonstrando as conquistas que a Patrulha obteve; podem constar os nomes de sucessivos monitores, sinais de pista, código Morse, medidas e outras decorações que a Patrulha julgar relevantes. O bastão com a bandeirola da Patrulha muito se assemelha no espírito aos estandartes das legiões romanas e às flâmulas (guiões) regimentais dos exércitos. No livro *Kim*, a figura do touro vermelho sobre fundo verde é a flâmula do regimento do pai do herói, o dos Mavericks irlandeses.



### Canto de Patrulha

Dentro do Grupo Escoteiro existe a necessidade de haver um espaço íntimo, aconchegante, arrumado pela própria Patrulha, que dá a esse canto toda a importância que lhe é devida. É o famoso Canto de Patrulha.

Muitas vezes os Escoteiros chegam a tratar o Canto de Patrulha como território, defendendo-o de possíveis invasões (outra pessoa, outra Patrulha que entra sem permissão). Claro que, dentro do bom senso e da educação isso deve ser

respeitado, pois trata-se de um espaço onde a Patrulha irá desenvolver algumas atividades, onde possui algum conforto, onde fará a prova de etapas dos seus elementos, e até mesmo como local para o Conselho de Patrulha que acontece em todo final de atividade – mas é um espaço dentro da sede do Grupo do qual a Patrulha é parte.

O Canto de Patrulha varia muito de um Grupo para outro, pois exige a necessidade de um mínimo de espaço, coisa que falta a muitos Grupos Escoteiros. Isso não impede que se faça um Canto simples, que não obstante sempre será um local com grande carga de significado, no qual se preservam a história e as tradições da Patrulha.

Como fazer esse Canto de Patrulha simples? Ora, usemos a criatividade, ou melhor, os jovens que usem sua (fértil) criatividade. Podem colocar figuras feitas pelos elementos da Patrulha, álbum de fotos, quadro com Lei e Promessa Escoteira, bandeiras de eficiência que a Patrulha recebeu em sua história (por exemplo, um varal ou bastão de eficiências em lugar do convencional quadro de parede), etc. O importante, nestes Cantos Simples, é que, pelo fato de estarem limitados pelo espaço físico, coloquem objetos que tenham grande representatividade para todos da Patrulha. Deve-se também, dentro desse espaço, guardar a Caixa de Patrulha.

Quando a Patrulha tem a sua disposição um espaço melhor para ser trabalhado, o Canto realmente recebe ares de “Território”, com todos os jovens dando o seu palpite para que fique cada vez melhor.

Geralmente, nesses Cantos de Patrulhas mais elaborados, os jovens procuram montá-los com coisas referentes ao animal Totem da Patrulha. Vemos, então, pinturas e desenhos do Animal, com uma ambientação como cena de fundo.

Pode se colocar um quadro com o grito atual e todos os outros Gritos que a Patrulha já teve. A entrada desse Canto pode ser ornamentada com pequenas pioneirias, como se fosse um miniportal de acampamento, inclusive com uma placa com o nome da Patrulha.

As Patrulhas em que os jovens tenham a mesma religião podem fazer um canto de oração, um minialtar, dentro do próprio Canto de Patrulha, para exercitarem seu lado espiritual, sua religiosidade.

Fotos são sempre bem vindas! Quadros com fotos de todos que fizeram parte da Patrulha, de acampamentos e atividades memoráveis, de festas da Patrulha, amigos, enfim, tudo que sirva para alegrar o Canto; as fotos do quadro devem ser periodicamente trocadas e atualizadas; não confundir com as do Álbum da Patrulha, que tem caráter permanente. É importante que as fotos tenham data e legenda – qual foi o evento, o que se estava fazendo, quem eram as pessoas que nela apareceram.

Um Jornal Mural e quadro de avisos podem ser colocados também, de forma a deixar todos bem informados.

Um Canto de Patrulha harmonioso é aquele em que as coisas estão sempre bem organizadas e colocadas de maneira a ter fácil acesso, e que, principalmente, mantenha as características e as tradições da Patrulha.

Para que isso ocorra, existe uma pessoa responsável, com um cargo muito importante dentro da Patrulha: o administrador. Ele será o encarregado da organização e da manutenção do Canto de Patrulha, aliando-se ao secretário na preservação das suas tradições.

## **MÍSTICA NO RAMO SÊNIOR**

### Cerimônias internas

No Ramo Sênior, particularmente a “confirmação” recebe uma forte carga mística; os jovens têm a preocupação em fazê-la verdadeiramente marcante. É aí que o adulto deve atuar como consultor: os jovens no Ramo Sênior, cheios de energia e dispostos a desafiar e ser desafiados, são capazes de elaborar cerimônias que ponham em risco a integridade física do outro ou o sujeitem a constrangimento – não necessariamente por maldade, mas por falta de noção dos limites do desafio.

O adulto deve, então, ajudá-los a construir cerimônias que, conquanto marcantes pelo desafio, ganhem em simbolismo e significado; dessa forma, o jovem que entra se sentirá acolhido e não humilhado, e não terá impulsos de “vingança sobre terceiros”, repassando-lhes “tudo que lhe fizeram”.

A cerimônia deve ter relação com a etapa superada e com a identidade da Tropa, pois a contextualização faz parte da percepção do significado. Como em

qualquer outra situação, deve ser SIMPLES, BREVE e SINCERA para ter SIGNIFICADO.



Cerimônias de investidura no Ramo Sênior.

### Os nomes de Patrulha

As Patrulhas no Ramo Sênior recebem os nomes de tribos indígenas ou de acidentes geográficos ligados à sua história. Assim, entende-se que a Patrulha valoriza os atributos relativos à sua tribo: produtividade, ferocidade, destreza, engenhosidade... Ou do acidente geográfico: a força irresistível de uma cachoeira, a conquista de uma montanha, a exuberância de vida de um rio ou o seu longo percurso, as experiências vividas pelos jovens que lá estiveram em diferentes ocasiões (que podem ser resumidamente encontradas no Livro Histórico da Patrulha)...

Cada jovem deve pesquisar para bem conhecer a tribo ou acidente geográfico que dá nome à sua Patrulha; suas características/histórico, extinção ou não, expressões na língua da tribo, data da descoberta ou da conquista, primeira visita da Patrulha...

O grito de Patrulha e seu lema (por exemplo, Kadiwéu: “Velozes e Corajosos”) geralmente são instituídos com a criação da Patrulha, devendo ser registrados no Livro Histórico com os seus criadores; pelo bem da preservação da identidade comum, não convém que fiquem sendo mudados; a tradição é que preserva o espírito de Patrulha.



### Distintivos de Patrulha, bastão, Totem, Livro Histórico, Canto de Patrulha

Sobre o bastão, o Livro Histórico, o Canto de Patrulha e os distintivos de Patrulha já se tratou ao tratar da mística no Ramo Escoteiro, e o que deles se comentou vale para o Ramo Sênior.

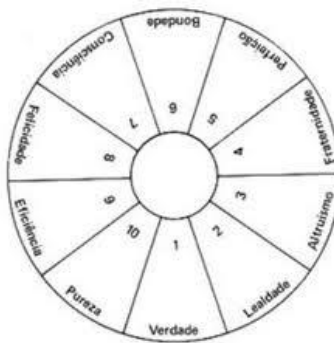
### **MÍSTICA NO RAMO PIONEIRO**

#### Um tema: a Cavalaria Andante

O Ramo final da vivência juvenil do Escotismo, como foi mencionado páginas atrás, nasceu de uma necessidade de ajudar os jovens vindos da Grande Guerra a retornarem à vida normal, não só por reunirem-se e ajudarem-se num grupo social com experiências em comum, mas também pela prática da Boa Ação como Serviço, fazendo-os perceberem-se úteis à sociedade.

Assim como os Ramos mais novos tinham uma mística própria a estimular a identidade espiritual entre seus membros, o Ramo Pioneiro precisava ter seu marco simbólico próprio. Assim, se o Ramo Lobinho se apoiava sobre a Lei da Jângal e o Ramo Escoteiro sobre os que desbravaram o mundo selvagem, com um ligeiro toque no Código da Cavalaria Andante, por que não adotar com mais profundidade este tema, abordando a Lei Escoteira como Virtudes dos Cavaleiros? Por que não aproveitar as perambulações dos cavaleiros em busca de aventuras e de oportunidades de servir para construir o espírito de Serviço ao próximo e à comunidade, com a independência própria do adulto?

Assim, no Ramo Pioneiro vemos, como paráfrase da Lei Escoteira, as Virtudes: Verdade; Lealdade; Altruísmo; Fraternidade; Perfeição; Bondade; Consciência; Felicidade; Eficiência; Pureza.



### Um objeto: a forquilha

Em lugar do bastão Escoteiro, o Ramo usa a forquilha, preferencialmente rústica, considerada em quatro partes: a ponteira, representando nosso alicerce moral; a haste, mantendo suas naturais irregularidades e imperfeições, lembrando que somos imperfeitos e nosso caminho é variado, com curvas e nós; a forquilha, como bifurcação, nos lembra que a todo momento fazemos escolhas, e o seu formato de “V” representa nossa busca constante pela vitória; e as extremidades, representando as consequências de todas as nossas decisões. A forquilha não é um bastão de Patrulha: é um pertence individual, no qual seu detentor pode colocar os símbolos ou mensagens que lhe sejam significativos. Ela serve como nosso bastão de caminhada, nas longas jornadas de campo e de serviço. Ela permite que, caso necessário, nos apoiemos sobre ela quando com dificuldade para andar; ela permite que, mesmo sem amarras, fincando-a firmemente, apoiemos nela outra vara para o teto de nosso abrigo; essas duas utilidades práticas metaforizam as nossas virtudes ou valores (palavras começadas pelo “V” da forquilha), como sendo nosso amparo (referência) nos momentos difíceis e a base estrutural da “casa” que construímos na nossa vida em sociedade.



### Um confidente: o Padrinho

Nos Ramos Escoteiro e Sênior, a referência do jovem é a Patrulha, tendo como base o Monitor, um jovem que lidera outros jovens, sendo responsável por conhecê-los, treiná-los, ajudá-los a conviver e trabalhar em grupo, sendo grupo formal e grupo de amigos ao mesmo tempo. No Ramo Pioneiro, o Padrinho é a referência do jovem. Cabe ao Padrinho ambientar o afilhado à mística e à realidade operacional do Clã, ser o seu confidente e ajudá-lo na progressão Escoteira e pessoal, para que possa, a seu tempo, também servir como referência para outros.

### Principais cerimônias

As principais cerimônias do Ramo Pioneiro são: a Acolhida, a Investidura (confirmação) e a Partida. A pré-vigília é uma atividade que pode revestir-se de um clima de cerimonial. A vigília é um momento de reflexão pessoal do jovem.

Acolhida ou Integração: seu alvo é o jovem que vem do Ramo Sênior ou que ingressa no Movimento ainda a tempo de ter esse “último gostinho” de membro juvenil. É o recebimento do Pajem no Clã. Se as etapas de transição foram bem feitas, reduz-se a possibilidade do “choque da passagem”, com o estranhamento do ex-Sênior pela mudança no estilo das atividades, da “selvageria indígena” para a “civilização” do jovem adulto; o jovem encontrará seus antigos companheiros e continuará sua vida Escoteira em um outro patamar: continuará a divertir-se, mas esse divertimento agora mescla-se com novas responsabilidades. Nesta situação, concluirá as etapas do Estágio Introdutório.

Concluído o Estágio Introdutório, o jovem estará apto a passar à condição de Escudeiro, recebendo a Insígnia do Comprometimento. Cada vez mais, como membro mais velho do Escotismo, o indivíduo é uma referência para os mais novos e passível de ser chamado a ajudá-los. Inicia o cumprimento das etapas próprias do Ramo e instrumentaliza-se para a investidura.

Pré-vigília: atividade de reflexão de caráter coletivo, na qual se alternam momentos de “deserto”, de partilha e de debate.



Vigília: momento em que o jovem faz uma reflexão sobre sua vida pregressa e seu projeto de vida; a participação neste evento, por ter um cunho pessoal, é restrita ao jovem e seu padrinho (a participação de alguma outra pessoa é a critério do jovem).

Entrega da Insígnia de Cidadania (Investidura): o jovem é “confirmado” como Pioneiro, é a sua sagração como Cavaleiro. Esta cerimônia deve ter caráter reservado, para que os jovens que ainda não tenham chegado a esse estágio da progressão fiquem com a curiosidade “pelo que acontece lá”. É um ato formal, no qual os participantes devem estar corretamente uniformizados, presidido pelo Mestre Pioneiro. O Escudeiro deve ser trazido pelo(s) padrinhos. O Mestre Pioneiro, após fazer uma breve reflexão com o Escudeiro sobre seu novo nível de responsabilidades, faz que lhe sejam lavadas as mãos, repetindo simbolicamente o banho que os cavaleiros tomavam na sagração, para se limparem dos pecados anteriores. Renova-lhe, então, a Promessa e entrega-lhe a Insígnia da Cidadania, correspondente ao cumprimento de 50% das etapas previstas no Guia do Ramo.

Dependendo da mística adotada no Clã, o investido pode adotar um *nome místico*, evocativo dos atributos de seu patrono ou de seu totem: um dos cavaleiros da Távola Redonda (ou dos Pares de França), ou um personagem marcante da história local/nacional/mundial.

Pode ter, também, alguma espécie de objeto simbólico, a representar algo relativo à identidade do Clã: um pingente no formato do símbolo matemático de “infinito”, como lembrete das infinitas potencialidades do ser humano; ou uma réplica de mosquetão de escalada, a lembrar que estamos sempre ligados uns aos outros para prover segurança; ou uma veste característica com o seu brasão pessoal (do patrono ou totem) ou comum ao Clã; ou um broche/pin/pingente em forma de tamareira, expressando que mesmo na aparente aridez do deserto, pode-se produzir frutos; ou a âncora do caráter, ou as sandálias do peregrino...

Pode, ainda, alternativamente, haver o ícone (objeto simbólico) individual, relacionado ao caráter do indivíduo: uma réplica de arma medieval ou ferramenta/utensílio, ou um broche/pin/pingente como mencionado linhas acima.

Partida: de modo similar à saída do Lobinho da Jângal para a Aldeia dos Homens, este rito de passagem é a saída do Cavaleiro para enfrentar em plenitude as aventuras e desafios do adulto. Com o Clã reunido, preferencialmente com a participação do Diretor-Presidente do Grupo Escoteiro, o jovem deixará a “Távola Redonda” para ser rei do país que (re)construiu, para remar sua própria canoa. Faz-se um breve retrospecto de suas conquistas como membro juvenil, de suas características pessoais, dos benefícios à coletividade trazidos por sua participação. Pode ser-lhe entregue alguma mensagem ou objeto como lembrança do Clã. Deve-se ressaltar que sua ligação aos demais Pioneiros (e membros do Escotismo em geral) não se encerra ao deixar a condição de membro juvenil, e que como irmão será acolhido sempre que necessário. Suas novas atribuições no Movimento, se permanece como membro adulto, incluem a acolhida dos companheiros mais jovens à medida que vão saindo do Clã.

A cerimônia da partida pode conter uma renovação da Promessa (como adulto) e o canto da *Canção da despedida* (convém ter um bom estoque de lenços de papel, para o choreiro da despedida).



## **UNIDADE DIDÁTICA 6: MÍSTICA DOS ADULTOS**

### **O Anel de Gilwell, a Insígnia de Madeira e o Primeiro Grupo de Gilwell**

Na primeira década do Movimento Escoteiro, a formação dos dirigentes era feita na base da tentativa e erro. Formada uma Patrulha, os jovens tinham o costume de pedir a um irmão mais velho, a um pai, tio ou amigo que desempenhasse o papel de Chefe. Estava claro, no entanto, que não era suficiente treinar garotos entusiasticamente interessados no programa Escoteiro. Os líderes, principalmente, é que precisavam de treinamento. O general Sir Robert Lockhart, dirigente da Associação dos Escoteiros da Inglaterra, afirmou, a propósito do assunto, em 1954: "Treinamento é algo absolutamente vital, interessante e importante, porque nosso Movimento é, acima de tudo, um Movimento de Treinamento..."

O espírito do Escotismo não é uma coisa que pode ser ensinada, disse Lockhart. "Pode ser absorvido e adquirido vivendo com as pessoas que mostram isso publicamente em suas vidas e em uma atmosfera deste espírito." Os pioneiros do Escotismo entenderam a utilidade e a urgência de que os líderes conhecessem seus objetivos e soubessem como alcançá-los. James E. West, primeiro Escoteiro-Chefe dos Estados Unidos, que ficou no posto por mais de 33 anos, definiu este problema quando perguntado sobre quais as três coisas que o Escotismo precisava mais. Respondeu: "**treinamento, treinamento, treinamento**".

O primeiro curso para a formação de chefes Escoteiros aconteceu em Londres, em 1910. Outros cursos foram realizados durante os quatro anos anteriores à 1ª Guerra Mundial. Todos eles foram considerados experimentais, com muitas palestras e poucas atividades práticas. À luz dessas experiências, B-P montou a estrutura básica do curso para adultos, que só seria posta em prática após a Grande Guerra: três etapas, sendo uma teórica sobre os fundamentos do Escotismo (baseado no *Escotismo para rapazes* e no *Guia do Chefe Escoteiro*); uma prática de uma semana em campo, com Patrulhas a cinco integrantes; e uma parte de prática supervisionada, sob a observação de um Chefe mais experiente.

Baden-Powell procurava um local permanente para desenvolver a formação de dirigentes. Queria fazer aos adultos como havia feito aos jovens em Brownsea, pois chegara à conclusão de que os cursos seriam mais eficientes se fossem realizados no campo, fazendo-os funcionar como se fosse numa tropa, no sistema de Patrulhas, aplicando o “aprender fazendo” do Método Escoteiro.

Esse local veio a ser adquirido como uma doação de William de Bois MacLaren, proprietário de uma editora, Comissário Distrital de Rosenath, condado de Dumbartonshire, na Escócia. Chamava-se Gilwell Estate, ao lado da floresta de Epping, e foi comprado em 1919 por 7000 libras esterlinas, com o objetivo de ser tanto um local para acampamentos dos Grupos Escoteiros do leste de Londres quanto um centro de treinamento de Chefes, o que era o desejo de B-P. Era uma fazenda abandonada e bastante degradada, e William MacLaren fez uma doação complementar de 3000 libras esterlinas para ajudar na reforma e limpeza do local. Na Páscoa de 1919, alguns *Rovers* foram os primeiros membros do Movimento a acamparem no local, marcando a “ocupação” formal pelo Escotismo e, em 26 de julho, foi oficialmente inaugurado o agora rebatizado Gilwell Park.

Em 1929, durante o III Jamboree (o da Maioridade) B-P recebeu o título de Barão. Consta que, tendo sido perguntado “mas barão de que lugar, qual a posse territorial do baronato?”, a resposta prontamente apareceu: Gilwell Park, o território central do Movimento cuja fundação lhe abriu o caminho para o título de nobreza. Daí B-P ser chamado Lord Baden-Powell of Gilwell.

Gilwell Park, por onde passa o Meridiano Zero (Greenwich), oferece áreas e facilidades para acampamentos e cursos. Como instalação física, propriamente dita, não impressiona mais do que uma chácara arrumada, com grama bem cuidada e carvalhos centenários. Mas o pequeno museu e as relíquias Escoteiras conferem magia a este local rico em simbolismo para o Movimento Escoteiro.

Baden-Powell instituiu a Insígnia de Madeira no primeiro curso realizado em Gilwell Park, de 8 a 19 de setembro de 1919. Ao organizar o curso, pensou que seria bom para fortalecer a identidade do grupo se eles usassem um símbolo do treinamento pelo qual passaram. Decidiu, então, lançar mão de um *souvenir* que trouxera da campanha contra a rebelião de Dinizulu, na África do Sul, em 1888: um

colar com centenas de contas de madeira, símbolo de atos de valor entre os zulus, e que B-P encontrara junto a uma jovem ferida, num acantonamento recém-abandonado de Dinizulu – ele mesmo conta os detalhes do fato, em *Lições da escola da vida*. Baden-Powell achou por bem dar a cada um dos participantes uma das contas do colar que pertencera a Dinizulu, e cada concludente deveria fazer a sua segunda conta após aprovação na parte de “estudo” do curso (escrita – o que hoje seria o Questionário da IM), prendendo ambas ao barbicacho do chapéu. A ideia era conceder algo que tivesse um significado maior que um diploma ou certificado e que, constantemente usado pelo adulto, lhe servisse de lembrança do processo formativo pelo qual passara, com as responsabilidades decorrentes dos saberes de que se tornara detentor.

A réplica do colar de contas encontra-se guardada na "Baden-Powell House" em Londres. Tem aproximadamente 3,60 metros, com mais de 1000 contas de madeira, de vários tamanhos, passadas ao fogo. Na sua origem, a conta de madeira passada pelo fogo, representava o tição do primeiro fogo aceso pelos antepassados. As contas foram esculpidas de uma madeira africana de cor amarela e de medula macia, que deixava um pequeno entalhe natural em cada extremidade quando era trabalhada. As contas evocam também o "fogo sagrado", símbolo de fidelidade a um ideal.



O primeiro Chefe de Campo de Gilwell Park foi o Capitão Francis (Frank) Gidney, veterano da 1ª Guerra Mundial. A ele foi atribuída a direção do primeiro Curso da Insígnia de Madeira, para Chefes de Tropa Escoteira, de 8 a 19 de setembro de 1919; apesar de B-P ter estruturado o programa de curso, preferiu delegar a Gidney sua execução. B-P visitou o campo nos dias 12 e 13 e deu a palestra de encerramento no dia 19. Os 19 cursantes foram distribuídos nas Patrulhas Coruja,

Cuco, Pica-pau e Pombo (aves existentes em Gilwell Park), e receberam um lenço cinza que lhes dava a identidade do Curso. Houve rodízio diário em todas as funções na Patrulha. O caderno no qual cada cursante fazia suas anotações de curso foi recolhido e avaliado (avaliação que se somou às observações durante o acampamento). Nesse Curso, iniciou-se também a tradição da foto oficial dos eventos de formação, na típica pose de braços cruzados.



Foto do 1º Curso da Insígnia de Madeira em Gilwell Park. B-P, com bengala, está no centro e, à sua direita, de braços cruzados, o Chefe de Campo, Frank Gidney.

Como dito acima, a Insígnia de Madeira inicialmente foi usada no barbicacho do chapéu. Entretanto, quando o Chefe estivesse sem a cobertura, não seria identificável seu distintivo. Outra ideia aventada foi a de usar a conta de madeira numa alça que pudesse ser presa a um botão da camisa. Finalmente, novamente recorrendo aos suvenires de campanha de B-P, a “ideia-mãe” veio de algo que ele recebeu num período particularmente difícil do cerco de Mafeking: um colar constituído de uma correia de couro com um talismã (pois é, B-P também usou patuá!). Assim, a Insígnia de Madeira passou a ser usada num colar constituído por uma correia de couro, com as extremidades unidas por uma aselha e as contas retidas em cada ponta por um cote de uma volta. Para os Chefes que se qualificaram no primeiro curso voltado para o Ramo Lobinho, B-P dera um colar com um dente de lobo. Mas como a obtenção do dente era algo não muito compatível com a Lei Escoteira, já em 1921 adotou-se para todos os Chefes o colar com duas contas de madeira.

Quando se foram qualificando adultos aptos a formarem outros adultos para o Movimento, e quando o Esquema da Insígnia de Madeira se tornou sequencial

com três níveis, veio a ideia de identificar os formadores aptos a trabalhar nos níveis Básico e Avançado, pelo acréscimo de contas de madeira. Assim, se o adulto está apto e nomeado para dirigir cursos até o Nível Básico, ele pode usar uma terceira conta em seu colar da Insígnia de Madeira; se estiver apto e nomeado para dirigir cursos até o Nível Avançado (Insígnia de Madeira), ele pode usar uma quarta conta que o identifica como DCIM. As contas adicionais não são condecoração nem promoção a que alguém se arrogue direito (general-de-três-contas ou general-de-quatro-contas): são usadas **somente enquanto o adulto estiver nomeado** como DCB ou DCIM. Se a nomeação não for renovada (por decisão da Direção Nacional ou do próprio indivíduo), ele deve voltar a usar o colar com as duas contas. O Diretor de Gilwell Park é o único autorizado a usar o colar com seis contas – enquanto estiver nomeado para tal cargo.

O lenço de Gilwell foi criado pelo primeiro Diretor de Gilwell Park, Sir Francis Gidney; como já foi relatado, o lenço cinza foi usado no primeiro Curso da IM para dar uma identidade grupal aos participantes, mas não era algo definitivo. Depois disso, pensou-se em adotar um lenço próprio para o 1º Grupo de Gilwell – instituído como referência comum dos detentores da IM. No princípio, esse lenço seria confeccionado no tecido do *tartan* do clã MacLaren, em homenagem aos doadores de Gilwell Park. Mas o *tartan* era caro e de difícil aquisição, além de ser marca registrada da família, sendo seu uso pelo Movimento Escoteiro uma concessão. Então, decidiu-se adotar o tecido do uniforme do Exército Colonial Inglês (bege por fora/vermelho por dentro), aplicando-se na ponta triangular um retângulo do *tartan* MacLaren, mantendo-se assim a referência de gratidão. O *kilt* e o *tartan* são tradições de implantação relativamente recente, ao redor dos séculos XVII-XVIII, mas são importantes marcos simbólicos adotados pelas famílias de origem escocesa.





Quanto ao anel de Gilwell, ou arganel (*woggle*), que fixa e ajusta o lenço ao pescoço, é um trançado de duas voltas de uma tira de couro, de perfil redondo, de 0,5 cm, também conhecida como "cabeça de turco". O uso deste arganel significa que o seu portador possui o Nível Básico, considerado o mínimo para que o Escotista exerça a função de Chefe de Seção. A correia de couro era usada para fazer fogo (no processo do arco), e quando não estava em uso era guardada “do jeito que fosse”, geralmente embolada no bolso, até que alguém teve a ideia de usá-la como fecho do lenço (atribui-se a Francis Gidney a instituição dessa prática, em 1920). O nó “cabeça de turco” é ornamental, e era usado nos navios colocado na manopla do timão que ficasse na vertical quando o leme estivesse alinhado com a quilha, situação na qual o barco iria numa reta. Assim, o simbolismo do anel de Gilwell é a retidão pela qual o Chefe deve se pautar, e a sua capacidade de “acender o seu próprio fogo”, ou seja, tomar a frente e conduzir uma Seção. Antes de sua introdução, os lenços eram simplesmente amarrados com um nó nas extremidades. Foi adotado como distintivo do Nível Básico em 1943.



Há, ainda, o machado fincado no tronco. Alguns já levantaram a bandeira de sua eliminação, alegando ser um símbolo de devastação ambiental. Nada mais distante da realidade! Devemos ter em mente, ao analisar um símbolo, o contexto em que ele foi criado para compreendermos o seu significado e, só então, ponderar sobre a validade de sua preservação, modificação ou retirada. O machado no tronco foi instituído como um dos símbolos da formação de adultos nos moldes de Gilwell por representar a ferramenta posta em repouso após um dia de trabalho e, ainda assim, pronta para ser empregada. Era uma visão típica, para quem percorresse Gilwell Park durante uma atividade, a dos machados cravados em pedaços de



tronco, como forma de manter a ferramenta em segurança quando não estivesse em operação. Sim, pois a técnica de campismo, antes dos *campings* estruturados e dos fogareiros com botijões transportáveis, valia-se da construção de pioneiras e da cozinha a lenha, recursos para os quais o machado era uma ferramenta muito necessária. Isso nunca fez do Escoteiro um desmatador, pois antes de cortar uma árvore ele procura esgotar as possibilidades de fazer o que precisa com madeira que já esteja solta, no chão. Assim, é normal que a ferramenta de campo seja um dos emblemas de quem aprende no campo.

Finalmente, a *Canção de Gilwell*. Não é uma canção “secreta”, pois pode ser encontrada em qualquer bom cancioneiro Escoteiro. Entretanto, ela é considerada como de uso privativo dos portadores da Insígnia de Madeira nas reuniões do 1º Grupo de Gilwell. Ela recorda o tempo de formação, lembra a necessidade de manter-se em aperfeiçoamento (voltando a Gilwell para lá tomar curso) e reafirma a identidade comum, o *mesmo sangue* dos participantes. Ela é considerada privativa porque, apesar de simples e acessível, só tem apelo significativo para quem “esteve em Gilwell e para lá pode voltar”. Por esse motivo é que é contra-recomendado que ela seja cantada fora das reuniões do 1º Grupo de Gilwell.



O alerta inicial, entretanto, não pode ser esquecido: treinamento como um processo contínuo! Ou seja, alcançar a Insígnia de Madeira não encerra a trajetória formativa do adulto, que deve sempre procurar aumentar e diversificar sua capacitação.

### **UNIDADE DIDÁTICA 7: INSPEÇÃO DE GILWELL**

A inspeção matinal é uma das ferramentas educativas usadas em atividades de campo, e é marcante nos cursos para adultos, no Esquema da Insígnia de Madeira (daí ser chamada inspeção de Gilwell). Serve para verificar a existência e condição do material individual e coletivo, bem como a adequada montagem e uso do campo de Patrulha.

Seu uso, em acampamentos com os jovens, tem por objetivo ajudá-los a manter seu material organizado e em boas condições, bem como identificar a adequação do tipo e quantidade do material levado para a atividade.

A inspeção deve ser positiva e bem feita, com uma atitude cortês para não ofender ou ferir, escrupulosamente imparcial e progressiva. Deve incentivar e jamais desencorajar. Os rapazes respeitam a justiça e têm um sentimento real de imparcialidade.

De forma nenhuma se deve despejar coisas de mochilas ou bolsas, revirar ou confiscar – menos ainda se o interessado estiver ausente. O 9º artigo da Lei Escoteira trata justamente desse tema, e com muita clareza.

Se houver número suficiente de pessoas na equipe, distribua entre elas partes ou itens da inspeção, por exemplo: Cozinha, barracas e material individual, inspeção das pessoas (uniforme, aspecto, higiene), refeitório, construções, etc.

Para evitar que a inspeção se alongue muito, ela pode ser feita em rodízio pelos membros da equipe encarregados de cada diferente aspecto. Então, enquanto na Patrulha Águia está havendo a inspeção de organização de campo e construções, na Patrulha Búfalo a inspeção é de pessoal e equipamento individual, na Patrulha Cascavel é de cozinha e sanitarismo. Os comentários, críticos ou não, devem ser feitos às Patrulhas na hora da inspeção. Quando criticar, faça-o construtivamente, ou seja, propondo soluções – em lugar de dizer “isto está uma porcaria”, diga “isto pode ser melhor fazendo desta e daquela forma”. E procure encerrar a apreciação ressaltando o que há de positivo, e não os defeitos; dessa forma, a melhoria será incentivada com mais eficácia.

No caso de um evento de formação de adultos, conforme o curso vai progredindo, mas não nos primeiros dias, ponha os monitores do dia dentro da cena. Exemplos: os monitores acompanham os membros da equipe; as Patrulhas inspecionam umas às outras; ou formam-se Patrulhas mistas para inspecionar os locais designados.

O método de outorgar diariamente flâmulas de acampamento, usado por muitos anos em Gilwell, produz bons resultados. Para isso é necessário simplesmente fixar um padrão para cada dia e outorgar uma flâmula a todas as Patrulhas que alcancem este padrão. O Curso deve ser incentivado a alcançar um padrão ou nível, e não a se classificar por ordem de mérito. É preciso ter como alvo um alto padrão, mas nunca a uniformidade. As Patrulhas devem ser incentivadas a preservar a sua própria maneira de tratar o local e o equipamento, desde que estejam dentro dos limites corretos. Iniciativa e ação individual são valores quando contribuem para o bem comum.

Elogie em público, critique em privado. Se não encontrar nada de errado, dê os pontos máximos e uma palavra extra de congratulações à Patrulha que conseguiu tal sucesso.

A Inspeção matinal no acampamento é uma das nossas formas principais de verificar as condições do campo, do material e dos acampadores, mas um campo de Patrulha realmente bom estará sempre em condições de ser visitado.

Execução da inspeção em dias sucessivos (sugestão, num Curso Avançado de seis dias):

1º Dia – Inspeção pela equipe, não muito severa, pontos dados com igual ênfase – Padrão: 30 pontos em 40.

2º Dia – Inspeção pela equipe, mais severa. O número máximo de pontos aumenta para a área da cozinha e é reduzido para a inspeção das pessoas. Padrão – 31 pontos em 40.

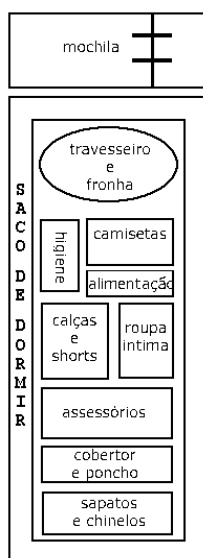
3º Dia – Inspeção pela equipe da mesma forma do segundo dia, mas o padrão é 32 pontos em 40.

4º Dia – Inspeção pela equipe enquanto o curso está ausente (na pioneiria) e bastante severo. O padrão permanece: 32 pontos em 40.

5º Dia – Inspeção pelas Patrulhas, umas às outras, permanecendo o padrão de 32 pontos em 40.

6º Dia – Inspeção pelas Patrulhas de seus próprios locais. O padrão permanece 32 pontos para 40.

Evite competições fictícias. Convém elaborar previamente uma planilha com os quesitos a serem avaliados e pontuados, de modo a haver padronização na avaliação e na contagem de pontos. Se alguma Patrulha fez algo além do que está previsto na planilha de avaliação, sua pontuação será dada em outro lugar, talvez dentro do cômputo geral do acampamento.



É preciso fazer a inspeção de campo todos os dias? Não. A execução de tais inspeções deve, como toda outra atividade, inserir-se no contexto dos objetivos. Ela pode ser feita todos os dias – principalmente para avaliar o progresso dos jovens na arrumação do campo e do seu material pessoal –, como pode ser feita em dias alternados, como pode ser feita em algum dos dias do campo (seria sensato, por exemplo, colocar o material exposto e as barracas abertas num dia de chuva torrencial?). Convém que seja feita, pelo menos, no dia subsequente à primeira noite em campo, preferencialmente de manhã, logo após a abertura formal do dia, quando os jovens já estão uniformizados, evitando a correria de “põe uniforme-tira uniforme-põe uniforme”. Fazendo-a nessa ocasião, já se pode ter uma noção do que precisa ser “afinado” com os jovens quanto à organização do material e sua suficiência para a atividade.

Usa-se, para padronizar a verificação e facilitar a própria conferência do material pelo jovem, que a disposição seja sobre uma lona, saco de dormir, cobertor ou isolante, da cabeça para os pés, conforme sugerido nas figuras.

A sugestão apresentada linhas atrás, sobre o Monitor de uma Patrulha ou mesmo a Patrulha como um todo acompanhar a inspeção da Chefia só se aplica nos eventos de formação de adultos. É desaconselhável pôr o jovem a acompanhar a inspeção numa Patrulha que não a sua, primeiro porque ele pode comparar negativamente sua Patrulha e a outra; segundo porque, sendo o Monitor o “comandante” da Patrulha, como poderia ele afastar-se de sua equipe nos momentos em que ela é posta à prova?

## **UNIDADE DIDÁTICA 8: PRESERVANDO A MEMÓRIA**

### **Poncho/Manto de Fogo de Conselho**

Os distintivos de progressão, de especialidades e de atividades podem ser usados por tempo determinado. Trata-se de conquistas do indivíduo, e o fato de ele não os poder ostentar no uniforme a partir de um dado momento não significa que aquilo se apagou. Que fazer dos distintivos, então? Se deixados soltos numa gaveta, é grande a probabilidade de que se percam. Por isso, vale a pena incentivar os jovens a transferirem seus distintivos para uma capa ou poncho. Um distintivo de atividade é uma lembrança comum aos participantes, uma “cicatriz” que pode ser ostentada durante um tempo determinado em seu uniforme, e que pode ser preservada junto a outras nessa vestimenta.

Em boa parte dos casos, o manto de distintivos acaba sendo usado nos Fogos de Conselho, pois, em sua origem, essas reuniões cerimoniais eram ocasiões nas quais se contavam as experiências, mostravam-se as cicatrizes de combate, relatava-se a conquista dos distintivos de valor (penas dos cocares, contas de madeira ou outros). Para os Escoteiros, os distintivos de atividade e de etapas conquistadas são as suas “cicatrizes”, as “penas do cocar”, e eles podem orgulhar-se de contar as histórias dessas “cicatrizes”.

Cada qual monta seu manto por seus próprios critérios. Uns preferem colocar no manto apenas distintivos de atividades das quais participaram e etapas que conquistaram. Outros colocam também distintivos trocados (a troca de distintivos é uma manifestação da fraternidade Escoteira); outros, ainda, não se incomodam de colocar no manto distintivos comprados (lembrança de ter estado em algum lugar ou alusão a algum evento significativo).

Não há regras rígidas nem para a montagem nem para o uso do manto. Uns reservam o manto só para o Fogo de Conselho, outros o usam em qualquer atividade, inclusive como agasalho. O que manda é o significado que o seu dono lhe atribui, do colecionismo ao histórico pessoal. Importante é ter em mente que essa é uma forma de ressaltar a importância do marco simbólico, recordando a sua

configuração original, de trazer as histórias das experiências e as *cicatrices de batalha* do indivíduo.

### **Livro Histórico de Patrulha**

No Livro Histórico da Patrulha devem constar sua criação, grito, lema, seus integrantes, as atividades de que participou, as Eficiências que recebeu, os distintivos de progressão, especialidades e Distintivos Especiais conquistados, atividades memoráveis.

Pode ser feito, ainda, um Álbum de Fotos da Patrulha, contendo uma seleção das fotos relativas ao que consta do Livro Histórico, festas da Patrulha, amigos...

Para que esse registro seja mantido, existe uma pessoa responsável, com um cargo muito importante dentro da Patrulha: o secretário, ou escriba (outroa conhecido como guardião das lendas). Organizando e mantendo o registro, ele garantirá a continuidade das tradições da Patrulha. Recomenda-se que a escrituração, caso seja manuscrita, fique a cargo de alguém com boa caligrafia. Um registro ilegível vale tanto quanto registro nenhum.

### **Histórico da Seção/do Grupo**

Os Livros de Atas de Assembleias, Indabas e reuniões de Chefia fornecem subsídios valiosos para a história da Seção e do Grupo Escoteiro, bem como os álbuns de fotos e relatos de eventos, festas, homenagens, colaboradores destacados.

A manutenção do registro escrito é encargo da Secretaria do Grupo.

### **Museu de Grupo**

O que seria de um Grupo Escoteiro se não existisse um vínculo com os antigos Escoteiros? Como saberiam a história das Patrulhas, dos acampamentos memoráveis? Quem eram os Escoteiros que conseguiram conquistar os distintivos especiais desde a fundação da Tropa? Estas são perguntas freqüentes, com as quais nos deparamos, sempre que a curiosidade dos jovens aflora. E muitas vezes

encontramos dificuldades para respondê-las, até mesmo por falta de uma fonte de informação.

O Museu de Grupo serve justamente para isso. Nele estará toda a história do Grupo Escoteiro, desde a sua fundação. Terá os nomes dos jovens que tiveram a honra de ser Presidentes de Corte de Honra; Quadros de Monitores e as respectivas Patrulhas; membros que conquistaram Distintivos Especiais (Cruzeiro do Sul, Lis de Ouro, Escoteiro da Pátria, Insígnia de B-P); fotos em geral; objetos de honra conquistados em eventos, acampamentos, atividades especiais. Os jovens podem colocar objetos curiosos, que tiveram significado na vida da Tropa/do Grupo.

O Museu pode ser um itinerante, que fique por certo período em cada área de Ramo, ou até mesmo ter seu lugar fixo, disponível para visita por todos.

### **Memória, e não “vaga lembrança”**

Para que a memória, ou o registro histórico do Grupo não seja apenas uma “vaga lembrança”, é preciso que os responsáveis em cada período pelo registro efetivamente o façam de forma a prestar informações que possam ser compreendidas por quem os veja cinco, vinte ou cinquenta anos depois. Nós mesmos, dependendo da atividade ou do tempo decorrido, podemos ter dificuldade em lembrar *o que foi aquilo, quem era mesmo essa pessoa?*

Assim, o relato das atividades deve ser detalhado; o arquivo de programações, explicitar o contexto em que os jogos e tarefas formativas foram aplicados e, se possível, detalhar a montagem e formatação dos jogos; a mística e descrição de cerimônias das Seções devem estar registrados, de modo a não precisarem ser “reinventados”, garantindo a *continuidade do espírito da Seção*.

As fichas de histórico pessoal devem fornecer informações precisas sobre os eventos e datas em que o indivíduo participou (numa visão mais imediata, para documentar adequadamente um processo de concessão de Insígnias Especiais ou condecoração).

As fotos devem ter uma legenda indicando a atividade, local, data e os participantes que nelas aparecem e o que estavam fazendo (quantas vezes já olhamos uma foto sem conseguir lembrar algum desses itens?).



Os itens de museu, igualmente, devem ter uma legenda que explique o que é aquilo e por que foi guardado para o acervo do Grupo (por exemplo, a primeira flâmula da Patrulha Maçarico ou o cheque/recibo de quitação da compra da sede do Grupo).

O acervo pode incluir registros de texto e/ou imagens em meio magnético, da fita cassete ao DVD ou outras formas, como um álbum virtual mantido numa “nuvem” da rede mundial de computadores. Essa alternativa poupa o espaço físico dos papéis e álbuns, mas tem limitações como o risco de desmagnetização ou corrupção dos arquivos, a incompatibilidade de sua leitura ou atualização por *softwares* mais modernos, ou mesmo a simples dependência de energia elétrica.

Mantendo-se os registros é que poderemos assegurar que as pessoas que chegarem ao Grupo depois de nossa passagem entenderão e saberão dar valor àquelas “quiquilharias” que fazem parte de uma história e de uma identidade que elas passaram a partilhar.

## **UNIDADE DIDÁTICA 9: OS PADROEIROS DOS RAMOS**

O Movimento Escoteiro é de livre confissão, não impondo a seus membros nenhuma doutrina religiosa; porém, não perde de vista a espiritualidade, recomendando a seus membros que a pratiquem.

O Fundador, filho de um reverendo, teve em casa uma forte formação cristã, mas suas andanças pelo Império o ensinaram a conviver com uma grande diversidade de crenças e a procurar inspirar esse tipo de atitude no Escotismo.

Não é de estranhar que em países predominantemente cristãos haja marcos simbólicos no Escotismo ligados ao cristianismo, o que pode ser notado em condecorações como a Cruz de São Jorge, e na adoção dos santos padroeiros dos Ramos.

Se Jorge da Capadócia foi um cavaleiro valoroso, representativo de virtudes Escoteiras, por que não seria uma referência espiritual? Se Francisco de Assis foi um modelo de bondade para com toda a Criação, como deixar de aproveitar seu exemplo? Se Paulo de Tarso viajou pelo mundo então conhecido para divulgar sua fé e para servir ao seu irmão humano, por que não seria ele um modelo para os Pioneiros?

Vejamos, então, as biografias dos padroeiros dos Ramos.

### **Padroeiro dos Lobinhos: Francisco de Assis**

Giovanni Francesco di Bernardone, filho de rico mercador de tecidos, Pietro de Bernardone, nasceu em Assis, na Úmbria, em 1211. Estudou na escola da igreja de S. Jorge, e além de ler e escrever latim aprendeu francês e a literatura dos trovadores. Adolescente rico, participava da juventude desocupada e turbulenta da cidade; aos 21 anos, participou da guerra entre Assis e Perúgia. Foi aprisionado e, ao conseguir a liberdade, estava seriamente doente.

Foi nesta ocasião levado a ler o Evangelho de Mateus e a meditar profundamente sobre o sentido da vida e da morte. Curado, quando ia continuar sua carreira militar, juntando-se às tropas de Walter de Brienne, teve em Spoleto uma visão que transformou sua vida, iniciando um período de experiências

espirituais que o levaram a procurar viver conforme os ensinamentos de Jesus. Voltou para Assis e entregou-se à solidão e à prece. Numa gruta próximo a Assis teve a visão de Cristo, e para dEle tornar-se mais próximo decidiu fazer uma experiência de pobreza: vestindo trapos, juntou-se a uma peregrinação de pobres que iam a Roma, vivendo de esmolas; nesta ocasião, fez o voto de nunca negar auxílio a um pobre que pedisse, o que cumpriu à risca; certa feita, dando esmola a um leproso, sentindo repugnância, venceu a si mesmo beijando a mão do doente.

Ele considerava toda a natureza como o espelho que reflete a glória de Deus; no *Cântico das Criaturas* chama de irmãos e irmãs o Sol, a Lua, o vento, a água... Pedia perdão até ao Irmão Asno. Mas acima de tudo, ele tinha um sentido profundo de fraternidade de todas as criaturas humanas como filhos de Deus, e considerava que “não seria amigo de Cristo se não tratasse com carinho aqueles por quem Cristo morreu”.

Dizem as lendas que, quando o povo não queria ouvi-lo, ele ia pregar aos pássaros, aos peixes, aos animais da floresta; quando um lobo andava devastando os rebanhos de Gubbio e atacando seus habitantes, Francisco foi procurar o “Irmão Lobo” e convenceu-o a alimentar-se com o que lhe fosse dado pela caridade dos habitantes.



Francisco se afastou de toda a vida social e, na montanha, quando se preparava para a festa da Assunção de Nossa Senhora e para o dia de S. Miguel com um jejum de 40 dias, pediu a Deus que lhe mostrasse como melhor servi-lo, e três vezes abrindo os Evangelhos para resposta, caiu nas referências à paixão de Cristo. Teve uma grande visão de Cristo crucificado e em seu corpo apareceram as cinco chagas de Cristo, que durante a sua vida ele procurou ocultar, mas que se tornaram conhecidas de todos após a sua morte, em Porciúncula, a 3 de Outubro de 1226, após dois anos de dores constantes e quase totalmente cego. Aqueles que decidiram segui-lo como religiosos, chamados franciscanos, denominaram sua

ordem *Ordo Fratrum Minorum* (Ordem dos Irmãos Menores – OFM), como inspiração para buscar a humildade.

Foi canonizado em 1228 e sua festa marcada para 4 de Outubro. É o Santo Padroeiro da Itália. Seu amor à natureza, suas lendas sobre a pregação aos animais e a conversão do Lobo de Gubbio, fizeram com que fosse, na Itália e na França, aclamado como o Santo Padroeiro dos Lobinhos.

### **Padroeiro dos Escoteiros e Seniores: Jorge**

Segundo o Historiador Metafrestes, Jorge nasceu na Capadócia, uma província romana na parte central da Ásia Menor (hoje Turquia), habitada pelos sírios. Era de ascendência nobre; depois da morte do pai, conta-se que se mudou com sua mãe para a terra natal desta, a Palestina. Pouco se sabe sobre a sua vida, exceto que desde moço era cristão e pertenceu à cavalaria do exército romano, tendo chegado a ocupar altos postos. Aparentemente, esteve com as tropas romanas na Gália e nas ilhas Britânicas, na época do Imperador Aureliano (270/275) sob comando de seu amigo e companheiro de armas Diócles.

Quando Diócles, ou melhor, Gaius Aurelius Valerius Diocleciano (245/313) foi aclamado Imperador Romano em 284, reformou a organização do Império, adotou para reforçar sua autoridade a religião e as pompas das cortes dos reis orientais e, como consequência, declarou guerra à religião cristã. Jorge, então, renunciou à sua carreira militar e pública e censurou o Imperador pela crueldade das medidas contra os cristãos. Preso, resistiu às pressões e às torturas, mantendo-se constante na fé. Condenado à morte pela espada, foi martirizado em Lida (em Hebreu Lud ou Lod, cidade em que hoje está o principal aeroporto de Israel, entre Tel-Aviv e Jerusalém) no ano de 303. Parece que Alexandra, Esposa de Diocleciano, tocada pela fé do mártir converteu-se logo a seguir ao cristianismo, sendo uma das possíveis causas que levaram Diocleciano a renunciar ao trono Romano em 305, retirando-se para sua terra, Diocléa, próximo a Saloma, na Dalmácia (hoje Croácia).

Flavius Valerius Aurelius Constantino, o primeiro Imperador Romano de fé cristã que reinou de 313 a 332, antes que completassem 30 anos da morte de Jorge, inaugurou uma igreja a ele dedicada na nova capital do Império Romano,

Constantinopla (atual Istambul) e construiu outra sobre seu túmulo na Palestina, cujas ruínas são até hoje mostradas em Lida.

Mas na devoção a S. Jorge nenhum país se distinguiu como a Inglaterra. No século VIII, tornou-se patrono da Ordem da Cavalaria dos ingleses. A bandeira de S. Jorge, um retângulo branco com duas faixas vermelhas de lado a lado, formando uma cruz, era a bandeira dos cruzados. Dizem que na primeira Cruzada, durante o sitio de Antioquia, em 1098, os cruzados tiveram a visão de S. Jorge, montado num cavalo branco e lutando ao seu lado. É certo que ainda no tempo dos cruzados, por decisão do Concílio Nacional de Oxford em 1222, S. Jorge tornou-se oficialmente Patrono da Inglaterra. Eduardo III da Inglaterra pôs sob a proteção deste Santo a Ordem da Jarreteira, por ele criada em 1340. A Cruz de São Jorge (vermelha sobre fundo branco), sobreposta às de Santo André (em “X”, branca sobre fundo azul) da Escócia e de São Patrício (em “X”, vermelha sobre fundo branco) da Irlanda, constitui a *Union Jack*, bandeira nacional britânica, adotada em 1801.

Muito naturalmente ao unir as ideias da antiga Cavalaria ao Escotismo, B-P tornou S. Jorge Patrono dos Escoteiros. O dia 23 de abril, dia de S. Jorge é em muitos países e no Brasil o dia do Escoteiro. Uma das mais elevadas medalhas de mérito da União dos Escoteiros do Brasil é a Cruz de S. Jorge.

Segundo a lenda, numa determinada ocasião, Jorge chegou a uma cidade chamada Selém, perto da qual vivia um dragão que diariamente devorava alguém escolhido por sorteio. No dia em que Jorge chegou lá, a sorte havia caído sobre a filha do Rei, Cleolinda. Decidido a não deixar que ela morresse assim, Jorge foi atacar o dragão que vivia num pântano nas proximidades, e conseguiu matá-lo.



Com esse tipo de ato de bravura, arriscando-se pelo bem alheio, Jorge é modelo de conduta para o Escoteiro, dispondo-se a enfrentar o dragão das

situações-problema e que muitas vezes está dentro dele mesmo, sob a forma de preguiça e maus hábitos.

### **Padroeiro dos Pioneiros: Paulo**

Saul ou Saulo, judeu, filho de judeus, da Tribo de Benjamim, nasceu na cidade de Tarso, porto bem conhecido da Província Romana da Cilícia, na Ásia Menor. Era fariseu, isto é, do ramo do Judaísmo que acredita na ressurreição, anjos e espíritos, enquanto que os saduceus não acreditam em nada disto. Declarou-se também cidadão romano, e talvez por isso também era chamado Paulo ou Paulus. Tarso era uma cidade oriental com forte influência cultural grega; sua população judia conservava sua identidade pela religião, centralizada na Sinagoga e pela satisfação orgulhosa em pertencer ao povo eleito de Deus.

Inteligente, culto, falando hebreu, aramaico, latim e grego, é certo que não conheceu Jesus, pois sua chegada a Jerusalém foi posterior à crucificação. Perseguiu os cristãos até a ocasião em que, na estrada para Damasco (Síria), teve a visão do Cristo e converteu-se, passando a ser o grande propagador da “Boa Nova”. Começou, então, suas viagens missionárias espalhando o Cristianismo pela Ásia Menor, Macedônia e Grécia. Apesar de ser conhecido como o Apóstolo dos Gentios, em todos os lugares Paulo em primeiro lugar ia à Sinagoga levar o Evangelho aos judeus. Só quando se recusavam a ouvi-lo ou expulsavam é que ia pregar a doutrina de Cristo aos não judeus (gentios). Sua primeira viagem de pregações foi do ano 45 até por volta de 58.



Preso em Jerusalém, foi enviado para Cesaréia, depois foi enviado a Roma e libertado. Fez mais duas viagens, voltando a Roma em 66 e sendo preso junto com S. Pedro. Morreu, após um ano de cativeiro, em 29 de junho de 67, decapitado.

Saulo ou Paulo foi o primeiro teólogo do Cristianismo e com suas viagens missionárias espalhou essa fé pelo mundo. As imensas distâncias percorridas a pé ou cavalo levando a palavra de Deus fazem dele um exemplo para a “Fraternidade do ar livre e do serviço” que é o Pioneirismo. Os *Routiers* da França, os primeiros a fazerem de S. Paulo seu Padroeiro, sentiam-se muito naturalmente companheiros deste Apóstolo, convertido numa estrada, e durante tantos anos caminheiro nas estradas da Palestina, Ásia Menor, Macedônia e Grécia.

#### QUADRO-RESUMO DOS PADROEIROS DOS RAMOS

RAMO	PADROEIRO	CARACTERÍSTICA	LIGAÇÃO COM O JOVEM NO RAMO
Lobinho	Francisco de Assis	O desapego para praticar a bondade; superação do egoísmo e da vaidade; independência, desnecessidade de “acompanhar o rebanho”.	Superação do egocentrismo infantil; prática da bondade
Escoteiro e Sênior	Jorge da Capadócia	A convicção de sua crença e a coragem, não só para manter-se fiel àquilo em que crê como também para combater/superar os obstáculos internos e externos.	Aventurar-se para explorar e descobrir; sobrepujar a preguiça e as aparentes facilidades dos vícios.
Pioneiro	Paulo de Tarso	“Pôr o pé na estrada” para servir; tomar a iniciativa e sair de sua “zona de conforto” para fazer o bem.	Lançar-se ao mundo como adulto apto a assumir suas responsabilidades e a dar sua contribuição para a sociedade.

### **UNIDADE DIDÁTICA 10: ESPÍRITO ESCOTEIRO**

Operando com a mística, manifestada nos símbolos e tradições, tratamos de nossa dimensão espiritual, refletida em nossa identidade grupal. O elemento fundamental evocado é o Espírito do Movimento. A chave que abre este espírito é o romance da vida na natureza. Dificilmente acharemos uma pessoa sobre quem não exerçam atração o apelo da selva e os caminhos abertos da terra. Com essa grande chave abre-se uma enorme porta, ainda que simplesmente para deixar entrar uma rajada de ar fresco e livre e um raio de sol nas vidas, que, de outro modo, iriam prosseguindo tristes e obscuras.

No Ramo Lobinho, essa ligação espiritual com a natureza e a conexão identitária grupal acontecem por meio da vida na Jângal. Os Lobos membros da mesma Alcateia, com os educadores que são versados na Lei da Jângal fazem-se *do mesmo sangue*. Inserir-se e conviver no grupo, como em *Os irmãos de Mowgli*, vencer a própria indolência e indisciplina e valorizar a amizade que leva ao altruísmo, como nas *Caçadas de Kaa*, usar a inteligência para solucionar um grande desafio, como em *Tigre! Tigre!*, evoluir para ingressar no mundo humano a fim de viver novas aventuras de outro tipo, como na *Embriaguez da primavera*, são passos de crescimento tornados mais suaves e ao mesmo tempo marcantes quando vividos no *espírito da Jângal*, com um colorido que os diferencia da pura e simples passagem do tempo e recebimento de novos graus.

No Ramo Escoteiro, os bandeirantes e garimpeiros, heróis das florestas, os desbravadores, os exploradores, os descobridores marítimos, os pilotos são “Flautistas de Hamelin” para os jovens. Eles exemplificam o espírito de aventura e descoberta, e quando o fundo de cena dos jogos e atividades os evoca, sua personificação pelos jovens inspira a viver essa curiosidade, a lutar por alcançar um novo patamar, a fazer novas explorações e descobertas no físico (ainda mais por ser uma etapa de marcantes modificações fisiológicas), no intelecto (curiosidade por conhecer), no caráter (consolidação dos valores morais), no campo afetivo (incluindo os primeiros “namoricos”), na sociabilidade (regras de convivência) e na espiritualidade (superando a forma infantil de fé, do tipo *toma lá-dá cá* com “Papai



do Céu”). Esses temas expressam a constatação pelo jovem de sua bravura, resistência, eficiência, destreza, companheirismo, solidariedade e compaixão, além da percepção da obra divina no mundo ao seu redor e no seu semelhante.

No Ramo Sênior, a mística instigará à superação dos desafios, à afirmação de suas capacidades e à preservação da identidade do grupo. A vida na natureza impõe ao jovem desafios diferentes daqueles do ambiente urbano, mas os conhecimentos, destrezas, atitudes e valores (característicos de sua tribo indígena) que precisará usar em sua superação podem ser metaforizados para situações do seu cotidiano.

No Ramo Pioneiro, a mística evoca o companheirismo, a comunhão de princípios, a energia realizadora e a possibilidade legal de implementar projetos, promovendo a melhoria do ambiente ao seu redor, bem como a construção de seu projeto de vida. O ambiente natural, convidando tanto à reflexão quanto à atividade, estimula no jovem o empenho para “ser bem sucedido”, como o cavaleiro andante que vai pelo mundo a fim de “endireitar tortos e satisfazer agravos”, como disse Dom Quixote (2ª parte, capítulo XXXII).

O Escotismo oferece ao jovem a oportunidade de tomar sua mochila e seu equipamento de campismo, e como uma dessas grandes figuras dos sertões, lançar-se à aventura. Ele seguirá pegadas, acompanhará sinais de pista, praticará sinalização, acenderá seu próprio fogo, armará sua tenda e cozinhará sua “bóia”. Ele fará, por si só, muitas coisas no campo e dará também “uma mão” em muitos trabalhos de pioneirismo (pinguelas, pontes, picadas e caminhos). Sua companhia será sua própria “turma” conduzida pelo seu próprio líder. Ele pode ser um dos da “turma”, mas terá sua própria personalidade. Ele conhecerá a “alegria de viver” pela vida ao ar livre. E isto tem uma grande importância espiritual.

Por meio de pequenas aquisições de conhecimento da natureza, realizadas nas excursões pelos bosques e florestas, as almas incipientes desabroçam, se expandem, crescem, e abrem os olhos para ver em derredor. O ar livre é, por excelência, a escola da observação e compreensão das maravilhas deste grandioso universo. Ele abre o espírito habituando-nos apreciar a beleza que está diariamente diante de nossos olhos e que não vemos. Ele revela aos jovens das cidades esse

mundo de estrelas que se escondem atrás dos arranha-céus e que as luzes da cidade e as fumaças das fábricas não permitem admirar.

O estudo da natureza engloba, em um conjunto harmonioso, todas as questões e problemas do infinito, do mundo macro e microscópico e de sua história, tudo como parte integrante da maravilhosa obra do Criador. Sob esse prisma, sexo e reprodução desempenham nobre e importante papel, sendo, por isso mesmo, reconhecidos e respeitados.

Como pudemos ver, o ambiente natural tem importante papel no emprego de nossos marcos simbólicos, colocando-os em contexto e ajudando a emprestar-lhes significado.

Um assunto que por vezes vem à baila é se uma atividade de Grupo ou de Seção pode/deve ter tema. Não é uma "novidade" ou "invenção de moda". Não é obrigatório que toda atividade tenha um tema, mas isso ajuda muito na hora do planejamento e da aplicação, pois cria um "fundo de cena" que muitas vezes mostra ao participante aplicações práticas de seus conhecimentos escoteiros. Quando a atividade tem um tema, o planejamento tem mais foco, e os objetivos podem ser definidos com mais clareza, bem como as atividades e tarefas que levem a atingi-los.

Um exemplo de atividade temática de grande porte foi o Jamboree Colombo, de 1992. Foi, basicamente, um Jamboree Panamericano cujo tema foi o 5º centenário da descoberta da América.

O Acampamento Regional de Pioneiros de Minas Gerais, realizado anualmente, é outro exemplo de atividade temática: o tema orienta e instiga à pesquisa e ao treinamento, aprimorando conhecimentos, habilidades e atitudes. Num ano, o tema foi "Segurança em atividades", e os jovens tiveram de se aprimorar na construção da mentalidade de segurança, planejando e aplicando procedimentos que resultassem na redução de riscos. Noutro ano, o tema foi "Reciclagem", levando os jovens a fazer aproveitamento de talos e cascas nas refeições e reduzir sua emissão de lixo, fazendo reaproveitamento de materiais. Noutro, com o tema "Jornadeando pelo Brasil", os jovens tinham de montar seu equipamento com o menor peso e volume possível e dormir em redes (as barracas seriam só para vestiário e guarda das mochilas). Os temas levaram os jovens a

planejar e fazer suas refeições dentro do tema, motivando a escolha dos pratos (o que os forçou à pesquisa); os jogos e atividades dentro do tema deram mais colorido à aplicação das técnicas; e as reflexões ligaram o tema à realidade dos jovens.

No Fogo de Conselho, a existência de um tema ajuda também a estimular, de forma direcionada, a criatividade dos participantes, e empresta à cerimônia uma coerência maior que com apresentações aleatórias.

Num acampamento em que se enfatize, por exemplo, a construção de pioneirias, o tema "Robinson Suíço" pode estimular os participantes a construírem artimanhas de campo para terem maior conforto.

Mesmo temas como "Harry Potter", "Power Rangers", "Super-heróis" oferecem boas oportunidades. O ataque ao castelo (baseado na série televisiva *Game of thrones*), ou a superação de obstáculos sem precisar de superpoderes (super-heróis), a vitória obtida mais pelo caráter que pela força (como na série literária *Harry Potter*) são idéias interessantíssimas. As obras de Shakespeare ou de Cervantes oferecem ótimos cenários para refletir e vivenciar valores e atitudes (lealdade, liderança, amizade, "fazer o que é certo"). As Guerras Mundiais podem trazer à baila mudanças de paradigma, resiliência, versatilidade... Como se vê, cada tema oferece uma grande riqueza de ferramentas para a ação educativa.

A valorização dos marcos simbólicos faz parte dos deveres que o adulto assume perante o Movimento Escoteiro. Como se viu, as tradições são elementos de preservação de nossa identidade, pelo que somos, pelo que fazemos e pelo que pretendemos. Sua manutenção é fator de preservação da comunhão de ideias e de espírito dos membros do Escotismo, não importando o tempo e o lugar.

O exemplo do adulto, compreendendo o "como" e o "porquê" dos marcos simbólicos e repassando ao jovem essa compreensão ao aplicar a tradição é que será o fator de continuidade de nossos elementos identitários; não será a repetição vazia de um ritual, mas um ato consciente a ser praticado a cada vez, com significado.

É a vivência da Lei da Jângal, da Lei Escoteira e das Virtudes Pioneiras, marcantes para o jovem na mesma medida em que for marcante o momento do seu

compromisso para com elas, que o levará a ser o melhor homem (a melhor mulher) que puder ser, em proveito não apenas próprio mas também dos que o rodeiam. Eis aí o papel da mística e das tradições na consecução do Propósito do Movimento Escoteiro.

## **CURIOSIDADES**

### **Pronúncia do nome de B-P**

Conquanto estejamos acostumados a pronunciar “Báden-Páuel”, o próprio Fundador dizia, sobre a pronúncia de seu sobrenome: “*Baden* como em *maiden*, *Powell* como em *Noel*”, portanto, a fonética indicada pelo próprio B-P seria “Bêiden-Pouel”. Mas parece que os próprios colegas insistiam em pronunciar o “Powell” como “Páuel”, tanto que o apelido de B-P em Charterhouse era *Bathing-towel* (toalha de banho), por ter som semelhante ao do sobrenome.

### **Composição do sobrenome de B-P**

Quando os filhos de dona Henrietta nasceram, receberam o sobrenome do pai: Powell. Com a morte do reverendo (HG, que aparece em várias referências, não são iniciais do prenome, mas do tratamento *His Grace*, dado a ministros religiosos; o nome de batismo era Baden), a matriarca, apertando o orçamento aqui e ali, desencadeava campanhas de busca de contatos para subir na pirâmide social, de modo a possibilitar aos filhos posições que lhes dessem melhores ganhos e a respeitabilidade próxima à da nobreza. Assim, em 1869, ela deu um golpe de marketing: aproveitando a sonoridade germanizada do prenome do Professor Powell e apostando no hábito britânico de associar um sobrenome composto à aristocracia, além de perpetuar respeitosamente a memória do marido, transformou o nome da família em Baden-Powell (Tim Jeal, *Baden-Powell*). A sonoridade germanizada era interessante porque a Casa Real britânica era a de Saxe-Coburg-Gotha (o *Kaiser* Guilherme II, da Alemanha, era neto da rainha Vitória), que mudou o nome para Windsor quando estourou a Primeira Guerra Mundial. Com essa mudança, o irmão caçula de B-P (que também fez carreira no Exército, mas na Artilharia) passou a se chamar Baden Fletcher Smyth Baden-Powell.

### **Tapir de Prata**

A maior condecoração da UEB é uma homenagem ao “nome de guerra” adotado pelo Dr. Mário Cardim, fundador da Associação Brasileira de Escoteiros.

### **“Nomes de guerra”**

Nos primeiros anos do Escotismo, muitos adultos, inspirando-se nos exemplos indígenas e também nos apelidos que B-P recebeu dos nativos em suas campanhas africanas, adotaram “nomes de guerra” de tipo indígena, que pudessem servir de inspiração aos jovens com quem trabalhavam. Temos, assim, como exemplo, os casos do Dr. Mário Cardim (Tapir de Prata), do Almirante Benjamin Sodré (Velho Lobo – também deu nome a uma condecoração da UEB) e do Prof. Carlos Proença Gomes (Boto Velho), autor de um *Livro de jogos* que, quase um século após a primeira publicação (1928), continua a ser referência.

### **Cáqui (khaki)**

A palavra *khaki*, do idioma hindustani (vinda do persa *khâk*), significa “cor de terra”, “cor de poeira”, e muito apropriadamente foi usada para indicar a cor do uniforme usado pelas tropas britânicas nas colônias a partir da década de 1880 e, depois, nas duas Guerras Mundiais – e que foi também adotada pelos Escoteiros.

### **O milagre de Dunquerque**

Na evacuação da Força Expedicionária Britânica, cercada pelos alemães em Dunquerque (1940), conseguiu-se levar para a Inglaterra, através do Canal da Mancha, mais de 338.000 soldados britânicos e franceses. O esforço de resgate, batizado “Operação Dínamo”, envolveu numerosos barcos civis. Um exemplo foi o barco *Minotaur*, dos Escoteiros do Mar de Mortlake; outro foi o iate *Sundowner*, de 58 pés, que em 31 de maio trouxe de volta 130 soldados britânicos, tripulado por três pessoas: um Escoteiro do Mar, o filho do proprietário e o próprio: Comandante Charles Lightoller, que fora o imediato do *Titanic*. Além do *Minotaur* e do *Sundowner*, muitos outros barcos tiveram Escoteiros do Mar em sua tripulação no grande esforço dos *pequenos barcos*. O Comandante Lightoller (1874-1952) teve o filho mais moço, Herbert Brian, morto no primeiro dia de guerra, ao ser abatido o bombardeiro que pilotava; o que participou de Dunquerque, Frederick Roger, era o mais velho, serviu na Marinha Real e foi morto no finalzinho da guerra na Europa.

Richard Trevor, o filho restante, viu o fim da guerra como Tenente-Coronel do Exército, servindo junto ao Marechal Montgomery. As duas filhas, Mavis e Claire, também sobreviveram à guerra, tendo servido nas forças auxiliares. O *Sundowner* é um dos barcos preservados que participam das comemorações dos aniversários do resgate de Dunquerque.



O Minotaur e o Sundowner.

### **Cruz Suástica e “Anauê”**

Antes da ascensão do Nacional-Socialismo, nos anos 1930, B-P havia instituído uma condecoração Escoteira em forma de cruz suástica, ou cruz gamada. É um símbolo milenar, sânscrito, a “roda de fogo”, representando o Sol em movimento. B-P apresentou-a como representando as quatro partes do mundo (ou os quatro pontos cardeais), onde há Escoteiros, unidos num centro comum em fraternidade. Mas, com esse símbolo passando a ser associado a um sistema que em tudo ia contra a proposta do Escotismo e os mais elementares sentimentos de humanidade, ela foi abolida em 1937. O Governo Brasileiro também proibiu por lei o uso da cruz gamada, com o objetivo de repudiar e coibir qualquer manifestação neonazista em nosso País, que representaria a apologia de uma doutrina maléfica.



O CCME ( Centro Cultural do movimento Escoteiro) registra, entretanto, que tanto a cruz suástica como o brado “Anauê” integravam no passado o elenco dos símbolos e saudações Escoteiros, e que só foram abandonados com advento do nazismo na Alemanha e do integralismo no Brasil. “Anauê” corresponde, na língua

dos índios brasileiros, à expressão “ SALVE” . Esta palavra viria a ser usado por um grupo político de extrema direita nos moldes nazifascistas denominado integralismo, liderado pelo jornalista Plínio Salgado. A Ação Integralista Brasileira tentou um golpe de Estado em 1938; o golpe fracassou, o partido foi extinto, e a saudação teve seu uso proibido.

### **Anrê!**

Quando os Escoteiros querem saudar os companheiros ou a alguém, gritam Anrê (salve).

Canto de saudação dos Escoteiros do Brasil!

**Pró Bra - sil ! - An - rê**

**Pró Bra - sil ! - An - rê**

**Pró Bra - sil ! - An - rê**

Terminando com o nome da pessoa ou corporação à quem se saúda.

### **Vozes de comando e seu apitos**

Encontramos também algo que foi deixado de lado, que serve apenas como referência histórica que são alguns comandos de apitos usados na década de 1920.

Vozes de comando	Apitos correspondentes
Em frente! Avançar	• — (A)
Direita	— • • (D)
Esquerda	— — • — (Q)
Meia volta	• • • — (V)
Fila Indiana	• • (I)
Reunir! Aos seus lugares	• • • • • • (7E)
Acelerado	— • — • (C)
Monitores	— — (M)
Atenção silêncio, alto, alerta	— (T)
Seguir o Chefe	• • • (S)



### Outras convenções

Marche	• (E)
Início de jogo	• — — — (J)
Fim de jogo	• • — • (F)

### Passo Escoteiro

Quando o Escoteiro tem uma distância grande a vencer com pressa, caminha no “**passo Escoteiro**”: são 20 passos duplos correndo e 20 andando em passo vivo, alternadamente. E assim se vai longe, sem cansar, pois ao passar para a andadura faz-se uma recuperação da corrida sem perder a prontidão muscular e aeróbica e sem interromper o avanço.

### Quadros

Uma tradição que se pode incluir nos Grupos é a dos quadros, que podem ser:

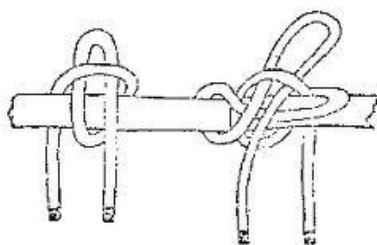
- dos Primos/Monitores/Presidentes de Comissão Administrativa do Clã;
- Todos que conquistaram Distintivos Especiais (Cruzeiro do Sul – Lis de Ouro – Escoteiro da Pátria – Insígnia de B-P) ;
- da Patrulha/Matilha do ano;
- do Destaque do ano no Ramo.

### Distintivos na bandeirola

Numa Patrulha (ou Tropa), se todos os seus Escoteiros conseguissem conquistar uma determinada especialidade ou distintivo de classe, esse distintivo podia ser colocado também na bandeirola. Quando a Patrulha (ou Tropa) recebia alguém que ainda não houvesse obtido o distintivo, deixava de usá-lo na bandeirola até que voltasse a ter todos os integrantes como portadores; isso produzia um forte estímulo para recolocar o distintivo na bandeirola no mais curto prazo.

### Gilwell Park e a Floresta de Epping

Gilwell Park situa-se próximo à Floresta de Epping, que se estende de Londres a Epping (Essex). Nessa floresta, reza a lenda que a chefe bretã Boudicca teve seu último foco de resistência na rebelião dos icenos contra os romanos, e que ela e as filhas teriam se envenenado para não serem capturadas. No século XVIII, a floresta foi a área de operações e esconderijo do famoso salteador Dick Turpin. Ele foi morto em 1739. A *Turpin's Cave*, caverna que, segundo dizem, lhe servia de esconderijo, na qual cabiam homens e cavalos, tornou-se atração turística. Dizem que ocasionalmente aparece na floresta o fantasma de Turpin, usando um chapéu tricórnio. É atribuído a Dick Turpin o nó volta do salteador, uma ancoragem de soltura rápida.



*Nó volta do salteador*

### **Indaba**

É termo zulu-banto e refere-se à reunião de chefes de tribos para cuidar de negócios, serviços, guerras. B-P adotou esta palavra para a concentração de chefes Escoteiros no campo, em atividades e estudos comuns, no sentido de sua confraternização ou do progresso do Movimento, de comemoração ou festas. Atualmente, é um tipo de reunião de chefes cuja orientação é predominantemente operacional; as deliberações de caráter normativo ficam para as Assembleias.

### **Fundadores da Modalidade do Ar no Brasil**

Quando da fundação do Grupo Escoteiro do Ar Tenente Ricardo Kirk, em 1938, os militares envolvidos pertenciam à Arma de Aviação do Exército. Foram transferidos para a Força Aérea quando esta foi criada, em 1941. Quanto ao nome do Grupo Escoteiro: Ricardo Kirk (1874-1915) foi o primeiro aviador do Exército Brasileiro, morto em acidente de aviação durante a Campanha do Contestado, no Paraná; é o Patrono da Aviação do Exército.

### Jack Cornwell

John Travers (Jack) Cornwell (escrito erradamente “Cornwall” nas edições brasileiras de *Escotismo para rapazes*), nascido em 1900, foi um Escoteiro que se alistou na Marinha Real durante a Primeira Guerra Mundial (em 1915), qualificando-se como apontador de canhão. Na Páscoa de 1916, foi encaminhado para embarcar no cruzador ligeiro *HMS Chester*, novinho em folha. Em 31 de maio de 1916, ocorreu a Batalha da Jutlândia. O *Chester* recebeu 18 tiros de navios alemães até retirar-se da luta, e teve 29 tripulantes mortos e 49 feridos (principalmente por estilhaços e nas pernas e costas, porque as torres dos canhões do *Chester* tinham apenas o escudo frontal como proteção para os serventes das peças). Jack Cornwell manteve-se em seu posto de apontador mesmo quando todos os serventes da peça estavam mortos ou feridos, e ele mesmo estava gravemente ferido. Com o retraimento do *Chester* para a Inglaterra, foi levado ao hospital e morreu na madrugada de 2 de junho. Em sua memória construiu-se em 1928 uma área de residências destinada a acolher militares da Marinha (e suas famílias) que tivessem ficado incapacitados pela guerra; o conjunto de instalações faz a figura de uma *Victoria Cross*, que lhe fora concedida postumamente, e é mantido pela Associação de Beneficência da Marinha Real. Foi a terceira pessoa mais jovem a ser agraciada com a *Victoria Cross*, condecoração atribuída a militares que tenham praticado feitos de excepcional bravura em presença do inimigo (pouquíssimos receberam a VC em vida).

B-P, em memória desse antigo Escoteiro, instituiu a *Cornwell Scout Badge*, condecoração usada nas Associações Escoteiras de países da Comunidade Britânica de Nações para reconhecer membros juvenis que tenham praticado ações nas quais demonstraram “elevadíssimo caráter e devoção ao dever, somadas à coragem e à resistência prolongada”.



A *Cornwell Scout Badge*; Jack Cornwell durante o treinamento no *HMS Lancashire*; e junto ao canhão, na Jutlândia.

### **Escoteiros na Lua**

Em 19 de julho de 1969, registrou-se a primeira chegada do homem à Lua. O primeiro homem a pôr os pés em nosso satélite foi o norte-americano Neil Armstrong (1930-2012), antigo Escoteiro que lá fincou não apenas a bandeira de seu país, mas também a da Organização Mundial do Movimento Escoteiro. Também foram Escoteiros os outros dois integrantes da missão, Edwin Aldrin e Michael Collins, e a grande maioria dos astronautas norte-americanos que foram ao espaço.

### **“Deus é grande, mas o mato é maior”**

Este dito era muito popular no Brasil ao tempo da Guerra do Paraguai (1865-1870), entre os homens que buscavam fugir ao recrutamento para a guerra. Mas o que tem a ver com o Movimento Escoteiro? Acontece que *My Sarie Marais* era uma canção muito popular na África do Sul ao tempo da Guerra dos Boers; consta, inclusive, que era uma das favoritas de B-P, que foi trazida para o cancionário Escoteiro. E no texto da canção, na sua versão em afrikaans ou em inglês, o “eu lírico (a canção é em 1ª pessoa)” conta que vivia no Transvaal com Sara (Sarie) e que, com a guerra, teve de “dar no pé” para que os ingleses não o recrutassem à força e mandassem para o ultramar. A canção *My Sarie Marais* ainda hoje é muito conhecida na República Sul-Africana, e, em meados do século XX, foi adotada como dobrado regimental dos *Royal Marines* (Fuzileiros Navais britânicos) – forma de homenagear um inimigo valoroso como o foram os boers. Por ter sido uma canção do gosto de B-P, ainda hoje é também uma conhecida e tocante canção Escoteira.

### **Pioneiria**

As construções rústicas em campo, geralmente feitas com madeira ou bambu, são chamadas **pioneirias**, um aportuguesamento do termo inglês *pioneering*. O nome foi dado a construções rústicas, usando recursos locais, que eram feitas pelos militares de Engenharia para possibilitar a passagem do restante da tropa – pontes, guindastes para carga, abrigos, passadeiras. *Pioneering* era o

trabalho executado pelos *Pioneers* (como era chamado o pessoal de Engenharia no século XIX e começo do XX).

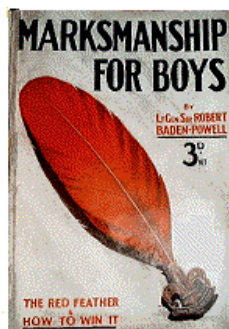
### **Patrulhas do Curso da Insígnia de Madeira**

Consta que as Patrulhas do primeiro Curso da IM, em Gilwell Park, foram Coruja, Cuco, Pica-pau e Pombo (escolhidas por serem aves encontradas em Gilwell Park). Nos EUA, os nomes de animais considerados “tradicionais” do Curso da IM são oito: **Castor**, **Perdiz**, **Águia**, **Raposa**, Coruja, Urso, Búfalo (Bisão) e Antílope (os quatro do primeiro Curso nos EUA são os que estão em negrito). As do primeiro Curso da IM no Brasil, realizado em 1949, são: Pombo, Guará, Touro e Pica-Pau.

### **Jovens atiradores no Escotismo**

Por muitos anos, o Movimento Escoteiro manteve a especialidade de Atirador, usando armas de ar comprimido e de fogo com calibre até o .22 LR. Com as mudanças da legislação em vários lugares do mundo, as armas de fogo deixaram de ser acessíveis aos jovens, podendo, no entanto, ainda se obter a prática com as armas de ar comprimido. Nos primeiros anos do Movimento, considerando a possibilidade de uma guerra (que eclodiu em 1914), B-P fez publicar o manual *Marksmanship for boys* (1913, 64 páginas), para que os jovens buscassem conquistar a insígnia de Atirador (uma pena vermelha presa ao tope escoteiro), tendo nas etapas o tiro com arma de fogo, contra alvos fixos e em movimento. Isso ajudaria o jovem não apenas na preparação para o combate, quando chegasse sua vez de ir para o Exército, mas também para reforçar as forças de defesa territorial na hipótese de uma invasão das Ilhas Britânicas. Na edição inicial do *Escotismo para rapazes*, há um tópico sobre proficiência no tiro (*marksmanship*), no qual B-P relata que os jovens *boers* aprendiam a atirar com uma balista antes de passar ao fuzil, e comenta sobre como obter melhores resultados ao atirar em alvos móveis, sejam animais ou humanos. Inclusive, as ilustrações de *Marksmanship for boys* mostrando alvos humanos (parados ou em movimento) representavam um soldado alemão

com o capacete *pickelhaube* (aquele com ponta em cima, que os alemães usaram de 1866 a 1915).



### **Um segundo “primeiro acampamento”**

Se considerarmos que os participantes do acampamento de Brownsea, marco fundador do Escotismo, ainda não eram formalmente “Escoteiros”, o primeiro acampamento de jovens membros do Movimento, registrados em Tropas, uniformizados e tendo feito a Promessa, sob o comando de B-P, aconteceu pouco mais de um ano depois, de 22 de agosto a 4 de setembro de 1908, em Humshaugh, ao norte de Hexham, Northumberland, Inglaterra. O lugar tinha fortes evocações históricas, pois era próximo à Muralha de Adriano, construída pelos romanos no século I d.C. para conter as invasões dos pictos (escoceses). Participaram do acampamento jovens oriundos de Tropas em toda a Grã-Bretanha. A seleção? Os participantes seriam os 30 mais votados em um formulário que vinha na revista *The Scout* até a edição que sairia uma semana antes do acampamento. Os vencedores da competição foram distribuídos em cinco Patrulhas a 6 integrantes: Corvo, Maçarico, Touro, Canguru e Coruja. Houve, ainda, uma sexta Patrulha “especial”, a Lobo, com jovens convidados a participar do acampamento (ou seja, foram 36 jovens), entre os quais Humphrey Noble (“veterano” de Brownsea, na Patrulha Touro) e Donald Baden-Powell (sobrinho de B-P e seu “ordenança” em Brownsea). O acampamento teve ampla divulgação, com direito a cobertura pela imprensa, e teve o grande objetivo de comprovar que o Escotismo “funcionava”. Além da prática de técnicas de campo, houve oportunidade para os jovens fazerem visitas guiadas aos sítios históricos da vizinhança – castelos, trechos da Muralha de Adriano, locais de combates.

### **Escotismo e Movimentos Juvenis Partidários**

As décadas de 1920 e 1930 viram o crescimento de regimes totalitários – fascismo, nazismo, comunismo. E nos diversos países em que regimes dessa natureza se instalaram, houve a preocupação de constituir movimentos juvenis que, desde cedo, trouxessem às crianças e jovens a doutrinação para que dessem continuidade ao sistema. Na Itália, o fascismo de Mussolini tinha os *Balilla*; na Alemanha nazista, a *Jungvolk* (para jovens de 10 a 14 anos) e a *Hitlerjugend* (para jovens de 14 a 18 anos); na Espanha franquista, a *Frente de La Juventud*; no Portugal salazarista, a *Mocidade Portuguesa*; na União Soviética, os *Jovens Pioneiros* (12 a 16 anos) e o *Komsomol* (16 a 24 anos). Tais organizações de Estado, inspiradas no programa de jogos e vida ao ar livre do Escotismo, substituíram-no, pois a independência ideológica do Movimento era incompatível com o engajamento partidário e a doutrinação que interessavam aos regimes. Foram reproduzidas nos países ocupados (*Chantiers de La Jeunesse*, na França de Vichy, por exemplo). Quando os regimes caíram, suas organizações juvenis partidárias foram dissolvidas e o Escotismo voltou a ser praticado. Curiosamente, em Portugal e Espanha, o Escotismo continuou a existir paralelamente às organizações oficiais – claro, sem o mesmo *status* – e acabou sobrevivendo a elas.

É de Mussolini a famosa frase: “Escoteiros são um bando de crianças vestidas como imbecis comandadas por um imbecil vestido como criança”. Quando B-P entrevistou-se com o *Duce* (Mussolini), em 1933, fez as seguintes objeções ao movimento *Balilla*: era uma organização oficial, e não voluntária; visava nacionalismo partidário em lugar de sentimentos bons, internacionais, mais amplos; era puramente física, sem qualquer equilíbrio espiritual; e desenvolvia disciplina de massa, ao invés da personalidade individual. Na Itália, o Escotismo só não foi suprimido porque era apoiado pelo Papa – e, apesar de ser a cabeça de um regime ditatorial, Mussolini não podia cometer o suicídio político de indispor-se com o Papa num país predominantemente católico e onde fica a sede da Igreja.

### **Os participantes do acampamento de Brownsea em agosto de 1907**

(a tabela mostra nome, idade ao tempo do acampamento, procedência e destino do jovem)

\*BB: Boys' Brigade**Patrulha Maçarico****Monitor**

<i>Musgrave Casenove (Bob) Wroughton</i>	16 $\frac{3}{4}$	Harrow School	B-P amigo da família. Morto em combate, 1ª batalha de Ypres, outubro 1914
--	------------------	---------------	---

**Patrulheiros**

<i>Cedric Isham Curteis</i>	13 $\frac{1}{2}$	Elstree School	Condecorado com a Military Cross na 1ª Grande Guerra. Falecido em abril 1962
<i>John Michael Evans-Lombe</i>	11 $\frac{1}{4}$	Cheltenham College	Condecorado com a Military Cross na 1ª Grande Guerra. Morto no serviço militar da ativa em Mumbai (Índia), 1938
<i>Percy Arthur Medway</i>	14 $\frac{1}{4}$	1st Poole BB	Tornou-se engenheiro
<i>Reginald Walter Giles</i>	14 $\frac{3}{4}$	1st Poole BB	Tornou-se padeiro. Faleceu em fevereiro de 1969
<i>Charles Christian Simon Rodney</i>	14 $\frac{3}{4}$	Home Tutored	Prisioneiro de Guerra em 1918. Falecido em 1980.

**Patrulha Corvo****Monitor**

<i>Thomas Brian Ashton Evans-Lombe</i>	14	Cheltenham College	Faleceu em 1994, aos 100 anos de idade, último sobrevivente
--	----	--------------------	---

**Patrulheiros**

<i>Arthur Primmer</i>	15 $\frac{1}{2}$	1st Poole BB	Ligado ao Escotismo pelo resto da vida. Condecorado com a medalha Silver Wolf
<i>Albert (Bert) Lionel Blandford</i>	13 $\frac{3}{4}$	1st Bournemouth BB	Morto em combate, Flandres
<i>James Henry Bertie Rodney</i>	14 $\frac{1}{4}$	Harrow School	Ferido duas vezes e condecorado com a Military Cross na 1ª Grande Guerra. Falecido em 1933
<i>Marc Andrew Patrick Noble</i>	10 $\frac{1}{4}$	Eton College	Morto em consequência de ferimentos, 3ª batalha de Ypres, julho 1917. Condecorado com a Military Cross.

**Patrulha Lobo****Monitor**

<i>George Brydges Harley Guest Rodney</i>	15 $\frac{3}{4}$	Eton College	Tornou-se Lord Rodney. Faleceu em dezembro de 1974
---	------------------	--------------	--

**Patrulheiros**

<i>Herbert (Bert) 'Nippy'</i>	17	1st	Constituiu a 4th Bournemouth Scouts.
-------------------------------	----	-----	--------------------------------------



Watts		Bournemouth BB	Revisitou Brownsea em 1927
J Alan Vivian	15	1st Bournemouth BB	Serviu como motorista na França, na 1ª Grande Guerra, com os Royal Engineers.
Terence (Terry) Ewart Bonfield	13 $\frac{3}{4}$	1st Bournemouth BB	Entrevistado em 1989. Condecorado com a medalha Silver Wolf
Richard Grant	?	1st Bournemouth BB	Morto por doença em Áden, 1918 (após a guerra)

### Patrulha Touro

#### Monitor

Herbert Barnes Emley	16	Charterhouse School	Pai oriundo da África do Sul. Condecorado Companheiro da Ordem de São Miguel e São Jorge (CMG). Faleceu em novembro de 1948
----------------------	----	---------------------	---

#### Patrulheiros

Ethelbert (Bert) James Tarrant	16 $\frac{1}{2}$	1st Bournemouth BB	Morto como resultado de uma cirurgia em 1911
William Francis Rodney	10 $\frac{3}{4}$	Home Tuted	Pertenceu ao <i>Royal Flying Corps</i> , morto em decorrência de ferimentos, Flandres, maio 1915
Herbert (Bert) Nathan Collingbourne	15	1st Bournemouth BB	Morto em decorrência de efeitos de envenenamento por gás em março de 1926
Humphrey Brunel Noble	15 $\frac{1}{4}$	Eton College	Condecorado com a Military Cross na 1ª Grande Guerra. Feito Membro da Ordem do Império Britânico (MBE). Posteriormente feito cavaleiro. Faleceu em agosto de 1968

#### Assistentes

George Walter Green	48	Boys' Brigade Captain	Falecido em janeiro de 1947
Kenneth McLaren	47	Public School	Companheiro de Baden-Powell no Exército. Faleceu em janeiro de 1924
Henry Robson	51	BB Captain	Falecido em março de 1932
Camp Orderly Donald Ferlys Wilson Baden-Powell	9 $\frac{3}{4}$	Eton College	Filho de George, irmão de B-P. Faleceu em 1973

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

BÍBLIA SAGRADA. Edições CNBB, 2010.

BADEN-POWELL, Robert Stephenson Smyth. **Lições da escola da vida**. Curitiba: Editora Escoteira, 2009.

\_\_\_\_\_. **Escotismo para rapazes**. Curitiba: Editora Escoteira, 2006.

\_\_\_\_\_. **Guia do Chefe Escoteiro**. Brasília: Editora Escoteira, 1982.

\_\_\_\_\_. **Marksmanship for boys: the Red Feather and how to win it**. London: C. Arthur Pearson, 1915 (capturado em [www.thedump.scoutscan.com](http://www.thedump.scoutscan.com)).

BLOWER, Bernard David. **História do Escotismo brasileiro**, volume I, tomo I (1910-1924). Rio de Janeiro: Centro Cultural do Movimento Escoteiro, 1994.

CALÁBRIA, Hipólito Benito Gomes. **Fogo de Conselho**. Juiz de Fora: edição da UEB/MG, 1984.

CAMARGO, Fernando Antônio Lucas; MORAES, Miguel Augusto Najar de. **Jogando para a segurança: jogos para treinamento em segurança do trabalho**. São Paulo: Nelpa, 2010.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma**. São Paulo: Hemus, 1975.

DE PAULA, Francisco Floriano. **Para ser Escoteiro Novião**. Belo Horizonte: Editora Escoteira, 1961.

\_\_\_\_\_. **Para ser Escoteiro de 1ª Classe**, 3.ed. Rio de Janeiro: Editora Escoteira, 1974.

GARDNER, Howard. **Leading minds: an anatomy of leadership**. New York: Basic Books, 1995.

GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial: os 2.174 dias que mudaram o mundo**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

GILCRAFT. **Lobatos**. México/Buenos Aires: Editorial Scout Interamericana, 1966.

GROSSMAN, Dave. **Matar!:** um estudo sobre o ato de matar e o preço cobrado do combatente e da sociedade. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2007.

- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HORN, Luiz César de Simas. **Fogo de Conselho**. Curitiba: Editora Escoteira, 2007.
- JACQUIN, Guy. **A educação pelo jogo**. São Paulo: Flamboyant, 1960.
- JEAL, Tim. **Baden-Powell**. Londres: Pimlico, 1991.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. **O homem e seus símbolos**, 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.
- JUNG, Emma; VON FRANZ, Marie-Louise. **A lenda do Graal: do ponto de vista psicológico**. São Paulo: Cultrix, 1991.
- KIPLING, Rudyard. **Kim**, 8.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.
- \_\_\_\_\_. **O livro da jângal**. São Paulo: Círculo do Livro, 1997. Porto Alegre: Editora Escoteira, 1987.
- LORD, Walter. **O milagre de Dunquerque**. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- MACHADO, Luís Toledo. **O herói, o mito e a epopeia**. São Paulo: Alba, 1962.
- MARDONES, José María. **A vida do símbolo: a dimensão simbólica da religião**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- MARSHALL, Samuel Lyman Atwood. **Homens ou fogo?**, 2.ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2003.
- NAGY, Laszlo. **250 milhões de Escoteiros**. Porto Alegre: Editora Escoteira, 1997.
- RIBEIRO, Antonio Boulanger Uchoa. **O Chapelão: histórias da vida de Baden-Powell**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Em meus sonhos volto sempre a Gilwell**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2007.
- SAUNDERS, Hilary St. George. **The left handshake: the Scout Movement during the war, 1939-1945**. Londres: Collins St. James's Place, 1949.
- STAROSTA, Moacir (trad. e org.). **Gilwell: O Livro de Gilwell, da Organização Mundial do Movimento Escoteiro – Região Interamericana, e Gilwell Park: uma breve história e roteiro de visita**, de Peter Rogers. Curitiba: Editora Escoteira, 2008.
- UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL, REGIÃO DE MINAS GERAIS. **Manual de cerimônias**.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **POR – Princípios, Organização e Regras:** edição 2008.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Manual de identidade visual e otimização da imagem.** Curitiba: Editora Escoteira, 2010.

VELHO LOBO (Benjamin Sodré). **Guia do Escoteiro.** Rio de Janeiro: Centro Cultural do Movimento Escoteiro, 1994.

VILHENA, Maria Angela. **Ritos:** expressões e propriedades. São Paulo: Paulinas, 2005.